

GARTH NIX

As Chaves do Reino

6



Sábado Superior



FUNDAMENTO



2014, Editora Fundamento Educacional Ltda.
Editor e edição de texto: Editora Fundamento Editoração eletrônica: Scrok. Com (Duilio David Scrok)
CTP e impressão: SVP — Gráfica Pallotti
Tradução: Capelo Traduções e Versões Ltda. (Neuza Capelo)
Produzido originalmente por Scholastic Press em 2008.
Copyright de texto © Garth Nix, 2008.

Arte da capa feita por John Black e design da capa de Steve Scott, usados com permissão da Scholastic Inc.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nix, Garth

As Chaves do Reino 6: Sábado Superior / Garth Nix; [versão brasileira da editora] 1. ed. — São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2014.

Título original: The Keys to the Kingdom: Superior Saturday 1. Literatura infantojuvenil I. Título.

11-14841 CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028. 5 2. Literatura juvenil 028. 5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1. 825, de dezembro de 1907. Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Site: www.editorafundamento.com.br

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna

GARTH NIX

As Chaves do Reino

Sábado Superior





Prólogo

Sábado, autointitulada Suprema Feiticeira da Casa, estava em seu posto de observação particular com paredes de cristal, no ponto culminante de seu território. Localizado no último andar da torre que vinha sendo construída havia quase dez mil anos, o posto de observação subia cada vez mais, pois os construtores encaixavam novos andares na parte de baixo.

Através do vidro lavado, Sábado observava a grande quantidade de pontos indistintos de luz verde lá embaixo. Parecia que a torre, com milhares de metros de altura, estava de cima a baixo infestada de vaga-lumes. Na verdade, porém, tratava-se de pequenas lâmpadas verdes que iluminavam as mesas de trabalho da Casa Superior. Todas ocupavam exatamente a mesma posição, já que cada uma ficava no meio de um cubo aberto, feito de ferro fundido vermelho, com o piso vazado e sem teto.

Os cubos que formavam a estrutura da torre de Sábado corriam sobre trilhos horizontais e verticais. Subiam, desciam e movimentavam-se lateralmente, de acordo com os méritos dos Habitantes que trabalhavam nas mesas.

Na base da torre, correntes movidas por poderosos motores a vapor sustentavam os cubos. A tarefa de construir os trilhos e abastecer os motores cabia a robôs feitos de bronze e a alguns Habitantes infelizes que, de um modo ou de outro, haviam aborrecido Sábado. Em situação ainda inferior, ficava a macacada da graxa — crianças do Tocador de Gaita que cuidavam de quilômetros de mecanismos rápidos e perigosos.

A visão do território, da torre e das dezenas de milhares de Feiticeiros dentro dela não alterava a pulsação de Sábado. Embora preferisse olhar para baixo, de vez em quando ela olhava para cima.

Naquela ocasião, a princípio enxergou apenas nuvens, mas, de repente, percebeu um lampejo de luz verde, mais escura e misteriosa do que a luz de suas lâmpadas. As nuvens se abriram um pouco, mostrando o teto cor de esmeralda da Casa Superior, que era também o piso dos Jardins Incomparáveis. Sábado fez uma careta, prejudicando a extraordinária beleza de seu rosto. Havia dez mil anos vinha construindo a torre, tentando alcançar e invadir os

Jardins Incomparáveis. No entanto, por mais que a torre subisse, os Jardins sempre se afastavam. E, para piorar as coisas, Lorde Domingo cuidava para que só ela pudesse ver isso. Quando algum Habitante olhava para cima, as nuvens se fechavam.

Com ar de concentração, Sábado esticou o braço, mas o que enxergou ao longe não lhe serviu de consolo. Na pontinha da Casa Superior uma sombra vertical se estendia do chão às nuvens, tomando a cor verde próximo à parte de cima. Na verdade, tratava-se de uma árvore enorme, um dos quatro pés de Pau-Drasil que sustentavam os Jardins Incomparáveis.

As árvores eram a razão de Sábado nunca fazer sua torre chegar à altura desejada, já que cresciam mais depressa do que a construção, empurrando os Jardins para cima.

Ela havia tentado destruir os pés de Pau-Drasil ou retardar seu crescimento usando magia, veneno e até força bruta, mas os resultados foram nulos. Sábado chegou a mandar Indolentes Inteligentes e Feiticeiros Excedentes escalam os troncos para se infiltrarem nos domínios de Lorde Domingo, mas nenhum deles passou da metade do caminho; foram todos derrotados por insetos defensores que viviam em túneis escavados na casca das grandes árvores. Voar seria impossível, já que acima das nuvens os galhos se espalhavam em todas as direções, tornando-se perigosamente destruidores pela rapidez com que atacavam.

A situação se prolongava por milênios: Sábado construía, as árvores cresciam e Domingo permanecia isolado, poderoso e seguro nos Jardins Incomparáveis.

Mas houve uma grande reviravolta quando um menino espirrou, lá na superfície de uma distante estrela morta. O Testamento da Arquiteta finalmente foi libertado e escolheu um Herdeiro Legítimo, que passou a tomar as Chaves dos Curadores desleais. O sucesso e a agilidade do mortal Artur — era esse o nome do menino — foi uma surpresa, e não apenas para Sábado.

Na verdade, ela pouco se importava com isso, pois se preparava para a execução do Testamento e para a chegada de um Herdeiro praticamente desde o desaparecimento da Arquiteta. Sábado não era somente uma Curadora poderosa devido à posse da Chave recebida da Arquiteta, mas uma Feiticeira muitíssimo capacitada. Excetuando o Velho e a Arquiteta, ela era a mais antiga entidade do Universo, o que explicava sua maldade: por ser a primeira Habitante criada pela Arquiteta, considerava-se superior a todos, inclusive às

crianças, de quem não gostava. Em sua opinião, era ela, e não Domingo, quem deveria habitar os Jardins Incomparáveis. Todas as suas atitudes aspiravam à correção dessa injustiça.

Uma tosse abafada, vinda de trás, chamou Sábado de volta ao presente.

— Com licença, Majestade — falou um Habitante alto impecavelmente vestido.

Ao voltar-se, ela fez ondular o manto tecido com o brilho das estrelas e da Lua, revelando as belas pernas. Além do manto, produzido magicamente havia muito tempo, ela usava uma capa tecida em ouro, salpicada de pequenas safiras, e sapatos de salto alto em aço, com bicos ameaçadores. Seus cabelos longos azul metálico chegavam aos ombros. Uma tiara de ouro, na qual se entrelaçavam palavras mágicas escritas em diamantes móveis, impedia que fios de cabelo lhe caíssem na testa.

O Habitante se ajoelhou, fazendo a cauda de seu fraque cair sobre a sola das botas incrivelmente brilhantes.

— Você é candidato a meu novo Crepúsculo — disse Sábado.

O Habitante inclinou ainda mais a cabeça, indicando estar de acordo.

— O Crepúsculo anterior era seu irmão? Saiu do mesmo molde?

— Sim, Majestade, era meu irmão mais velho, com diferença de um momento.

— Ótimo. Ele me serviu com eficiência e, pelo menos parcialmente, saiu-se bem em sua última missão, apesar de ter morrido. Meio-Dia já lhe transmitiu todas as informações?

— Acho que sim, Majestade.

Sábado estalou os dedos e o novo Crepúsculo se levantou. Ele tinha cerca de 2 metros de altura, mas sua ama era quase meio metro mais alta, mesmo sem os sapatos de salto. Ele manteve a cabeça baixa, sem coragem de encará-la.

— Diga-me, então — ela pediu —, minhas atitudes prenunciam uma vitória final?

— Acredito que sim. Embora a Casa não desmorone tão rapidamente quanto esperado, ela cai aos poucos e nossas futuras ofensivas devem acelerar o processo. Por enquanto, os relatos i formam que o Nada invadiu as Regiões Afastadas, além de extensas áreas do Mar Fronteiriço, e que nossas atividades não foram afetadas pelo fato, mesmo havendo danos consideráveis aos pontos de defesa do Grande Labirinto localizados nas montanhas. É praticamente

certo que a Primeira Dama, nome que o Testamento adotou para si, e seu subordinado Artur não tenham poderes para deter a destruição.

— Ótimo. E qual é o efeito sobre as árvores?

— À medida que o Nada se espalha, as raízes mais profundas são prejudicadas, o que já reduziu o crescimento das árvores em cerca de 6%. No entanto, elas ainda elevam os Jardins mais rapidamente do que conseguimos construir. As projeções indicam que, quando as Regiões Afastadas e a Casa Inferior forem devoradas pelo Nada, conseguiremos ser mais rápidos na construção do que as árvores no crescimento. Em poucos dias, atingiremos nosso objetivo. Depois que outras partes da Casa caírem, será questão de horas.

— Excelente! — exclamou Sábado com um sorriso no canto dos lábios, pintados de azul brilhante. — Posso ter certeza de que a Porta da Frente se mantém fechada e os elevadores continuam parados? Não quero interferências da Primeira Dama nem do Tocador de Gaita.

— A Porta da Frente se mantém fechada, embora o Tenente Guardião tenha solicitado sua reabertura à Corte dos Dias. Portanto, se Lorde Domingo...

— Domingo se isola nos Jardins — interrompeu Sábado. — Não quer saber de mais nada. Ele não vai interferir. Pelo menos até ser tarde demais.

— Se Sua Majestade diz assim... — falou Crepúsculo diplomaticamente. — Todas as entradas do elevador para a Casa Superior foram lacradas e estão sob guarda, mas parece que operadores rebelados retomaram alguns serviços em outros locais.

— Deixe-os andar pelas ruínas. As feitiçarias contra a Escada Improvável e a Quinta Chave continuam em ação?

— Quatro turnos de 900 Feiticeiros montam guarda. Enquanto isso, 2, 8 mil Feiticeiros de nível executivo ficam a postos nas mesas de trabalho, para o caso de ser preciso agir contra os efeitos da Chave nas mãos do Aspirante ou anular um feitiço lançado pelo Tocador de Gaita.

— O Tocador de Gaita! — exclamou Sábado. — Se ao menos eu tivesse acabado com ele, séculos atrás! Pelo menos, ele culpa o irmão. Quais são as notícias sobre o Tocador de Gaita? Afinal, nós nos livramos dos malditos Ratos?

Crepúsculo respondeu com cautela:

— Não temos certeza absoluta quanto ao que faz o Tocador de Gaita. As forças dele se retiraram do Grande Labirinto. Acredita-se que tenham ido para o refúgio por ele criado para os Novicas, mas ainda não sabemos a localização, nem se a concentração de forças é para lutar contra nós ou contra a Primeira Dama.

— Nossas defesas são capazes de resistir tanto ao Tocador de Gaita como ao Aspirante — afirmou Sábado segura. — Ninguém entra por elevador, pela Escada ou pela Porta da Frente nem usando a Quinta Chave. Não há outro caminho.

Crepúsculo de Sábado não falou, mas, por um momento, uma pequeníssima ruga surgiu em sua testa.

— E os Ratos? — indagou Sábado.

— Há cinco dias não são vistos. Perdemos 14 Fiscais de nível inferior e algumas crianças do Tocador de Gaita para os robôs caçadores de Ratos, mas já se solicitou a volta deles.

— Não. Deixe que fiquem por lá. Não quero aquelas criaturas xeretando por aqui.

— Por falar nas crianças do Tocador de Gaita, empregamos um grande número delas como força de trabalho, mas dizem que algumas foram instigadas por ele a se voltarem contra Quinta-Feira. Eu não gostaria que elas se voltassem contra nós.

— É. Ele tem poder sobre suas criaturas, que devem obedecer a sua gaita. Como precisamos das crianças para manter o ritmo acelerado da construção, é melhor que ele não apareça na Casa Superior. No entanto, é melhor estarmos preparados. Diga a Meio-Dia que convoque um número adequado de Feiticeiros Excedentes para vigiar as crianças do Tocador de Gaita. E matá-las, se eu assim determinar.

— Muito bem, Majestade. Mas há outra questão...

— Sim?

— O Aspirante. O tal Artur Penhaligon. Acabamos de saber que ele voltou aos Reinos Secundários, à Terra. Devemos implementar o plano de contingência?

Sábado sorriu.

— Sim, agora mesmo. Sabe se ele tem alguma Chave?

— Não, Majestade, mas as circunstâncias sugerem que ele esteja de posse, pelo menos, da Quinta Chave.

— Será proteção suficiente para ele? Vai ser interessante descobrir. Mande Pravuil agir imediatamente.

— Aham... — pigarreou Crepúsculo. — Lamento informar que ainda não é sábado na Terra, Majestade. Faltam cerca de 40 minutos para a meia-noite de sexta-feira e há uma pequena diferença de horário entre a Casa e aquele Reino Secundário.

Sábado hesitou, avaliando a situação. O Acordo entre os Curadores tinha sido quebrado, mas o tratado continuava a existir e poderia haver implicações de ordem mágica caso ela ou seus agentes resolvessem atuar fora de sua esfera de poder nos Reinos Secundários.

— Então Pravuil deve agir assim que soar o último toque da meia-noite — decidiu ela. — No primeiro segundo de sábado. Nem um instantinho a mais. Cuide disso agora.

— Sim, Majestade.

Com essa resposta e uma reverência elegante, o novo Crepúsculo se encaminhou à escada prateada em espiral que levava ao cubo situado exatamente embaixo do posto de observação.

Assim que ele desapareceu, Sábado Superior voltou a olhar para o céu e para as nuvens em movimento. Por um momento, surgiu diante de seus olhos a visão torturante e enfiurecedora da parte de baixo dos Jardins Incomparáveis.





Capítulo 1

A escuridão tomava a parte de fora do pequeno hospital particular. As luzes da rua estavam apagadas, e as casas próximas, bem fechadas. Somente linhas iluminadas em volta de algumas janelas indicavam a presença de gente dentro das casas e a normalidade no abastecimento de energia elétrica. Havia pontinhos vermelhos no céu, mas eram as luzes de navegação dos helicópteros, que voavam em círculos. De vez em quando, brilhava o clarão de um holofote, seguido imediatamente pelo desagradável matraquear de uma metralhadora.

Dentro do hospital, a piscina vazia foi destacada por um clarão acompanhado de um estampido que fez trepidarem as janelas e abafou o som distante dos disparos. Enquanto a escuridão voltava, uma batida lenta e regular começou a ecoar pelos corredores.

Na sala da frente, uma mulher visivelmente cansada, vestida com um surrado uniforme azul, desviou os olhos da tela onde eram apresentadas as mais recentes más notícias, levantou-se de um salto e acendeu as luzes do corredor. Em seguida, pegou o balde e o pano de chão e saiu correndo. O estampido e as batidas anunciavam a chegada da Sra. Sexta-Feira, que fazia uma exigência: chão muito limpo no caminho que ia percorrer, de modo que pudesse ver a própria imagem refletida.

A faxineira percorreu as enfermarias, acendendo as luzes ao passar. Antes de ir para a área da piscina, ela consultou o relógio. Eram 23h15 de sexta-feira. A Sra. Sexta-Feira nunca chegava tão tarde, mas seus subordinados às vezes faziam isso. De qualquer modo, a empregada não tinha permissão para sair antes de terminar o serviço. E nem teria aonde ir, com a quarentena em vigor e os helicópteros atirando em quem se aventurasse na rua. O noticiário falava em “último recurso” a ser aplicado contra a “transmissão da praga” que assolava a cidade.

A mulher respirou fundo. Depois, curvou-se, molhou o pano e empurrou o balde pela fresta da porta. Em seguida, sem olhar, esticou-se para acender a luz, como tinha feito tantas vezes, em muitas sextas-feiras. Ela havia aprendido

a manter os olhos baixos, para não correr o risco de encontrar o olhar de Sexta-Feira ou ser atraída pelo espelho.

Mas quem atravessou o portal na piscina vazia e subiu a rampa não foram os subordinados de Sexta-Feira nem ela própria.

Ao levantar os olhos, a faxineira deixou cair o pano e gritou:

— Eles estão voltando! Mas nunca voltaram!

Os sonâmbulos que tinham entrado na piscina, naquela manhã, levados pela Sra. Sexta-Feira em pessoa, subiam com passos trôpegos, os braços esticados à frente, na posição clássica vista nos filmes.

Desta vez, porém, não estavam lá a Sra. Sexta-Feira nem seus subordinados absurdamente altos e belos.

Então a faxineira viu a garota, a tal que estava acordada de manhã. Ela amparava a primeira pessoa da fila, uma mulher, conduzindo-a ao centro da rampa. Os sonâmbulos não pareciam tão obedientes nem tão profundamente adormecidos.

— Ei! — chamou a garota. — Lembra-se de mim?

A faxineira fez que sim, sem entender.

— Meu nome é Folha. E o seu?

— Vess.

— Ajude-me, então, Vess! Temos que acomodar todos nas camas, ao menos por esta noite!

— E... E a Sra. Sexta-Feira?

— Ela se foi. Derrotada por Artur — respondeu Folha, apontando para trás.

Vess olhou e viu um garoto bonito, mais ou menos da idade de Folha. Tinha a pele perfeita, os cabelos brilhantes, os dentes branquíssimos. Mas havia nele um detalhe mais interessante: a luz que trazia na mão, um objeto muito brilhante como uma estrela, no qual Vess reconheceu o espelho de Sexta-Feira.

— Senhor! — ela saudou, ajoelhando-se.

Folha franziu a testa e olhou para Artur. Naquele momento, ela o viu com novos olhos.

— O que foi? — perguntou Artur. — Ei, não os deixe parar, senão vai haver um engavetamento!

— Desculpe — disse Folha.

Antes de continuar, ela pegou pelo braço a primeira da fila, sua tia Manga.

— É que... Bem... Só agora vi que você... Não parece o mesmo.

Artur se olhou surpreso.

— Você era um pouco mais baixo do que eu. Cresceu quase dez centímetros e ficou mais... Humm... Mais bonito.

— Eu? — ele estranhou.

Algumas semanas antes, Artur teria ficado feliz se alguém dissesse que estava crescendo. Naquele momento, porém, sentiu um arrepio desagradável, ao tomar consciência do anel que indicava o nível de contaminação de seus ossos e sangue pela magia. Então forçou-se a desviar o olhar. Preferia não saber ainda se sua transformação em Habitante tinha chegado a um ponto sem volta. No entanto, seu coração conhecia a resposta, mesmo sem ver o anel.

— Não pense nisso agora — ele disse. — Primeiro vamos acomodar estas pessoas. Qual é seu nome, mesmo? Vess, preciso da sua ajuda. Pode levar os sonâmbulos para as camas, por favor? São cerca de 2 mil, e só contamos com Martine e Harrison para ajudar.

— Martine e Harrison? — espantou-se Vess. — Não vejo os dois há... Pensei que tivessem morrido!

— Estavam... cuidando dos sonâmbulos no retiro da Sra. Sexta-Feira — explicou Artur. — Ei, Folha! Eles vão bater de cara na porta!

Delicadamente, Folha virou a tia de frente para a parede e disparou em direção ao início da fila para orientar as pessoas adormecidas. Ela prendeu a porta, de modo que ficasse aberta, e pegou no cinto um pequeno cone de prata para usar como megafone. Ele era uma das ferramentas utilizadas pelos subordinados de Sexta-Feira para dirigir os sonâmbulos, pois amplificava e alterava a voz. Vess estremeceu ao reconhecer a voz da Sra. Sexta-Feira.

— Procure uma cama vazia e fique de pé ao lado dela — mandou Folha.

Os sonâmbulos obedeceram, embora tivessem a tendência de muitos se juntarem em volta da mesma cama, em uma grande confusão, até que algum deles se estabelecesse na cabeceira e mandasse os outros se afastarem. Folha voltou correndo ao encontro da tia, que andava em círculos, tentando obedecer à ordem de encontrar uma cama.

Artur permaneceu na piscina, repetindo para os sonâmbulos, à medida que passavam por ele, as instruções dadas por Folha. Para ser obedecido, não precisava de cone de prata, fosse por segurar a Quinta Chave ou por sua voz soar carregada da autoridade inerente à posição de Herdeiro Legítimo da Arquiteta.

Apesar da aparência de garoto comum, Artur havia tomado cinco Chaves, que estavam em poder de cinco Curadores infiéis, e mandava na maior parte da Casa, o epicentro do Universo. Mesmo que, na realidade, tivesse passado pouco tempo naquele mundo, ele se sentia muito mais maduro. Mas sabia também que estava cada vez menos humano.

Os sonâmbulos continuavam a sair do fundo escuro da piscina, que era na verdade uma passagem para outro Reino Secundário, o retiro secreto onde a Sra. Sexta-Feira roubava as lembranças dos seres humanos, transformando-os em carcaças vazias. Aqueles sonâmbulos, porém, estavam de volta. Tinham escapado por pouco. Acordariam quando o efeito passasse e nada saberiam de seu drama.

Martine, que fazia parte da equipe de seres humanos comandados pela Sra. Sexta-Feira, apareceu e fez um sinal de cabeça na direção de Artur, antes de começar a subir a rampa. Tinha uma expressão que ele identificou como um misto de ansiedade e medo. Martine havia sido forçada a ficar no retiro de Sexta-Feira e trabalhar lá por mais de 30 anos.

“Ela vai estranhar o mundo atual”, pensou Artur. O mundo realmente ficava mais estranho a cada dia, entre outras razões porque a presença de Habitantes e Nadicas, vindos da Casa, exerciam um efeito nocivo sobre os Reinos Secundários — a Terra, inclusive —, prejudicando o ambiente em vários aspectos, como a geração espontânea de vírus desconhecidos e mortais.

Esses pensamentos passavam pela cabeça de Artur enquanto ele observava a marcha dos sonâmbulos, às vezes ajudando um ou outro a seguir em frente. A presença dele, então de posse da Quinta Chave, com certeza desestabilizava alguma coisa na Terra, com más consequências. A Praga do Sono, por exemplo. Ele não podia demorar ali. Talvez nem tivesse tempo de ir em casa e ver como estava a família. Mas precisava desesperadamente de notícias da irmã, Michaeli, e do irmão, Eric, assim como saber o paradeiro da mãe, Emily. Se o Espirrador estava certo, ela não se encontrava na Terra. Quem a teria levado?

Um toque de telefone, cada vez mais alto e mais próximo, interrompeu os pensamentos de Artur. Ele ficou preocupado. Tinha um telefone celular, mas o toque parecia de um daqueles aparelhos antigos e vinha de dentro de seu casaco de papel.

Artur suspirou e guardou a Quinta Chave no bolso, onde mexeu para ver se achava alguma coisa. Acabou encontrando um tubo frio e pequeno, que com

certeza não estava lá antes. Ao toque de seus dedos, surgiu um telefone de modelo antigo, com o fone separado, que não caberia no bolso nem no tubo. Tratava-se, em outras palavras, de uma perfeitamente normal concretização de um telefone da Casa, de acordo com suas regras mágicas.

— Alô? — falou Artur.

— Aguarde um momento — respondeu uma voz que parecia mais de um ser humano operador de telefonia do que de um Habitante. — Estou completando a ligação, senhor.

— Quem está falando? — alguém perguntou.

Novamente, a voz, desta vez masculina, soou familiar. E não era a de um Habitante.

— Erazmuz? — perguntou Artur surpreso.

Erazmuz era seu irmão mais velho, major do Exército. Como poderia ele estar ligando de um telefone da Casa?

— Artur? Como passou pelas barreiras? Ah, deixe para lá. Emily está em casa?

— Ah... Não. Eu não...

— E Eric? E Michaeli?

Erazmuz falava tão depressa que Artur não conseguia responder. Assim, não pôde dizer que não estava em casa, embora tivesse atendido ao telefone.

— Não...

— É que...

A voz de Erazmuz falhou por um segundo, mas ele logo se recuperou, falando ainda mais depressa.

— Tudo bem. Pegue um estoque de água para beber e de comida enlatada. Não esqueça o abrigo. Pegue também roupas quentes e desça para o porão o mais rápido possível. Não demore mais de dez minutos. Dez minutos no máximo, entendeu? Feche tudo e fique lá. Sabe onde Emily e os outros estão?

— Não! O que está acontecendo?

— O General Pravuil acabou de sobrevoar a área e ordenou o lançamento de quatro pequenas bombas nucleares sobre o que restou do Hospital da Zona Leste, às 24h01. O porão é seguro, mas não saiam até que eu chegue lá. Vou com a equipe de limpeza.

— O quê? — espantou-se Artur. — Armas nucleares? Não posso acreditar que você... que o Exército vá bombardear uma parte da cidade! Deve haver milhares de pessoas...

— Artur! Eu nem deveria estar falando com você! Não perca tempo!
Pelo tom de voz, via-se claramente que Erazmuz estava desesperado.

— Não dá para impedir. O general cancelou todas as folgas e o hospital foi considerado local de transmissão do vírus da praga do sono. Estamos em estado de emergência! Pegue água, comida e cobertores e vá para o porão agora!

A ligação caiu. O telefone começou a se desmanchar nas mãos de Artur.

— Espere! — ordenou Artur, apertando o aparelho. — Quero telefonar!

O telefone recuperou a forma. Ouviu-se um canto a distância, um grito e, em seguida, uma voz suave e melodiosa:

— Oh, saia, por favor. É meu turno. Não me importo com o que Sábado diz. Telefonista falando.

— Aqui é lorde Artur. Preciso falar urgentemente com o doutor Scamandros, por favor. Não sei bem onde ele está. Provavelmente na Casa Inferior.

— Oh, lorde Artur, as coisas andam meio complicadas por aqui. Vou fazer o possível. Aguarde, por favor.

Por instantes, Artur abaixou o fone e olhou em volta. Não havia relógio à vista e ele não sabia que horas eram. Nem sabia qual a distância entre aquele hospital e o grande Hospital da Zona Leste. Pelas situações que havia enfrentado, os dois prédios podiam até ser vizinhos. Folha, Martine e Vess estavam nas outras enfermarias cuidando dos sonâmbulos que continuavam a chegar, então Artur não tinha a quem perguntar.

Ele subiu a rampa desviando-se das pessoas adormecidas. Mantinha o fone junto da cabeça, mas não ouvia sequer os ruídos ao fundo.

— Folha! Folha! — ele gritou em direção à porta. — Que horas são?

Então, Artur levantou o telefone e, no mesmo tom de voz, disse:

— Eu *preciso* falar com o doutor Scamandros! Depressa, por favor!





Capítulo 2

Atendendo ao chamado, Folha voltou correndo, enquanto Artur ia ao encontro dela. Os dois quase se chocaram perto da porta e, na pressa, por pouco não derrubaram vários sonâmbulos. Demoraram um pouco a pôr tudo em ordem novamente, já que Artur não largava o telefone.

— Que horas são? — ele tornou a perguntar.

— Horas? Não faço a menor ideia — respondeu Folha, arquejando. — É noite lá fora.

— Pergunte a Vess, depressa! O Exército vai bombardear o Hospital da Zona Leste, no primeiro minuto de sábado!

— O quê?

— Acho que posso fazer alguma coisa, mas preciso perguntar ao doutor Scamandros. Descubra a que distância estamos da zona leste!

Folha saiu correndo. Artur teve a impressão de ouvir alguma coisa e apertou mais ainda o fone contra a orelha. Mas o único som vinha do arrastar dos pés dos sonâmbulos. O telefone continuava mudo.

— Vamos lá, vamos lá! — sussurrou Artur ansiosamente para o fone e para o ar.

Ele tinha ideia do que fazer, mas precisava confirmar com Scamandros qual seria o procedimento correto e o que poderia dar errado.

Do telefone não saiu resposta, mas Folha voltou correndo.

— Faltam dez minutos para a meia-noite de sexta-feira! — ela gritou. — Estamos a cerca de 800 metros da zona leste. Anos atrás, este era um anexo do hospital de lá!

Ofegante, ela parou diante de Artur e respirou fundo várias vezes, antes de continuar:

— O que você vai fazer? Só temos dez minutos!

— Alô! — gritou Artur para o fone. — Alô! Quero falar com o doutor Scamandros, já!

Não houve resposta. Artur apertou o fone, desejando que a ligação se completasse, mas não adiantou.

— Agora provavelmente só temos nove minutos — disse Folha. — Faça alguma coisa, Artur!

Ele deu uma olhada no anel de crocodilo, e Folha também o viu.

— Talvez Scamandros esteja enganado quanto à contaminação pela magia — ela disse. — Ou o anel não seja muito preciso.

— Está tudo bem, Folha — falou Artur devagar. — Estive pensando. Você sabe como o Testamento me escolheu para ser o Herdeiro Legítimo? Sabe como o Sr. Segunda-Feira foi enganado? Eu ia morrer... A Primeira Chave me salvou...

— Eu lembro, claro. E agora vamos todos morrer, se você não fizer alguma coisa!

— Eu vou fazer. É o que quero explicar. Pensei assim: se eu ia morrer de qualquer jeito, tudo o que fiz e o que fizer daqui por diante é uma espécie de bônus. Ainda que me torne um Habitante, pelo menos vou estar vivo para ajudar outras pessoas...

— Eu entendo, Artur! — interrompeu Folha. — Mas faça alguma coisa, por favor! Depois a gente conversa!

— Está certo — ele disse, deixando cair o telefone.

O aparelho se transformou em uma chuva de partículas luminosas, que se apagavam antes de tocar o chão.

Artur encheu os pulmões de ar. Ainda se admirava pela facilidade com que conseguia respirar. Sua condição de humano se reduzia, levando a asma com ela; as fraquezas terrenas ficavam para trás, na transição para uma forma nova e imortal. Então, ele pegou no bolso o espelho que era a Quinta Chave e ergueu-o diante do rosto. Um brilho intenso cercou o espelho, mas Artur olhou diretamente para o centro sem dificuldade e nele viu refletida sua imagem: o nariz mais regular, os dentes mais brancos, os cabelos mais sedosos.

Folha protegeu os olhos com o braço e até os sonâmbulos que passavam viraram a cabeça e apertaram os olhos.

“Espero que dê certo”, pensou Artur. “Tem que dar. Pena não ter perguntado ao doutor Scamandros, porque não sei o quê...”

Ele fez uma careta, abafou sua voz interior e concentrou-se no que desejava que fosse feito pela Quinta Chave. Para reforçar a certeza de que seria obedecido, falou em voz alta:

— Quinta Chave da Arquiteta! Eu, Artur Penhaligon, Herdeiro Legítimo da Arquiteta, humm... Quero que esta cidade seja envolvida por uma bolha e

separada da Terra. A bolha deve proteger a cidade e todos os que nela estiverem, livrando-os de todo o mal... E... Bem... É isso. Obrigado.

A luminosidade do espelho se intensificou e desta vez Artur teve que fechar os olhos. Ao mesmo tempo, cambaleou momentaneamente e precisou levantar os braços, como um equilibrista na corda bamba. Então, percebeu que todos em volta estavam paralisados, como estátuas. Muitos sonâmbulos tinham sido surpreendidos com um pé ainda no ar e assim permaneciam, em uma posição que ninguém sustentaria em condições normais.

Tudo estava também silencioso. Não se ouviam os helicópteros nem os disparos das armas. Era como visitar um museu de cera depois de fechado.

Artur guardou o espelho no bolso e passou os dedos nos cabelos, que sentiu bem mais compridos, embora não lhe caíssem no rosto.

— Folha? — ele chamou, tocando de leve o ombro da amiga. — Folha, tudo bem?

Ela não se moveu. Artur observou o rosto da garota, que tinha os olhos abertos, mas imóveis, mesmo quando ele acenou diante dela. Não dava nem para ver se respirava.

Artur sentiu um súbito pânico.

“Matei todo mundo”, pensou. “Tentei salvar e matei...”

Mais uma vez, ele tocou o ombro de Folha e, embora uma luz vermelha saísse dos dedos de Artur, não houve reação alguma.

Artur recuou e olhou em volta. Todos os sonâmbulos estavam cercados por uma suave luz avermelhada, que se intensificava ao seu toque. Ele não sabia o que isso significava, mas sentiu certo conforto, pois acreditou que fosse efeito da magia, e assim ninguém teria morrido.

“Só não tenho certeza de estarem protegidos das armas nucleares”, pensou. “Que horas são?”

Ele disparou pelo corredor, atravessou duas enfermarias e chegou ao saguão do hospital. Lá, não precisou de mais de um minuto para encontrar a secretaria e um relógio, parado em 11h57. O ponteiro dos segundos tremia, como se quisesse avançar. O relógio apresentava o mesmo brilho avermelhado, que projetava sombras fantasmagóricas sob os ponteiros.

Artur saiu do prédio. A porta se fechou atrás dele, com um som que lembrava a trompa do Juízo Final. Ele parou na ponta da rampa, pela qual tinha descido correndo. Tudo parecia pintado de vermelho, inclusive o céu, como se ele olhasse o mundo através de óculos de sol de lentes vermelhas. O

zumbido que vinha do alto dava a impressão de um sinal de trânsito visto de muito perto.

“Acho que fiz alguma coisa”, pensou Artur. “Só não sei exatamente o quê...”

Ele caminhou mais um pouco, até o estacionamento. Uma pequena silhueta no céu lhe chamou a atenção. Em segundos, descobriu o que era: um helicóptero armado. Mas o veículo não se mexia; parecia um modelo em uma maquete, pendurado por um fio, destacando-se contra o céu avermelhado.

Parado no tempo.

“Por isso todo mundo congelou. Eu parei o tempo... É assim que a Chave protege a cidade...”

Se o tempo tinha parado ou passava mais devagar dentro da bolha que envolvia a cidade, outro poder seria capaz de fazê-lo voltar ao normal. Assim, o ataque nuclear ao Hospital da Área Leste ainda aconteceria. A cidade não estava salva. O ataque tinha sido apenas adiado...

“É uma coisa ou outra...”

Artur observou a rua deserta, estranha, e pensou se deveria correr até sua casa para ver se a família estava bem. Talvez desse tempo de abrigar todos no porão... Mas, caso fizesse isso, poderia perder um tempo precioso, mais bem empregado se ele tentasse descobrir um meio de salvar a cidade inteira. Seria impossível deixar em segurança todos os que se achavam em perigo.

Artur havia conseguido para a cidade uma trégua que poderia ser estendida, caso ele voltasse à Casa. Se partisse de imediato, provavelmente estaria de volta quase na mesma hora, ainda que passasse lá dias ou mesmo semanas.

“Provavelmente não é o mesmo que com certeza”, pensou Artur com praticidade. “Gostaria de entender melhor a relatividade do tempo. Gostaria de saber usar melhor a Chave. Gostaria de nunca, nunca, ter me envolvido com tudo isso...”

Artur interrompeu o pensamento.

— Se não me envolvesse, estaria morto — falou em voz alta. —
Simplesmente tenho que ir em frente.

Ir em frente significava encarar o que viesse. Ele olhou o anel de crocodilo. Mesmo sob a luz avermelhada, dava para ver claramente: os olhos de diamante do animal, antes rosados, pareciam malignos, escuros como sangue ressecado. As dez partes do corpo, marcadas com numerais romanos, registravam o grau de contaminação pela magia do sangue e dos ossos de Artur. Se mais de seis

partes mudassem de prata para ouro, ele estaria permanente e irremediavelmente contaminado. E seria um Habitante.

Devagar, Artur foi girando o anel, para contar mentalmente o número de partes. Uma, duas, três, quatro, cinco... Até ali ele já sabia. Então, girou mais um pouco. O ouro havia ultrapassado o quinto e quase completava o sexto segmento.

“Vou... Vou me tornar um Habitante.”

Com um arrepio, Artur respirou fundo e examinou novamente o anel. Não havia mudança. Seis partes estavam douradas. Ele era 60% imortal.

— Sem volta — falou para o mundo vermelho que o cercava. — Hora de retomar o trabalho.

Artur desviou o olhar e abaixou a mão. Inclinando a cabeça por um momento, pegou a Chave no bolso e a ergueu bem alto. Segundo a Primeira Dama, o espelho da Sra. Sexta-Feira podia levá-lo a qualquer lugar da Casa já visitado por ele, desde que lá houvesse uma superfície refletora.

Artur imaginou a sala do trono na Casa Inferior, o amplo local de reuniões onde havia encontrado a Primeira Dama e todos os outros antes de ser levado para o Exército da Arquiteta. Aquele era o lugar de mais fácil visualização na Sala de Estar de Segunda-Feira, por apresentar poucos detalhes e ter decoração marcante, inclusive piso de mármore polido.

— Quinta Chave, leve-me para a Sala do Trono, na Sala de Estar de Segunda-Feira!

A Quinta Chave estremeceu na mão de Artur, emitindo um fecho de luz branca que expulsou o vermelho. A luz branca formou um perfeito retângulo vertical, exatamente como uma porta.

Artur atravessou o retângulo de luz e desapareceu. De sua cidade. Da Terra. Talvez nunca mais voltasse.





Capítulo 3

Não fosse pelo fato de estar vazia, a sala do trono parecia igual à da última vez em que Artur estivera lá: um enorme, suntuoso e mal planejado banheiro de hotel. Do tamanho de um grande teatro, tinha paredes, piso e teto forrados de mármore branco com veios dourados, muito polido.

A ampla mesa redonda de ferro vermelho continuava no meio do cômodo, tendo em volta cem cadeiras de costas altas. No fundo, ficava o trono de Artur, em ferro dourado, ao lado da cadeira colorida da Primeira Dama.

— Olá! — chamou Artur. — Alguém aí?

Sua voz se espalhou pelo espaço vazio, mas somente o eco respondeu. Artur suspirou e se encaminhou para a porta. Seus passos também ecoaram, dando a impressão de que muitos pequenos companheiros o seguiam.

O corredor continuava ocupado por milhares de fardos de papel, amarrados com fitas vermelhas e empilhados como tijolos. Diferentemente da última vez, não havia Sargentos Comissionários em posição de sentido entre os fardos.

— Olá! — voltou a chamar Artur.

Ele percorreu o corredor, parando várias vezes para ver se encontrava saídas. Chegando ao fim, deu com uma porta meio aberta, parcialmente obstruída por fardos de papel. Ele só a viu porque um deles tinha desabado.

Não havia Habitantes à vista. Artur passou pela porta e atravessou outro corredor vazio, abrindo as portas que encontrava. Ninguém apareceu.

— Olá, alguém aí? — ele seguiu gritando.

Não houve resposta.

Finalmente, Artur chegou a uma porta dupla, em arco, feita de madeira escura e presa por uma trava. Ele retirou a trava sem reparar em como tinha força, a ponto de mover com facilidade uma tora pesadíssima. A porta logo se abriu, e Artur se viu do lado de fora.

Ele pensou que iria encontrar o lago, a borda da cratera que circundava a Sala de Estar e o teto da Casa Inferior. Em vez disso, surpreendeu-se ao ver, lá no alto, uma enorme onda de Nada que havia devorado tudo e crescia sobre a

pequena construção atrás dele. Artur teve a impressão de estar no alto de uma colina, no último pedaço de terra seca diante de um tsunami. A onda avançava e logo quebraria, destruindo aquele último refúgio.

Com o coração subitamente acelerado e a boca seca, Artur se preparou para correr. Depois de apenas um passo, porém, resolveu parar e olhar para trás. A onda descia. Não daria tempo de correr. E ele não acreditava que a Quinta Chave fosse capaz de protegê-lo de um verdadeiro dilúvio de Nada. A não ser que ele direcionasse a força da Chave.

“Preciso fazer alguma coisa. ”

Artur agiu com a velocidade do pensamento. Quando estava para ser atingido, levantou o espelho, apontando-o para a onda gigante.

— Pare! — gritou.

Sua voz soou forte. Ele estava concentrado em paralisar o tsunami de Nada.

— Pare! Pelas Chaves em meu poder, ordeno ao Nada que pare! Casa, resista ao Vazio!

O espelho produziu um brilho ofuscante. Fachos de uma luz quentíssima foram lançados e incendiaram o ar, interrompendo a investida do Nada e salpicando o Vazio de pequenas marcas brilhantes.

Artur sentiu no coração uma dor terrível, que se espalhou pelos braços e pelas pernas. Com um ruído desagradável, suas articulações estalaram. Ele apertou os olhos e gritou ao sentir os dentes se alinharem perfeitamente nos maxilares. Então, seu queixo se moveu, afetando os ossos do crânio.

Artur caiu de joelhos, mas manteve o espelho bem alto. Usou a dor para alimentar a concentração, direcionando sua vontade contra a onda de Nada.

Até que não suportou mais. A dor e o esforço foram excessivos e ele caiu para a frente, de rosto no chão. Seus gritos se reduziram a soluços. Sua força acabou. Sobre a estreita faixa de grama que restara dos extensos gramados ao redor da construção que era a Sala de Estar, ficou caída a Quinta Chave.

Atordado, Artur permaneceu imóvel, à espera da destruição. Sentia-se fracassado. Sabia que sua morte provocaria a morte do Universo. Tudo que amava seria destruído. Na Terra, na Casa e nos outros mundos.

Um minuto se passou. E outro. A destruição não aconteceu. Quando a dor nos ossos diminuiu, Artur gemeu e se virou. Preferia encarar o Nada a esperar jogado no chão a chegada da morte.

No entanto, a primeira coisa que viu foi uma delicada trama de linhas brilhantes e douradas, como uma teia ou uma rede luminosa, destacando-se contra o céu. Ela segurava a enorme massa de escuridão ameaçadora, mas Artur percebeu a pressão exercida pelo Nada, a força do Vazio infinito. Ele sabia que a rede de luz não resistiria por muito tempo.

Então, pôs-se de pé com dificuldade. O chão lhe pareceu mais longe do que o normal. Por alguns instantes, perdeu o equilíbrio, mas bastou balançar a cabeça e a sensação desapareceu. Ele, então, correu em direção às portas abertas. Sabia que tinha um telefone na biblioteca e precisava fazer uma ligação para descobrir quais os lugares seguros da Casa, em vez de se arriscar em territórios já destruídos pelo Nada. Não queria pensar no que aconteceria caso usasse a Quinta Chave para penetrar no Vazio, embora talvez fosse o recurso mais rápido...

“Pode ser que a Chave me proteja por alguns instantes. Pelo tempo suficiente para sentir o Nada dissolver meu corpo”, pensou com súbita sensação de enjoo.

Artur disparou pelo corredor principal até encontrar uma porta que reconheceu. Passou por ela e subiu a escada de quatro em quatro degraus, apoiando-se nas paredes.

Em cima, atravessou em disparada outro corredor comprido, estreitado por pilhas de registros, muitos em papiros ou peles curtidas, em vez de papel. Depois de afastar um bloco de pedra de quase 2 metros que tinha caído, bloqueando a passagem, Artur nem se preocupou em destravar a porta que havia no fim do corredor; com um chute, entrou na biblioteca.

O salão estava absolutamente vazio. Não se viam Habitantes, os livros nas prateleiras, as confortáveis poltronas de couro nem o carpete do piso. Até a corda de sino vermelha que o Espirrador tinha puxado para revelar a sala heptagonal onde ficavam os Sete Relógios tinha desaparecido, embora o cômodo provavelmente continuasse no mesmo lugar, atrás da estante.

Faltava também o telefone da mesinha lateral.

Artur deixou cair os ombros. Sentia uma pressão na testa, como se sofresse de sinusite. Sabia que a sensação era causada pelo peso do Nada, que tentava romper a barreira imposta por ele. O peso estava em sua mente, fazendo-o sentir-se cansado demais, até para pensar.

— Telefone — ele falou baixinho, apoiando-se na mão direita, enquanto apertava a Chave com a esquerda. — Preciso de um telefone. Agora.

Imediatamente um telefone apareceu. Artur colocou o aparelho no chão e sentou ao lado. Então, pegou o fone e se abaixou para falar no bocal. Depois de alguns chiados e estalos, ele ouviu a distância alguém cantarolar “Com letrinhas, com letrinhas de brilhantes”, na melodia de “Se esta rua fosse minha”.

— Alô? Aqui é lorde Artur. Preciso muito falar com a Primeira Dama. Ou com o Espirrador. Ou com qualquer um.

A cantoria parou de repente, substituída por uma voz suave e sussurrante.

— De onde está ligando? Esta linha não parece tecnicamente... Humm... Conectada a lugar algum.

— Da Casa Inferior. Acho que estou prestes a ser engolido pelo Nada e preciso saber para onde posso ir. Por favor.

— Falar é fácil — a voz respondeu. — Já tentou conectar uma linha que não existe a uma mesa telefônica que desapareceu?

— Não.

Artur ouviu, vindo de fora, um som metálico, como a vibração de uma corda de guitarra. Ao mesmo tempo, sentiu um aperto no estômago. Ele sabia o que isso significava: sua rede de proteção, sua defesa contra o Vazio, estava se rompendo.

— Depressa, por favor!

— Posso ligar com o doutor Scamandros. Serve? Aqui indica que o senhor tentou falar com ele antes...

— Onde ele está?

— No Depósito Profundo de Carvão, o que é estranho, já que não há outras conexões na Casa Inferior... Mas brinquedos metafísicos nunca foram o meu forte. Devo completar a ligação? Alô? Alô? Está aí, lorde Artur?

Ele não respondeu. Largou o fone e levantou. Depois, ergueu o espelho que era a Quinta Chave e se concentrou nele, esforçando-se para ver a superfície refletora de um pequeno lago no Depósito Profundo de Carvão. Se é que lá havia luz e água.

Por um instante, Artur teve a atenção desviada para a própria imagem, que lhe pareceu ao mesmo tempo familiar e estranha. Familiar porque, essencialmente, era a imagem que costumava ver; e estranha porque havia numerosas pequenas mudanças. As maçãs do rosto estavam um pouco mais pronunciadas, o formato da cabeça parecia um tanto diferente, as orelhas tinham diminuído de tamanho...

— O Depósito Profundo de Carvão! — ele falou para o espelho.

Artur voltou à tarefa urgente que tinha: encontrar um lugar onde estivesse a salvo, antes que o Nada destruísse a Sala de Estar de Segunda-Feira. Sua imagem desapareceu do espelho, substituída por um cenário mal iluminado onde se via um lampião aceso em cima de um livro de capa de couro muito grosso que, deitado, tinha a altura correspondente à de vários tijolos empilhados. O livro estava sobre o que parecia uma pirâmide meio destruída, formada por pequenos pedaços de carvão. Apesar da luz fraca, Artur percebeu alguém do outro lado da pirâmide levantar uma vara de pesca para atirar o anzol. Pelas mãos do pescador e pelos punhos amarelo mostarda da camisa, ele logo soube de quem se tratava.

— Quinta Chave! Leve-me para junto do doutor Scamandros, no Depósito Profundo de Carvão — ordenou.

Tal como antes, uma porta feita de luz muito branca apareceu. Ao atravessar a porta, Artur sentiu lá atrás, ao longe, sua rede de proteção se romper, deixando passar a enorme onda de Nada.

Em pouquíssimos segundos, os raros sobreviventes que restavam na Casa Inferior deixaram de existir.





Capítulo 4

Artur surgiu do ar. Apareceu perto da pirâmide de carvão, dando um susto no Habitante baixinho e calvo que pescava distraído. O Habitante largou a vara de pesca, saltou para trás e tirou de um dos volumosos bolsos de seu casacão amarelo uma bomba de fumaça em bronze que mais parecia uma granada de mão importada da Idade Média.

— Doutor Scamandros! — exclamou Artur. — Sou eu!

— Lorde Artur!

As trombetas tatuadas na testa do doutor Scamandros se fragmentaram, explodindo em uma nuvem de confetes. Ele tentou arrancar o detonador da bomba de fumaça, mas a chama rodeou seus dedos e continuou a arder. Mais fumaça saiu do engenho diabólico.

— Scaman...

Artur foi interrompido pelo Feiticeiro, que atirou a bomba de fumaça sobre uma grande pirâmide de carvão, a quase dez metros de distância.

— Um momento, lorde Artur.

Um estalo ensurdecedor e uma forte lufada de ar foram seguidos pela elevação de uma densa coluna de fumaça e poeira. Em instantes, começou uma chuva de pedaços de carvão, alguns do tamanho de um punho fechado, que atingiram o solo incomodamente perto de Scamandros e de Artur.

— Perdão, lorde Artur.

Respirando com certa dificuldade, o Feiticeiro apoiou um joelho no chão, junto de um monte de pó de carvão que quase lhe chegava à altura dos ombros, e continuou:

— Seja bem-vindo.

— Levante-se, por favor — pediu Artur, ajudando o Habitante.

O doutor Scamandros era incrivelmente pesado. Ou talvez fosse incrivelmente pesado o conteúdo dos bolsos de seu casacão amarelo.

— O que está acontecendo? — perguntou Artur. — Vim da Sala de Estar de Segunda-Feira e encontrei uma... uma enorme onda de Nada, que só consegui segurar pelo tempo suficiente para fugir!

— Lamento, mas não sei exatamente o que ocorreu.

A tatuagem em seu rosto formou um bando de asnos confusos que se atropelavam correndo em círculos, do queixo à parte superior do nariz.

— Estou aqui há alguns dias, desde que nos separamos no refúgio da Sra. Sexta-Feira. A Primeira Dama me pediu para investigar alguns fenômenos estranhos, inclusive o súbito crescimento de flores e o cheiro intenso de óleo de rosas. De certo modo, foi um bom descanso, embora deva confessar que o perfume das rosas não...

O Habitante notou a impaciência de Artur e voltou ao assunto.

— Bem... Quer dizer... Há coisa de uma hora, senti uma vibração no solo, seguida de uma súbita enchente de Nada que tomou pelo menos um terço do Depósito, mas parou. Felizmente não foi a parte onde costumo ficar. Tentei imediatamente ligar para a Primeira Dama, na Cidadela, mas as linhas estavam interrompidas. Também não consegui chamar um elevador. Minha breve observação sugere o seguinte.

Scamandros levantou três dedos enegrecidos pelo carvão e foi enumerando:

— Item número 1. As defesas contra o Vazio que havia nas Regiões Afastadas devem ter-se rompido, permitindo que uma enorme onda de Nada chegasse lá. Item número 2. Se uma onda de Nada tão grande chegou à Sala de Estar de Segunda-Feira, é provável que as Regiões Afastadas e a Casa Inferior tenham sido destruídas. Mas existe um aspecto mais favorável, que vou chamar de item número 3. Item número 3. Se havia alguém operando a linha telefônica, é sinal de que a barreira entre a Casa Inferior e a Casa Intermediária resistiu, embora tudo abaixo dela esteja perdido.

— Tudo? Mas... Aqui onde estamos... Isto faz parte da Casa Inferior. Como não desapareceu?

— A prisão do Velho é muito forte — disse Scamandros, apontando o lado esquerdo.

Artur olhou na direção indicada e viu, ao longe, a luzinha azulada que sabia vir do mostrador do relógio ao qual o Velho estava acorrentado.

— A Arquiteta teve que fazer uma prisão bem resistente para manter o Velho sob controle — continuou a explicar Scamandros. — Por isso suportou a onda inicial de Nada. Mas agora não passa de uma pequena ilha perdida no Vazio. Estamos completamente cercados e isolados do resto da Casa. Interessante... Devo confessar que a sua chegada me trouxe alívio, lorde Artur. Mas ainda temo que...

Scamandros parou de falar. Os asnos tatuados em seu rosto abaixaram a cabeça e, aos poucos, transformaram-se em lápides que homenageavam os mortos.

— Tenho medo de que a atual situação, embora interessante, torne-se fatal em um espaço de tempo relativamente curto, já que o Nada vem tomando este pequeno refúgio a uma velocidade de cerca de 1 metro por hora.

— O quê? Mas acabou de dizer que esta área é uma fortaleza! — protestou Artur.

Ele tentou enxergar alguma coisa na escuridão, mas não conseguiu. Só não sabia se por causa do avanço do Nada ou se porque a única iluminação vinha da lamparina sobre a pilha de carvão.

— Ah, a área encostadinha ao relógio é à prova de Vazio, sem dúvida — esclareceu Scamandros. — Mas antes da sua chegada eu estava pensando nas... Humm... Relativas vantagens de ser estrangulado pelo Velho, em vez de ser dissolvido pelo Nada.

— O Velho nunca o estrangularia. Bem... Talvez estrangulasse, sim. Ele detesta Habitantes.

Artur interrompeu o que estava dizendo e olhou para a luz azulada, lembrando seu primeiro encontro com o Velho. Não tinha esquecido a sensação de ter uma corrente no pescoço.

— Vamos ver se ele fala comigo. Já que estou aqui, quero aproveitar para fazer umas perguntas.

O doutor Scamandros observou Artur com curiosidade. Os óculos em formato de meia-lua que trazia sobre a testa ajustavam o foco de seus dois olhos extras, invisíveis.

— É verdade que o Velho gosta mais dos mortais. Mas acho que você não é mais mortal. O que meu... seu anel indica?

Artur olhou. O ouro tinha chegado ao sétimo segmento.

— Cerca de 75% de contaminação — ele respondeu calmamente. — Espero que o Velho reconheça a quarta parte de humanidade em mim.

— Talvez seja melhor do que morrer, simplesmente — falou Scamandros inquieto. — Embora deva dizer que o anel tem uma pequena margem...

— Preciso pelo menos tentar obter dele algumas respostas — interrompeu Artur. — Se eu não me aproximar muito, deve dar certo. Depois, vamos subir até a Cidadela e descobrir o que está acontecendo com a Primeira Dama. Ah, e preciso lhe perguntar sobre uma coisa que fiz na Terra...

Em poucas palavras, Artur contou o que tinha feito com a Chave e descreveu o cenário do que parecia uma cidade parada no tempo, estranhamente banhada de luz vermelha.

— Sem uma investigação adequada, não posso ter certeza — disse Scamandros. — Mas, como você mesmo suspeitou, pode ter separado seu mundo da progressão geral do tempo nos Reinos Secundários ou apenas agido sobre uma parte dele, em torno da sua cidade. De todo modo, a situação vai se normalizar aos poucos. A marcha do tempo vai retomar seu ritmo e tudo que ia acontecer vai acontecer, a menos que você volte lá e evite, o que é perfeitamente possível devido à diferença de horário entre a Casa e os Reinos Secundários. O Espirrador com certeza pode fornecer mais informações, por meio dos Sete Relógios.

— Mas os Sete Relógios devem ter sido destruídos! Devem ter desaparecido, como a Sala de Estar de Segunda-Feira...

Com uma palmada na parte lateral da cabeça, Artur interrompeu o que estava dizendo, para continuar:

— ... e como os registros arquivados na Sala Inferior! Tudo destruído! Isso não quer dizer que os fatos registrados deixaram de existir nos Reinos Secundários? Meu registro estava lá!

Scamandros balançou a cabeça, discordando.

— Os Sete Relógios com certeza se mudaram por iniciativa própria para um local seguro, espero que para uma parte da Casa controlada por nós. Quanto aos registros, só anotações desatualizadas ficam na Casa Inferior. É certo que sua destruição abriria buracos no passado, mas isso não é motivo de preocupação. Acredito que o Testamento tenha deixado seu registro temporariamente com Segunda-Feira, mas o lugar dele seria na Casa Superior, no arquivo atualizado.

— O Espirrador me entregou o registro depois que derrotei Segunda-Feira, mas não o guardei. A Primeira Dama provavelmente o pegou.

— Talvez tenha sido mandado de volta para a Casa Superior. Tais documentos não podem ficar muito tempo longe do local adequado.

— Então Sábado poderia mudar meu registro e me mudar também! — exclamou Artur. — Isso acabaria comigo!

Scamandros fez que não. A tatuagem de um juiz narigudo, de chapéu vermelho, apareceu em sua bochecha esquerda e repetiu o gesto.

— Não. Ainda que Sábado soubesse onde está, não poderia alterar nem destruir o seu registro. Pelo menos enquanto você tiver uma Chave.

— Minha cabeça parece que vai explodir — disse Artur, massageando as têmporas e suspirando. — É muita... Ei, o que está fazendo?

Scamandros, que tirava de um bolso interno do casaco uma enorme furadeira manual e de um bolso externo, uma broca muito brilhante de 25 centímetros, parou.

— Se eu fizer um furo no seu crânio, bem aqui — explicou ele, mostrando o local na própria cabeça —, vai aliviar a pressão. O que você está sentindo deve ser efeito colateral da sua transformação em Habitante Superior.

— Eu não quis dizer que a cabeça vai explodir de verdade! — protestou Artur. — Pode guardar sua furadeira. Quis dizer que tenho muito o que fazer, muitas informações a absorver. Problemas demais!

— Existe alguma outra coisa que eu possa fazer para ajudar? — perguntou Scamandros, guardando as ferramentas.

— Não — Artur suspirou. — Espere aqui. Vou conversar com o Velho.

— Humm... Lorde Artur, posso chegar um pouquinho para lá?

Scamandros apontou uma pilha de carvão a alguns metros e acrescentou:

— Vejo que a metade da frente daquela pirâmide já desapareceu...

— Claro que pode!

Artur respondeu com impaciência, sentindo uma raiva estranha crescer dentro dele. Jamais se irritara tanto ao lidar com os Habitantes e seres inferiores. Por um momento, teve vontade de dar um soco em Scamandros ou forçá-lo a se ajoelhar e pedir perdão.

Mas o sentimento logo desapareceu, substituído por muita aflição e vergonha. Artur gostava do Feiticeiro e detestava o orgulho e a raiva que fervilhavam dentro dele, prontos para explodir, como uma garrafa de refrigerante que alguém tivesse sacudido. Ele respirou fundo. Queria lembrar que era apenas um garoto com uma tarefa árdua pela frente. Por isso, precisava de toda ajuda que pudesse obter. Ajuda de amigos de boa vontade, e não de servos apavorados.

“Não quero ser como os Curadores”, pensou Artur com firmeza. Outra ideia surgiu. “Nem como a Primeira Dama...”

— Desculpe, desculpe, doutor Scamandros. Eu não queria gritar. Estou... um pouco... humm... Enfim, faça o que for preciso para fugir do Nada. Logo vamos sair daqui.

Quando Artur se afastou, doutor Scamandros fez uma reverência exagerada, provocando a queda de outra granada, que imediatamente começou a soltar fumaça. Com um muxoxo, o Habitante tirou o detonador e empurrou a granada para dentro da manga, que não parecia um lugar seguro, mas foi o escolhido.

Artur foi desviando as pirâmides de carvão e as poças de água enegrecida. Lembrava-se de ter sentido frio na visita anterior ao Depósito Profundo de Carvão, mas, naquele momento, a temperatura estava agradável, quase quente. Ele pensou que talvez fosse consequência da aproximação do Nada.

Havia outras mudanças. Artur reparou que tinham brotado flores perto da luz azulada emitida pelo relógio. Trepadeiras serpenteavam entre as pirâmides de carvão, e jacintos se amontoavam entre as poças.

Os jacintos ocupavam até os terrenos inclinados e secos, nascendo entre as pedras e sobre o pó de carvão, o que seria igualmente impossível, mas Artur não estranhou. Estava acostumado com a Casa. Flores brotando do carvão e das pedras não eram, nem de longe, o que havia de mais estranho ali.

Ele parou ao lado da última pirâmide, tal como havia feito na primeira visita ao Velho, e foi se aproximando cautelosamente da prisão. Como a trêmula luz azul não incomodava tanto, ele pôde enxergar com mais clareza, sem precisar pedir ajuda à Quinta Chave.

O cenário estava muito diferente. Entre ele e o relógio-prisão havia um verdadeiro tapete de jacintos, entremeados por moitas de talos amarelo-esverdeados que se abriam em flores brancas semelhantes a narcisos alongados, mas ao mesmo tempo estranhas demais para serem originárias da Terra.

A plataforma circular de pedra, que era o mostrador do relógio, parecia muito menor, como se tivesse encolhido. Antes com uns 20 metros de diâmetro, que era mais ou menos a largura da entrada de garagem da casa de Artur, estava reduzida à metade. Os numerais romanos, antes em posição vertical quase na borda do mostrador, apresentavam uma inclinação de 45 graus. Além disso, tinham ficado menores, sujos e sem brilho, tomados por trepadeiras de flores vermelhas e cor-de-rosa.

Os ponteiros de metal também haviam encolhido, mantendo a proporção. Correntes brilhantes, de um aço azulado, ainda partiam das extremidades dos ponteiros, passavam pelo pino central e se ligavam às algemas presas aos pulsos do prisioneiro.

Mas o Velho não parecia o mesmo. Ainda lembrava um herói bárbaro gigante, de 2,50 metros de altura e músculos desenvolvidos, mas sua pele, antes envelhecida, quase transparente, apresentava-se bronzeada e sedosa. Os poucos fios de cabelo tinham se transformado em uma bela cabeleira branquinha presa em rabo de cavalo. E ele vestia, em vez de tanga, um colete de couro e calça vermelha bem justa, cujo comprimento chegava apenas abaixo dos joelhos.

O homem que antes parecia um velhinho alquebrado, de 80 ou 90 anos, tinha adquirido a aparência de um senhor de 60 anos, em boa condição física, capaz de enfrentar e vencer adversários mais jovens.

O gigante estava sentado na borda do relógio, entre os números 3 e 4, despetalando lentamente uma rosa, em posição que não permitia a Artur ver seus olhos. Ou ver as órbitas vazias e ensanguentadas, como se as marionetes lhe tivessem arrancado os olhos há pouco.

Como essa era uma visão que Artur decididamente não queria, ele esticou o pescoço para verificar onde estavam os ponteiros. O das horas apontava o 9, e o dos minutos, o 5, o que o tranquilizou em três aspectos: se arrancados quando o ponteiro das horas estava no 12, os olhos do Velho já teriam crescido novamente; as correntes se mantinham bem apertadas, impedindo o Velho de se afastar do relógio; e, talvez o mais importante, as marionetes torturadoras levariam horas para aparecer.

Ao cruzar o tapete de jacintos, Artur ouviu o chacoalhar de correntes. O Velho se levantou para ver quem chegava. Artur parou a uma boa distância do relógio, mais de dez metros. Como não sabia se as correntes também estavam mais curtas, agia com cautela.

— Saudações, Velho! — cumprimentou.

— Saudações, garoto! — respondeu o Velho com sua voz grossa. — Ou talvez eu não possa mais chamá-lo de garoto. Artur é o seu nome, não?

— Isso mesmo.

— Sente-se aqui comigo. Vamos tomar vinho e conversar.

— Promete não me machucar?

— Por um quarto de hora, segundo este relógio, você estará a salvo. É suficientemente mortal para que eu não o esmague, como faria a uma barata tonta. Ou a um Habitante da Casa.

— Obrigado. Eu acho.

Artur se aproximou desconfiado, mas o Velho tornou a sentar e, curvado sobre a corrente, retirou os espinhos de rosa espalhados, abrindo espaço a seu lado.

Sem hesitar, Artur sentou.

— Vinho! — ordenou o Velho, erguendo a mão.

Uma pequena jarra de barro saiu do chão, sem quebrar os jacintos. Ele despejou diretamente na boca uma boa quantidade de bebida cheirando a resina. Tal como da primeira vez, o cheiro forte provocou em Artur a sensação de enjoo.

— Na outra vez, o senhor recitou um poema para pedir o vinho — disse Artur hesitante.

Ele estava pensando nas perguntas que queria fazer, mas não sabia por onde começar.

— É a força da minha vontade que dá forma ao Nada — explicou o Velho. — É verdade que muitos seres inferiores precisam potencializar o pensamento por meio de palavras ou melodias ao lidar com o Nada. Eu não preciso, embora às vezes me divirta ao experimentar rimas ou poesia.

— Quero fazer umas perguntas. E contar uma coisa.

— Pergunte. Vou responder se quiser. Ainda que eu não goste do que vai me contar, mantenho a palavra: você vai sair daqui são e salvo. A não ser que ultrapasse o tempo estipulado.

Dizendo isso, o Velho limpou a boca com as costas da mão e ofereceu a jarra a Artur, que recusou de imediato.

— O senhor provavelmente conhece a Arquiteta melhor do que ninguém — começou Artur. — Então, eu queria saber: o que aconteceu a ela? O que é exatamente o Testamento? O que ele... ela... vai fazer? Achei que, como Herdeiro Legítimo, eu comandaria tudo, quisesse ou não. Mas agora não tenho certeza.

— Conheci a Arquiteta há muito tempo — falou devagar o Velho.

Ele bebeu uma série de goles curtos, antes de continuar.

— Pensei que a conhecesse bem, mas me enganei. Ou não estaria aqui sofrendo. Não sei o que aconteceu a ela. Mas seja o que for, pelo menos em parte ela fez o que quis. Quanto ao Testamento, trata-se da expressão do poder da Arquiteta, elaborado com determinada finalidade. Se você é o Herdeiro Legítimo, sugiro que faça a pergunta mais necessária: o que, exatamente, vai herdar e de quem?

Preocupado, Artur franziu a testa.

— Não quero ser o Herdeiro. Só quero a minha antiga vida de volta e ter a certeza de que todo mundo está bem — disse. — Mas não consigo resolver as coisas sem a ajuda das Chaves e isso está fazendo de mim um Habitante. Segundo o anel que Scamandros me deu, já estou seis... mais de seis partes em dez... contaminado pela magia. E é irreversível. Então vou me tornar um Habitante, certo?

— É evidente que seu corpo está assumindo uma forma imortal. Mas nem tudo que tem carne imortal é Habitante. Lembre que não foi a Arquiteta quem fez os mortais da Terra. Ela fez a essência da vida e a espalhou pela criação. Vocês, mortais, surgiram da possibilidade criada pela Arquiteta e, embora ela gostasse de pensar o contrário, não resultam diretamente de um projeto dela. Você e todos os mortais são muito mais do que o corpo que habitam.

— Mas eu posso voltar a ser um garoto normal?

— Não sei.

O Velho bebeu o último gole de vinho e atirou a jarra longe, onde a luz do relógio não chegava. O som de louça quebrando veio da escuridão, em uma prova de que lá ainda havia terreno sólido. Pelo menos por algum tempo.

— Em geral, ninguém volta. No entanto, se for em frente, pode conseguir alguma coisa que desejou no passado. Caso sobreviva, tudo pode acontecer — ele continuou.

E depois de cheirar uma rosa que estava acabando de despetalar, sem se importar com os espinhos, acrescentou:

— Talvez você até receba flores. O relógio não para. Seu tempo está quase acabando, Artur.

— Ainda tenho tantas perguntas... Pode me conceder mais dez...

O Velho largou a rosa e encarou Artur. A frieza daqueles olhos azuis faria tremer o Habitante mais evoluído.

— Deixe para lá — disse Artur com um suspiro. — Só queria prometer que, se eu vier a comandar tudo, vou fazer o possível para lhe dar a liberdade. Não acho direito as marionetes o torturarem.

O Velho piscou e pegou a rosa de volta, dizendo:

— Eu o admiro por isso, mas as marionetes não são mais problema. À medida que a Casa fica mais fraca, eu fico mais forte. Uma hora atrás, o relógio estremeceu e senti a aproximação do Nada. As marionetes também sentiram e, como é dever delas, saíram antes da hora marcada, para evitar que eu tentasse

fugir ou fosse resgatado. Lutei com elas e venci. Quebrei as duas e as joguei longe. Ainda estou acorrentado, mas, quando a Casa cair definitivamente, minha força vai aumentar. Será fácil me livrar. É o que prometem as flores. Estou guardando as pétalas para atirar nos inimigos. As marionetes não gostam, porque sabem que as flores são um prenúncio de mudança. Vá ver o que aconteceu com elas. Eu lhe concedo uma prorrogação.

Artur se levantou nervosamente e observou o mostrador do relógio, mas não saiu do lugar. Na verdade, não queria se aproximar das portas dos alçapões nem do pino central.

— Depressa! — mandou o Velho.

Artur deu alguns passos. As portas estavam destruídas. Restavam apenas lascas de madeira presas às dobradiças de ferro reforçado. Um ruído vindo do alçapão fez Artur espiar. O lenhador marionete estava lá, ainda com seu chapéu verde, embora com a pena partida ao meio. Mas tinha as pernas quebradas, e tudo o que podia fazer era se contorcer sobre as pétalas de rosas, ranger os dentes e bufar de raiva.

Artur estremeceu e, na pressa de voltar para a borda do relógio, quase tropeçou no Velho.

— Espero... Espero que nunca sejamos inimigos — disse.

O Velho inclinou a cabeça, mas não respondeu. Artur saltou do relógio e correu. Medos, fatos e suposições fervilhavam em sua mente. A esperança de que o Velho o ajudasse a entender a situação tinha ido por água abaixo.

As coisas pareciam ainda piores.





Capítulo 5

— Lorde Artur, que alívio sinto ao vê-lo! — exclamou Scamandros. — O Velho respondeu às suas perguntas?

— Não, exatamente. Na verdade, nem chegou perto disso. O Nada continua a avançar?

Em resposta, Scamandros lançou uma isca com sua vara de pescar. A isca, um crustáceo semelhante à lagosta, de cerca de 10 centímetros, desapareceu na escuridão. Scamandros recolheu a linha, contando as marcas. A isca não voltou.

— Seis... sete... oito. A invasão está cada vez mais rápida, lorde Artur.

— Onde estava a Primeira Dama, na última vez em que teve contato com ela? E Suzy?

— Estavam as duas na Cidadela, que é onde se reúnem todas as suas forças da Casa.

— Vai ser complicado chegar lá... Quer dizer... Usando a Quinta Chave, porque a Cidadela está protegida contra a Sra. Sexta-Feira. Talvez seja possível irmos pela Escada Improvável...

Artur interrompeu o que dizia ao ver Scamandros balançar a cabeça.

— Ah, sim... O senhor não pode ir pela escada. Bem... Quinta-Feira, quer dizer, eu tinha um espelho no quarto. Acho que posso tentar. Se não der certo, vamos ter que pensar em outro lugar, na Casa Intermediária, e lá pegamos um elevador — ele emendou.

Em seguida, Artur pegou a Quinta Chave e a segurou diante do rosto por alguns instantes. Mas logo abaixou o braço, dizendo:

— Se eu conseguir fazer uma porta, como vou levar o senhor comigo?

O doutor Scamandros ergueu a mão e mexeu os dedos para chamar a atenção de Artur.

— Se me permitir segurar a aba de seu casaco, eu vou junto, lorde Artur.

— Segure, então. Vamos tentar.

Artur olhou para o espelho, procurando se lembrar de seu quarto na Cidadela de Quinta-Feira. Havia uma cama grande, de quatro colunas, onde estavam entalhadas cenas de batalha; um guarda-roupa; a poltrona onde ele se

sentava para ser barbeado; e, sim, no canto, um espelho alto, com moldura de bronze. Se ele pensasse no espelho como uma janela, poderia espiar através dele e ver a cama, a porta, a pintura na parede...

Aos poucos, ele começou a ver o quarto, embora vagamente. Somente depois de alguns segundos, percebeu que o espelho estava coberto por um pano. Ainda assim, teve certeza de que a visão era suficiente para permitir que a Chave abrisse uma porta para o quarto.

— Quinta Chave, leve-me... Leve-nos a meu quarto na Cidadela do Grande Labirinto!

Desta vez não foi tão fácil atravessar a porta de luz branca, nem a transferência aconteceu de imediato. Como se caminhasse contra um vento muito forte, Artur se sentiu puxado para trás, não pela aba do casaco, mas por uma força que tornava seu corpo mais pesado. Ele precisou lutar com a mente e com o corpo, para afinal chegar a seu quarto na Cidadela. Scamandros caiu sobre as pernas do menino. Os dois rolaram pelo chão, e Artur bateu a cabeça na coluna esquerda da cama.

— Ai! — gritou Artur.

Ele apalpou a cabeça, mas não encontrou sangue e, em poucos segundos, a dor aguda era apenas uma dorzinha à toa.

— Perdão, lorde Artur — pediu Scamandros, levantando-se. — Sou muito desajeitado. Foi uma experiência fascinante, muito diferente da placa de transferência. Fico profundamente agradecido por ter sido salvo do Depósito Profundo de Carvão.

Para ficar de pé, Artur precisou se apoiar na coluna da cama, fazendo com que as mangas de seu casaco de papel se enrolassem até o cotovelo. Ele se ajeitou e, pela primeira vez, reparou em como as mangas estavam curtas. A calça, também ridiculamente curta, parecia de pescador.

— Melhor eu me trocar — disse.

Ele ia em direção ao closet, mas parou no meio do caminho. Voltou e abriu a porta, gritando:

— Guarda!

Um Habitante com o uniforme da Tropa da Horda chegou correndo e, trêmulo, ficou em posição de sentido, fazendo tilintar o sabre que carregava. Artur ouviu os passos de pelo menos uma dúzia de pares de botas no corredor, sinal de que outros guardas tomavam posição.

— Lorde Artur! Guarda se apresentando, senhor!

Artur já estava no closet. Tinha tirado as roupas de papel e já vestia o uniforme mais simples que havia encontrado: a túnica cor de areia e a calça de couro amarelo-claro combinando, usadas pelos Fronteiriços em serviço no deserto. Aquela túnica, porém, tinha galões de ouro costurados nos ombros, enquanto na calça destacava-se uma tira dourada em cada perna. E as peças eram muito mais macias e confortáveis do que as usadas pelos Fronteiriços. Em poucos segundos a roupa se modificou sozinha, do tamanho de Quinta-Feira para o físico de Artur, servindo perfeitamente.

— Obrigado, Sargento! Vamos ao Salão de Operações em um minuto. A Primeira Dama está lá? E Suzy Azul Turquesa?

— A Primeira Dama está no Salão de Operações, senhor!

O Sargento da Tropa falou em voz exageradamente alta. Parecia achar que Artur era surdo ou estava longe dele.

— A General Azul Turquesa está em algum lugar da Cidadela — continuou.

— General Azul Turquesa? — estranhou Artur. — Acho que não fiz de Suzy uma general. Lembro que ela tocou no assunto, mas...

— Ela provavelmente vestiu o uniforme, apenas, e como ninguém questionou... — sugeriu o doutor Scamandros.

A princípio, Artur pareceu preocupado, mas logo soltou uma gargalhada, dizendo:

— É bem a cara de Suzy. Aposto como fez isso para conseguir uma cota maior de chá ou qualquer outra coisa. Ou para aborrecer a Primeira Dama.

Por um momento, Artur examinou um par de sandálias protegidas por armaduras, como se pretendesse usá-las. Em seguida, devolveu-as à prateleira e pegou botas pretas, simples, mas muito bem polidas.

— É bom tê-lo de volta, senhor — disse o Sargento da Tropa ao ver Artur sair do closet.

— Obrigado mais uma vez, Sargento. Vamos ao Salão de Operações. Preciso saber exatamente o que está acontecendo.

Assim que Artur chegou ao corredor, foi cercado por pelo menos 20 guardas. Todos marcharam juntos em direção ao salão de operações. No caminho, Artur pediu ao comandante da guarda que mandasse um mensageiro procurar Suzy.

O salão de operações tinha se ampliado nos poucos dias, contados pelo tempo da Casa, que passaram desde a última visita de Artur. O teto mantinha a

forma abobadada, mas as paredes tinham se afastado, duplicando o espaço: o salão estava do tamanho do ginásio da escola de Artur. Viam-se no salão soldados com os uniformes do Regimento, da Horda, da Legião, dos Fronteiriços e da Moderadamente Honorável Companhia de Artilharia, além de numerosos Habitantes em trajes civis, muitos sem casaco, tendo as mangas das camisas brancas cobertas até o cotovelo por protetores verdes para não se sujarem de tinta.

A mesa central, onde ficava o mapa, estava mais larga e mais comprida. Tinham sido acrescentadas fileiras e fileiras de carteiras escolares, ocupadas pelos civis, que falavam em telefones antigos ou rabiscavam mensagens. A todo momento um deles corria pelo salão para entregar papéis com mensagens aos assistentes Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo ou à Primeira Dama. Ela examinava atentamente o mapa, cercada por muitos Habitantes que lhe transmitiam mensagens, às vezes ao mesmo tempo.

A Primeira Dama parecia mais alta do que nunca, talvez 2, 50 metros dos pés à cabeça. Usava uma couraça de malha de ouro, que balançava a cada movimento. Todo o aparato parecia absolutamente desconfortável para ela e perigoso para os outros, já que tinha, sobre os ombros, espetos parecidos com garras. E, embora as pontas das garras estivessem grudadas aos ombros, apresentavam esporas e frisos que partiam em todas as direções.

As luvas, na realidade a Segunda Chave, apareciam dobradas, presas ao cinto largo de couro usado pela Primeira Dama, perto da fivela. A espada feita de ponteiro de relógio, que era a Primeira Chave, permanecia embainhada sobre o quadril esquerdo. O pequeno tridente, que guardava a Terceira Chave, estava em um coldre sobre o quadril direito. Na mão ela carregava o bastão de marechal, a Quarta Chave, usando-o às vezes para gesticular.

A gritaria, os toques dos telefones, o arrastar das cadeiras, as passadas dos soldados, tudo cessou ao ser anunciada a presença de Artur. O silêncio, porém, não durou mais que poucos instantes. A barulheira recomeçou com o dobro da intensidade quando todos se levantaram, buscaram apressadamente ficar perto das paredes, deixando livre a passagem, voltaram-se para a porta e assumiram a posição de sentido.

— À vontade! — falou Artur ao entrar.

Em segundos, o movimento tomou conta do ambiente outra vez: os telefones mais chacoalhavam do que tocavam, os mensageiros corriam de um lado para o outro, e todos falavam ao mesmo tempo.

Mas os mensageiros não chegaram à Primeira Dama. Ela ergueu a mão, sinalizando para que se afastassem, e caminhou decidida ao encontro de Artur, seguida de perto por seus assistentes Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo.

— Lorde Artur, a sua chegada não poderia ser mais oportuna. Espero que tenha aprendido a não aceitar presentes de estranhos.

Artur demorou alguns instantes para entender que a Primeira Dama se referia ao pacote que tinha recebido de Emelena, a enviada de Sexta-Feira. No pacote estava a placa de transferência que, imediatamente ativada, levou Artur para a Casa Intermediária. Ele havia esquecido que não via a Primeira Dama desde então. Pelo menos não por inteiro. Esperava que a Quinta Parte, da qual tanto gostara, complementasse o caráter do Testamento, acrescentando-lhe o necessário bom senso. Ao ver que das costas da Primeira Dama saltavam delicadas asas translúcidas, muito parecidas com as da fera-morcego escondida na Escuridão Interior da Casa Intermediária, e não um manto curto, como pensara a princípio, Artur concluiu que a Quinta Parte tinha sido assimilada.

— Agora já sei — ele disse. — O que preciso saber é o que está acontecendo. A Casa Inferior foi mesmo destruída?

— Quase toda. Sobrou apenas o Depósito Profundo de Carvão — confirmou a Primeira Dama. — As Regiões Afastadas também estão perdidas, e o Nada continua a atacar nossas defesas. Somente as Chaves podem fortalecer a estrutura da Casa. A ameaça vem em tantas frentes que não consigo combater sozinha. Se você levar a Quinta Chave para a Casa Intermediária e reforçar as defesas lá, posso ir às Montanhas Fronteiriças e fazer...

— Calma! — interrompeu Artur. — Em primeiro lugar, como isso aconteceu? Onde está o Exército do Tocador de Gaita? Ainda estamos em luta contra os Novicas?

— Na verdade, lorde Artur, não há tempo a perder. O Exército do Tocador de Gaita recuou, por isso não é uma preocupação imediata. O mais importante é reforçar as fundações da Casa, e isso só você e eu podemos fazer.

— E quanto à Sábado Superior? O que ela pretende? Por que quer que a Casa seja destruída? O que vamos fazer com ela? Não vou a lugar algum antes que alguém me diga tudo que preciso saber!

A Primeira Dama se inclinou sobre Artur. Embora ele tivesse crescido, ela ainda era muito mais alta. Pela boca crispada e pelos olhos apertados, via-se que estava aborrecida. Artur se sentiu impelido a recuar e se ajoelhar em

respeito à beleza e à força da Primeira Dama, mas se forçou a dar um passo à frente e encarar aqueles olhos estranhos, onde as íris cor-de-rosa rodeavam pupilas intensamente escuras. Ela era a completa personificação do Testamento da Arquiteta, e ele sabia que, caso cedesse naquele momento, nunca mais teria a chance de tomar decisões.

— Eu sou o Herdeiro Legítimo, não sou? — ele perguntou. — Quero saber exatamente qual é a situação. Depois, eu decido o que fazer.

Por apenas um segundo, a Primeira Dama sustentou o olhar de Artur. Em seguida, abaixou lentamente a cabeça.

— Muito bem, lorde Artur. A sua palavra é uma ordem.

— Ótimo. Primeiro o que vem na frente. O que realmente aconteceu à Casa Inferior? O Nada penetrou nas Regiões Afastadas?

— Vou lhe mostrar pelos olhos de alguém que esteve lá.

A um gesto da Primeira Dama, feito com o bastão, a iluminação do salão foi reduzida.

— Senhor Skerrikim, ainda tem o sobrevivente?

Do fundo do salão, um Habitante de sobrecasaca escura, cachecol preto e gorro bordado em prata respondeu afirmativamente e se aproximou, arrastando uma grande e surrada maleta de couro, amarrada com três correias.

— O ascensorista estava fechando a porta quando aconteceu — explicou a Primeira Dama. — A uma boa distância das Regiões Afastadas, foi alcançado pelo Nada. Como usou os dentes para se agarrar à luminária do teto do elevador, teve a cabeça preservada. Felizmente o senhor Skerrikim o salvou do desmanche total.

O senhor Skerrikim, que Artur não conhecia, deixou cair a sobrecasaca, desamarrou as correias e abriu a maleta, cheia de pétalas de rosa. Bem acondicionada entre as pétalas, havia uma cabeça enfaixada, das têmporas ao queixo, por bandagens brancas, como se fazia no passado com as pessoas que sofriam de dor de dente. Os olhos estavam fechados.

O senhor Skerrikim pegou a cabeça pelas orelhas e apoiou-a na tampa de maleta, de modo que ficasse de frente para Artur e para a Primeira Dama. Em seguida, tirou do bolso um pequeno frasco de tinta ativada, onde mergulhou uma pena, para escrever alguma coisa em letras muito pequenas na testa do sobrevivente.

— Acorde, Marson! — chamou o senhor Skerrikim animadamente.

Artur levou um susto ao ver os olhos piscarem. O doutor Scamandros, que estava um ou dois passos atrás, resmungou alguma coisa não muito amigável.

— O que foi? — a cabeça de Marson perguntou irritada. — Não é fácil fazer o corpo crescer de novo. Isso sem falar na dor! Preciso do máximo de descanso.

— Você vai ter todo o descanso — garantiu o senhor Skerrikim. — Só queremos confirmar o que aconteceu lá no fosso, perto daquela barragem.

— É preciso?

A boca da cabeça estremeceu e lágrimas lhe surgiram nos cantos dos olhos.

— Não posso reviver aquilo! A dor que senti, quando o Nada devorou minhas pernas...

— Isto é absolutamente desnecessário! — protestou Scamandros enquanto afastava os curiosos para se aproximar de Artur.

No rosto de Scamandros, surgiram tatuadas as figuras de selvagens que dançavam em volta da fogueira, sob o comando de um Feiticeiro com um penteado ridículo, enfeitado com penas.

— Este pobre sujeito não precisa reviver o passado recente só para podermos ver! Percebo também que, para preservar a cabeça, o senhor usou um feitiço totalmente inadequado. Devo pedir que entregue o cuidado deste indivíduo a alguém que saiba o que faz!

— O senhor Skerrikim foi adequadamente treinado — disse a Primeira Dama com delicadeza, dirigindo-se a Artur, e não a Scamandros. — Como Investigador-Chefe de Quinta-Feira, Skerrikim já conduziu outras demonstrações do que se passa na cabeça de Habitantes. Como você sabe, Artur, eles não sentem muita dor. Marson será recompensado quando seu corpo crescer de novo.

— Pensei que o doutor Scamandros fosse o único Feiticeiro que não estivesse a serviço de Sábado — disse Artur.

— O senhor Skerrikim não é exatamente um Feiticeiro — esclareceu a Primeira Dama. — Na verdade, é um profissional da feitiçaria da Casa, mas seu campo de atuação é muito reduzido.

— Charlatão — falou Scamandros entre dentes.

— Intrometido — rebateu Skerrikim.

Artur hesitou. Queria ver o que tinha acontecido a Marson, mas sem causar sofrimento ao Habitante mutilado.

— Scamandros, é capaz de nos mostrar o que precisamos ver sem que ele sofra?

— Sou, sim, senhor — respondeu Scamandros, estufando o peito.

— Skerrikim é especialista — argumentou a Primeira Dama. — Melhor deixar que ele...

— Não — interrompeu Artur com delicadeza. — Scamandros vai resolver. Obrigado, senhor Skerrikim, está dispensado.

Skerrikim olhou para a Primeira Dama e, embora Artur não notasse nenhum sinal, fez uma reverência e saiu.

Scamandros se ajoelhou ao lado da maleta e usou um pedaço de veludo vermelho para retirar o que Skerrikim havia escrito na cabeça de Marson. Então, pegou o próprio frasco de tinta ativada, que usou para molhar uma pena de pavão e escrever alguma coisa.

— Afastem-se — ordenou Scamandros aos que estavam em volta. — A visão vai se materializar bem no lugar onde vocês estão. Está sentindo alguma dor, Marson?

— Nada, nada — respondeu Marson. — Só sinto uma coceirinha no pé que não tenho.

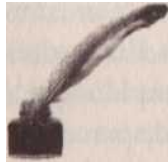
— Excelente — disse Scamandros. Abra um pouco mais os olhos. Um tantinho mais... Assim... Continue assim... Vou colocar estes palitos de fósforo e podemos começar.

Quando o Feiticeiro deu um passo para trás e pronunciou uma palavra, Artur quase pôde enxergar as letras, uma por uma, saírem de sua boca, deslocando o ar. O poder do feitiço lhe provocou um formigamento nas articulações. Uma parte dele sabia que, tempos atrás, ele teria sentido dor. Aquela altura, porém, estava acostumado à magia e ao poder.

Nos olhos de Marson, surgiram dois pontinhos de luz, que logo se transformaram em raios coloridos e dançantes. Era como se um artista louco pintasse com raios de luz.

Ao lado da mesa, formou-se uma imagem projetada dos olhos de Marson, mantidos abertos pelos palitos de fósforos. O que parecia um telão de 3, 5 por 2, 5 metros mostrou uma parte do piso do Fosso, o buraco grande e profundo cavado pelo Horrível Terça-Feira nas Regiões Afastadas, para extrair mais e mais Nada, sem se importar com o consequente enfraquecimento das fundações da Casa.

Artur se inclinou para a frente, concentrado na cena. Embora o que ia ver fosse passado, sentia-se tenso, como se assistisse a uma transmissão ao vivo.





Capítulo 6

— A lembrança não está nítida — disse a Primeira Dama. — Devíamos ter deixado por conta de Skerrikim.

— Apenas uma questão de foco, milady — explicou Scamandros.

O Feiticeiro se abaixou para ajustar as pálpebras de Marson. As sombras de seus dedos se projetaram sobre a cena como se fossem árvores andantes, altas e escuras.

— Pronto.

Imagem e som ficaram nítidos. Todos viam o que Marson tinha visto. O Habitante olhava pela porta aberta do elevador, pronto para apertar um dos botões de bronze que iniciaria a subida. Do lado de fora, aparecia um terreno plano coberto de cascalho, iluminado a intervalos regulares por lampiões a querosene pendurados em postes. A uns cinquenta metros de distância, um grupo de Habitantes estava perto da base de um muro alto, uma grande extensão de concreto acinzentado com vergalhões reluzentes à mostra.

— Ei, é a parte que eu consertei! — exclamou Artur. — Usei concreto Imaterial reforçado!

Os Habitantes observavam alguma coisa. De repente, todos recuaram ao mesmo tempo e um deles gritou para alguém que estava fora do campo de visão:

— Senhor! Há uma estranha máquina de perfurar aqui! Está abrindo buracos sozinha! É...

O Habitante foi surpreendido por um súbito e silencioso jorro de Nada, vindo da base do muro. Todos foram atingidos e dissolvidos instantaneamente. Então, com um estrondo terrível, mais Nada jorrou. Da base para o alto do muro, surgiram rachaduras, onde o Nada escuro borbulhava.

Um sino tocou com insistência, enquanto um apito a vapor soava freneticamente.

Marson apertava o botão sem parar, e as portas foram se fechando, sem impedir, porém, que uma onda de Nada entrasse no elevador. O grito de Marson soou estranho:

— Não, não, não!

O elevador disparou para cima. Marson apalpou o bolso do casaco, de onde tirou uma chave, que usou para levantar rapidamente a tampa do painel de botões. Dentro, havia uma alavanca vermelha onde se lia: **SUBIDA DE EMERGÊNCIA**. Ele acionou a alavanca, rompendo o lacre de cera e a linha de seda. O aumento da velocidade fez com que caísse de joelhos, mas a subida não foi suficientemente rápida. O piso parecia um queijo suíço de tão esburacado. De um salto, Marson se agarrou à luminária do teto no exato momento em que a parte de baixo do elevador desaparecia. Ele gritava, olhando o próprio corpo. Mas já não tinha pernas.

— Chega! — disse Artur. — Já vimos o bastante.

Scamandros estalou os dedos, e a luz que saía dos olhos de Marson se apagou. Enquanto o Feiticeiro se inclinava para retirar os palitos de fósforo, a cabeça sem corpo falou:

— Não foi tão ruim.

— Obrigado, Marson — agradeceu Artur.

Depois de olhar para a Primeira Dama, ele continuou:

— Tenho certeza de que você vai ser bem cuidado.

— Como pôde ver, lorde Artur, algum tipo muito poderoso de sabotagem foi empregado para romper a barragem — disse a Primeira Dama. — Provavelmente outros atos de sabotagem foram executados ao mesmo tempo, porque a barragem caiu toda de uma só vez. Isso permitiu a passagem de uma onda gigantesca de Nada, que, em quatro ou cinco minutos, arrasou as Regiões Afastadas. Felizmente a barreira entre as Regiões Afastadas e a Casa Inferior resistiu por várias horas, dando tempo para a retirada de objetos e registros importantes, e de um bom número de Habitantes. A completa destruição da Casa Inferior só aconteceu uma hora atrás. Em uma complicação que talvez não tenha ligação alguma com os outros acontecimentos, o Exército do Tocador de Gaita protegeu sua retirada com uma explosão de Nada, enfraquecendo as barreiras aqui no Grande Labirinto. Assim, como sempre, está vazando Nada para o Mar Fronteiriço. Por isso, nós dois somos necessários. Temos que usar o poder das Chaves para retardar a destruição da Casa.

— Retardar a destruição? — estranhou Artur. — Não podemos interromper?

— Duvido. Mas precisamos segurar o Vazio por tempo suficiente para que você tome posse das duas últimas Chaves. Depois poderemos ajustar as coisas.

— Quer dizer que, não importa o que se faça, a Casa e todo o Universo estão fadados a desaparecer? — perguntou Artur. — É só uma questão de tempo?

— Eu não disse isso, lorde Artur.

A Primeira Dama desviou o olhar enquanto falava, como se alguma coisa chamasse a atenção dela. E continuou:

— Você me entendeu mal. Depois de estabilizarmos a Casa, você pode pegar a Chave e aí estaremos em condições de avaliar os danos e ver o que pode ser feito.

— Mas pensei que você tivesse...

— Entendeu mal — repetiu a Primeira Dama delicadamente.

Ela voltou a buscar o olhar de Artur. Como sempre, porém mais intensamente, ele se sentiu um pequeno animal apanhado pela luz ofuscante dos faróis de um caminhão que se aproximava a toda velocidade. Mas sustentou o olhar quando ela acrescentou:

— Por onde quer começar? Aqui nas montanhas ou na Casa Intermediária?

— Nem uma coisa nem outra. Alguém fez aquelas máquinas perfuratrizes funcionarem, e esse alguém muito provavelmente foi Sábado Superior, não? Ou Lorde Domingo, aliado a ela. Embora o papelzinho que o pobre Ugham tinha apontasse outra direção.

— Que papelzinho? — perguntou a Primeira Dama desconfiada.

— Aquele que alguém assinou como “S”, dizendo que não queria interferir. Acho que o deixei no bolso do casaco.

— Assinado com um “S”? Isso é coisa de Lorde Domingo, o Supremo Curador, como ele se considera. Sábado Superior não teria a humildade de usar uma letra só.

— Muito bem. Isso confirma que Domingo está fora dessa. Pelo menos por enquanto. Então, precisamos garantir que Sábado não faça mais nada. Está certo que as defesas devem ser reforçadas, mas e se ela estiver enfraquecendo a Casa em outros lugares e não soubermos?

Os três assistentes fizeram que sim. Eles acreditavam que a melhor defesa é o ataque.

— Concorde que temos que ficar de olho em Sábado, porém nossa prioridade deve ser o reforço da Casa! — disse a Primeira Dama. — A Casa não pode cair assim! Como não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, você vai ter que fazer parte do trabalho. Quando a Casa estiver segura,

podemos pensar em liberar a Sexta Parte para enfrentar Sábado. Antes disso, não!

— Você não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo... — disse Artur pensativo, quase como se falasse para si mesmo.

— Como disse?

A Primeira Dama se inclinou um pouco, para ouvir melhor.

— Você não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo — repetiu Artur em voz alta. — No entanto, juntos temos cinco Chaves, e você já foi cinco seres diferentes. Pode se dividir em duas?

A expressão da Primeira Dama ficou ainda mais fechada.

— Quero dizer duas de você iguais, cada uma sendo a mistura de todas as partes do Testamento — apressou-se em explicar Artur.

Individualmente, as partes do Testamento tinham uma característica dominante, o que às vezes as tornava perigosas. Ele não queria, por exemplo, a Quarta Parte solta por aí, traiçoeira e crítica.

— É... É possível... Mas não recomendável. Seria muito melhor...

— E depois pode juntar as duas novamente?

Artur não desistia facilmente de suas ideias.

A Primeira Dama fez que sim, séria.

— Muito bem. Então você se divide em duas, e cada uma pega duas Chaves, para consertar o que for preciso.

— Não vou me dividir em muitas partes — falou a Primeira Dama furiosa.

— Eu me tornaria um alvo fácil para Sábado ou para o Tocador de Gaita; um deles poderia vencer uma parte de mim e me tomar as Chaves.

— Duas, então — insistiu Artur. — Primeira Dama e...

— Segunda Dama — sussurrou Scamandros.

— Não é boa ideia, Artur — a Primeira Dama ainda protestou. — Reduzir meu poder à metade é extrema tolice. E, se você pensa que com isso vai poder voltar ao seu Reino Secundário, está esquecendo a sua transformação e o efeito que vai ter...

— Eu não vou para casa — interrompeu Artur friamente. — Pelo menos não por enquanto. Como já disse, precisamos enfrentar Sábado Superior. Isso significa liberar a Sexta Parte do Testamento, para começar. Então me diga: sabe onde ela está? Eu sei que sente a presença das suas outras partes.

A Primeira Dama se endireitou, antes de responder.

— Minha Sexta Parte com certeza está na Casa Superior. Só não sei exatamente onde, nem tenho meios de descobrir. A feitiçaria fechou a Casa Superior para nós. Nenhum elevador chega lá, as linhas telefônicas estão interrompidas e a Porta da Frente permanece firmemente fechada. Portanto, por mais que seja do seu interesse ir lá, isso não é possível. É melhor você me ajudar e deixar de fazer sugestões tolas, ou melhor, ingênuas, sobre a minha divisão.

— Quer dizer que não tem como chegar lá? — perguntou Artur. — E a... Não, eu nunca estive lá. O mesmo serve para a Quinta Chave...

— É como eu disse: não tem jeito — insistiu a Primeira Dama. — Eu sei, Artur. Você deve lembrar que, embora seja o Herdeiro Legítimo, até há pouco tempo não passava de um garoto mortal. Não se pode esperar que tenha a sabedoria...

Artur ignorou as palavras da Primeira Dama. Ele tinha acabado de pensar em outro plano.

— Talvez haja um jeito — ele disse. — Tenho que verificar.

— O quê? — fez a Primeira Dama furiosa. — Que jeito? Ainda que você pudesse chegar à Casa Superior, não deve esquecer que Sábado tem a seu serviço milhares, talvez dezenas de milhares de Feiticeiros. Agindo de acordo com ela, eles podem com facilidade vencê-lo e prendê-lo...

— Não vou atacar abertamente! — interrompeu Artur.

Ele estava ficando cansado das objeções da Primeira Dama e falou irritado:

— Na verdade, se eu chegar lá como estou pensando, a abordagem vai ser bem discreta. De um jeito ou de outro, estamos perdendo tempo. Você precisa se dividir em duas. Vamos ao trabalho. Tenho que ir ao Mar Fronteiriço.

— Calma aí! — protestou a Primeira Dama. — O que você pode querer no Mar Fronteiriço?

— Os Ratos Criados.

Indignada, ela respirou fundo. Tinha a testa tão franzida que as sobrancelhas se juntavam no meio.

— Os Ratos Criados são agentes do Tocador de Gaita! Tal como as crianças, não são confiáveis! Devem ser caçados e exterminados!

— Dona Primeira Dama vestiu outra vez a calcinha pelo avesso — falou uma voz vinda lá de trás.

Artur se voltou e sorriu ao ver a amiga Suzy Azul Turquesa se espremer habilidosamente entre dois Habitantes para ficar ao lado dele.

— Suzy! O que é isso que está usando?

— Meu uniforme.

Suzy tirou o chapéu surrado, com enormes dragonas douradas presas à parte de trás, como uma proteção contra o sol, e fez uma reverência. Assim tilintaram as seis medalhas, provavelmente falsas, que trazia presas ao paletó de mangas cortadas para mostrar a camiseta amarela. A perna esticada à frente rangeu por causa da calça de couro que ela vestia, igual à calça usada por Artur, que pensava ser aquela uma peça exclusiva do vestuário de Quinta-Feira. As botas vermelhas não faziam parte de nenhum uniforme que tivesse sido mostrado a Artur durante o treinamento para recruta. O cinto coberto de escamas esverdeadas que mudavam de cor também era modelo único e incluía uma bainha para acomodar a espada.

Artur se surpreendeu com a cena, em especial porque atrás de Suzy havia várias crianças do Tocador de Gaita vestidas com as mesmas combinações estranhas.

— Os Piratas de Suzy — ela disse, percebendo o olhar espantado de Artur.

— Piratas, mesmo. Crepúsculo aprovou. Eu disse que era ideia sua.

— Minha ideia — ele começou a falar.

Artur interrompeu o que ia dizer ao perceber que Suzy mexia as sobranceiras, sinalizando alguma coisa.

— Por causa da má fama das crianças do Tocador de Gaita — ela acrescentou. — É melhor ficarmos juntos. Mais fácil de tomar conta. Se a Dona... Quer dizer, se a Primeira Dama quiser nos matar.

— Não é nada pessoal, senhorita Azul — disse a Primeira Dama com um suspiro. — Faço apenas o que é necessário à vitória de lorde Artur. Você mesma já se deixou levar pela música mágica do Tocador de Gaita. Impedir que isso aconteça de novo é puro bom senso.

— Mas não precisa nos matar — falou Suzy irritada.

Depois de remexer nos bolsos, de onde tirou duas bolotas de cera cinzenta, ela continuou:

— Basta colocarmos cera nos ouvidos e não vamos ouvir a gaita! Além do mais, atualmente sou General Azul Turquesa!

A Primeira Dama suspirou e ia começar a responder, quando Artur ergueu a mão.

— Já dei ordens para que nenhuma criança do Tocador de Gaita seja incomodada. Nem os Ratos Criados, desde que não nos ataquem. Agora, eu

vou ao encontro dos Ratos. Eles têm o direito de me fazer uma pergunta, e eu devo a eles uma resposta. Portanto, acho que vão, pelo menos, negociar. Primeira Dama, assistentes, todos, procedam conforme o combinado. Doutor Scamandros, pode vir comigo?

— Certamente, lorde Artur, certamente — apressou-se em responder o Feiticeiro. — Ah, pretende usar de novo a Quinta Chave?

— É o meio mais rápido — respondeu Artur. — Quero ir direto para o Rattus Navis IV. Provavelmente vou conseguir usar o reflexo da jarra de prata que eles têm lá. O que foi, Suzy?

A garota puxava a manga do casaco dele.

— Também vou, está bem? Quero ver os Ratos e acertar as contas com Sábado.

— Acho melhor você ficar, para cuidar das crianças...

— Ficar?! Pensa que, só porque está mais alto, menos sensível e com os dentes perfeitos, não precisa mais de mim? Quem o defendeu você um monte de vezes?

— Talvez eu deva preveni-lo, lorde Artur, de que senti certo nível de resistência quando viajamos para cá. Talvez seja mais prudente pegar o elevador para Porto Quarta-Feira e mandar buscar os Ratos Criados — alertou Scamandros.

— Não dá tempo — explicou Artur. — Mas acho que vou precisar do senhor. Se puder aguentar...

— Vou acompanhá-lo — disse Scamandros. — Eu me agarro com mais força desta vez. Como está com um casaco sem abas, posso segurar seu braço?

— E eu? — perguntou Suzy.

— Pode vir, também. Pelo menos para falar com os Ratos.

Artur ofereceu um braço ao doutor Scamandros e o outro a Suzy, embora assim tivesse mais dificuldade para segurar a Quinta Chave. Ele se preparava para começar a viagem, quando viu a Primeira Dama. Ela havia voltado à mesa e estudava o mapa. Não parecia ter a menor intenção de se dividir em duas e cumprir as determinações de Artur.

Ao mesmo tempo, ele se lembrou de alguma coisa.

— Primeira Dama! — chamou. — Antes de se dividir em duas, quero que me devolva o Atlas Completo da Casa. Acho que vai ser muito útil.

A Primeira Dama nem se voltou para responder.

— O Atlas tem vontade própria. Parece que foi visto pela última vez na Casa Intermediária, provavelmente trocando a encadernação. Espero que ele venha logo. Ou então vai ao seu encontro, onde você estiver. Sugiro que verifique todas as estantes pelas quais passar.

— Ah... — fez Artur.

Uma ideia surgiu em sua mente: “Ela está mentindo. Ou omitindo a verdade. Por que será que não quer que eu pegue o Atlas? Poderia ser muito útil! Duvido que ela consiga mentir cara a cara comigo...”

De repente, Crepúsculo deixou a mesa que ocupava e atravessou o salão com passos rápidos, exibindo um papel com uma mensagem e gritando:

— Primeira Dama! Surgiu um pequeno gêiser de Nada perto do Centro dos Letristas!

A Primeira Dama pegou o papel.

— Viu, Artur? Bem, se você não vai lá, vou ter que fazer como disse. Crepúsculo, prepare a escolta e o elevador privativo!

Com uma saudação, Crepúsculo se retirou. Depois de um breve momento de silêncio, enquanto todos olharam para a Primeira Dama, a movimentação frenética recomeçou. Sobraram apenas dois pequenos espaços: um em torno dela e outro em torno de Artur, Suzy e Scamandros.

— Está aí uma coisa que vale a pena ser vista — resmungou Suzy. — Será que ela vai se dividir ao meio e sair se retorcendo como um verme?

Artur fez que não. Seria muito indigno.

Sob os olhares atentos, a Primeira Dama deu um passo à frente. Sua figura perdeu a nitidez e encolheu, como se ela tivesse caído em um buraco. Então, surgiram duas versões dela. Eram duas criaturas de 2 metros, em lugar da versão anterior, de 2, 5 metros. Com roupas perfeitamente iguais, pareciam idênticas, mas uma carregava a Primeira Chave, em forma de espada, e a Terceira Chave, um tridente; a outra levava a Segunda Chave, em forma de luvas, e a Quarta Chave, o bastão.

As duas personificações do Testamento se encararam e se cumprimentaram.

— Dama Quatro — disse a que tinha a espada e o tridente.

— Dama Sete — disse a que tinha as luvas e o bastão.

— Humm... — resmungou Scamandros. — Autoengrandecimento. Uma somou um mais três, e a outra, dois mais cinco. Devem estar tentando aumentar o total.

Quatro e Sete fizeram uma reverência diante de Artur, falando em coro:

— Lorde Artur.

— Olá — respondeu Artur. — Obrigado pela divisão. Acho melhor todos começarmos a agir.

— Realmente — concordou a Dama Quatro.

— Isso mesmo — disse a Dama Sete.

E levantando a mão dramaticamente anunciou:

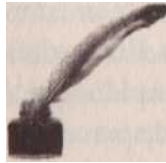
— Vou para a Casa Intermediária!

— E eu para as montanhas! — declarou a Dama Quatro.

As duas se retiraram.

— Eu vou enfrentar Sábado Superior — completou Artur.

Por algum motivo, a afirmação soou estranha. Ele ergueu o espelho e se concentrou, tentando olhar através dele e ver a jarra de prata na cabine da popa do Rattus Navis IV. Ele logo chegaria aonde o navio estivesse, nas águas misteriosas do Mar Fronteiriço.





Capítulo 7

Atravessar o portal com duas pessoas penduradas foi muito mais difícil. Por um momento assustador, Artur pensou que os três pudessem ser mandados de volta — não para a segurança da Cidadela, mas para algum lugar diferente do que ele pretendia. O piso subia e descia sob seus pés, a luz ofuscava seus olhos, e Suzy e Scamandros pareciam pesos de chumbo a lhe puxar os braços para trás e para baixo. Mas ele continuou avançando, totalmente concentrado em seu objetivo. A certa altura, começou a ver a silhueta da mesa e das poltronas na grande cabine do Rattus Navis IV. No entanto, embora parecesse apenas a um passo de distância, a visão era difícil de alcançar.

Então, suado e ofegante por causa do enorme esforço, Artur conseguiu chegar ao destino com seus dois acompanhantes. Os três caíram sobre o piso inclinado da embarcação e foram escorregando em direção a estibordo. Em seguida, com uma mudança brusca de curso, escorregaram para bombordo. Lá, esbarraram em uma mesa. A jarra de prata que havia sobre ela saiu rolando, o que resultou em uma barulheira.

Quando afinal se levantaram, agarrando-se ao que encontravam pela frente, a porta foi aberta com violência, dando passagem a um soldado Nadica visivelmente surpreso.

— Estranhos a bordo! — ele gritou, desembainhando uma adaga reluzente. — O inimigo!

De imediato, Scamandros tirou de dentro da manga do casaco um garfinho de coquetel com uma cebola em conserva na ponta. Como não era o que ele esperava, a “arma” foi logo devolvida ao esconderijo.

Ao mesmo tempo, Suzy sacou a espada, mas o Nadica estava acostumado ao mar e foi mais rápido. Esquivando-se, avançou sobre Artur, que instintivamente ergueu o braço para se proteger. Um braço, porém, não seria proteção à altura de uma longa adaga que cuspiu centelhas flamejantes.

Mas se tratava do braço direito, e Artur segurava a Quinta Chave na mão direita. Antes que o Nadica consumasse o corte, uma luz muito intensa brilhou, seguida de um cheiro desagradável de produto químico e de um grito

abafado. Então, no lugar onde estava o Nadica, restou apenas um par de botas fumegantes.

Artur sentiu brotar uma onda de irritação.

“Como estas criaturas patéticas ousam me atacar? Como ousam? Vou destruir todos eles!”

Ele sacudiu a cabeça e respirou fundo, forçando o acesso de raiva e arrogância a voltar para o lugar de onde havia saído. Estava assustado. Tinha medo de ficar furioso a ponto de não conseguir conter o impulso de atacar.

Somente quando a fúria desapareceu, Artur percebeu que seu braço doía muito.

— Ai! — ele exclamou.

A ponta da adaga do Nadica havia tocado a pele dele. Artur puxou o local do ferimento, para ver melhor, e descobriu: não se tratava de um simples arranhão. O corte de 15 centímetros, no antebraço, parecia chegar ao osso. No entanto, sob seu olhar, a pele se fechou, deixando apenas uma discreta cicatriz esbranquiçada. Com a mão esquerda, ele limpou o pouco sangue que tinha escorrido, fingindo não dar importância à cor, nem vermelha como nos seres humanos, nem azul como nos Habitantes. A constatação de que seu sangue era dourado, como o mel puro, lhe causou mais dor do que o ferimento. Ele realmente estava se tornando um ser muito estranho.

— Não sobrou nada dele — constatou Suzy com satisfação, mexendo as cinzas do Nadica com a ponta da espada.

— Eu não queria fazer isso — disse Artur. — Foi a Chave.

— É melhor estarmos preparados — preveniu Suzy.

Pretendendo escorar a porta, ela fez força para empurrar a mesa, mas nada conseguiu; a mesa estava pregada no piso. Seu único resultado foi perder o apoio e sair cambaleando ao encontro de Scamandros. Os dois acabaram caindo sobre uma das poltronas bem acolchoadas. Suzy logo se levantou, mas o Feiticeiro ficou um bom tempo se debatendo, como um besouro deitado de costas.

— Com certeza aquele não era o único Nadica a bordo — continuou a falar Suzy. — Eles vão atacar a qualquer momento.

— Talvez não tenham ouvido — sugeriu Artur.

Na verdade, havia muito ruído. A batida rítmica do motor da embarcação se juntava aos chiados e rangidos do conjunto de cabos, bem como ao som

provocado pelos constantes choques do casco contra as ondas de tamanho considerável.

— Eles ouviram muito bem — insistiu Suzy.

Em seguida, ela cuspiu nas mãos para segurar melhor a espada e continuou:

— Tomara que a sua Chave queime logo um montão deles.

— Eu não quero queimar ninguém! — protestou Artur. — Só quero falar com os Ratos Criados!

— É muito bom escutar isso.

A voz saía da parte de baixo da mesa.

Suzy soltou um palavrão e se abaixou para dar uma olhada.

— Um alçapão! — ela exclamou admirada. Uma porta secreta!

Um rato com 1,20 metro de altura, de calça branca e casaco azul com uma dragona no ombro esquerdo, saiu com dificuldade do esconderijo para cumprimentar Artur. Sua boca comprida se abriu em um sorriso que revelou dois brilhantes dentes de ouro, bem na frente. Ele trazia um pequeno cutelo embainhado e completava o traje com um chapéu ao estilo de Napoleão, meio de lado sobre a cabeça.

— Imagino que seja lorde Artur. Sou o Tenente Boca de Ouro, recentemente conduzido ao comando deste navio no lugar do Capitão Rabão, que foi promovido e transferido. Eu não tinha o prazer de conhecê-lo, mas estou a par de suas batalhas contra nós. O senhor e os seus companheiros gostariam de se sentar?

O Rato acompanhou as últimas palavras com um gesto, indicando as poltronas.

— Temos uma trégua, então? — perguntou Artur ainda de pé. — Você fala em nome de todos a bordo?

— Sou o capitão — respondeu Boca de Ouro. — Declaro a trégua em nome de todos nós, Novicas e Ratos Criados.

— O Tocador de Gaita não está aqui, está? — perguntou Suzy.

Ela também continuava de pé, embora Scamandros tivesse se acomodado na poltrona.

— O Tocador de Gaita não está a bordo desta embarcação — afirmou Boca de Ouro. — Embora em dívida com ele, e por isso transportamos suas tropas e tudo o mais, nós, Ratos Criados, resolvemos não participar das guerras do Tocador de Gaita e não nos aliamos aos Novicas. Por falar neles, se

não se importam de esperar um pouco, vou tranquilizar o meu pessoal e os Novicas e volto logo.

— Lamento por aquele... Pelo que eu matei — disse Artur.

Ele não esquecia que os Novicas, embora se sentissem obrigados a servir ao Tocador de Gaita, tinham como verdadeira vocação ser fazendeiros. Artur os sentia mais como seres humanos do que como Habitantes.

— Ele me atacou e a Chave... — continuou.

Boca de Ouro fez que sim.

— Vou falar com eles. Aquele não foi o primeiro nem vai ser o último. Mas acredito que não haverá mais lutas entre nós, no Rattus Navis IV. Por favor, sirvam-se dos biscoitos da bandeja. E há mais suco de frutas vermelhas no barrilzinho.

— Tomara — disse Artur quando o Rato Criado passou pela porta.

Em seguida ele reabasteceu a jarra, enquanto Suzy atacava os biscoitos, não sem antes dar com eles uma batidinha na mesa, para soltar algum inseto. Ela ofereceu os biscoitos, mas Artur e Scamandros recusaram. O Feiticeiro aproveitou para tirar de um dos bolsos internos um pratinho de louça xadrez vermelho e branco, com um sanduíche meio amassado, de presunto com agrião.

— Estou curioso para saber por que há Novicas a bordo — falou Artur devagar. — Espero que o Tocador de Gaita não nos ataque aqui no Mar Fronteiriço.

— O Porto Quarta-Feira tem boas defesas — disse Scamandros.

— O Triângulo é mais vulnerável se não houver embarcações para protegê-lo. Mas de pouco adianta, porque não tem elevadores nem nada de útil. Mas claro que os Ratos podem estar transportando os Novicas para algum lugar dos Reinos Secundários, pelo Mar Fronteiriço.

— Ssshhh — fez Artur. — Boca de Ouro está voltando!

Boca de Ouro bateu e esticou o nariz comprido pela fresta da porta.

— Tudo bem? — ele perguntou antes de entrar. — Lamento, mas meu Primeiro-Tenente não vai poder se juntar a nós, porque é seu turno de guarda. Mas o Terceiro-Tenente em Exercício está aqui. Acho que já se conhecem.

O Rato Criado que vinha atrás de Boca de Ouro foi para a frente. Apesar do bigode aparado e do casaco azul, Artur imediatamente reconheceu o recém-chegado.

— Watkingle! Você foi promovido!

— Sim, senhor — respondeu Watkingle. — Por causa do golpe que lhe apliquei na cabeça, evitando assim um desastre ou uma catástrofe, como preferir. Para mim, foi ótimo, senhor, se me permite dizer.

— Não me importo. Na hora, foi necessário — disse Artur, levantando-se para apertar a pata de Watkingle. Senão, Fugaz me acertaria.

— O senhor parece... Humm... Mais alto — tomou coragem de dizer Watkingle.

— Estou mesmo — confirmou Artur contrariado, sentando-se em seguida.

Watkingle se esticou contra o casco da embarcação, escorando-se nas patas para que o balanço não lhe tirasse o equilíbrio.

Quando o silêncio começou a se tornar desconfortável, Boca de Ouro falou:

— O senhor veio para me fazer a terceira pergunta?

— Bem... a pergunta e um pedido de ajuda — respondeu Artur.

— Ouvi dizer que Sábado Superior isolou por completo a Casa Superior e que não tem como chegar lá. Mas aposto que vocês, Ratos, conhecem um caminho. Digo isso porque um Rato Criado conseguiu sair com um pedaço de papel. Quero saber qual é o caminho e receber a ajuda de vocês para ir até lá.

— Eu também! — acrescentou Suzy.

— Humm... — fez Boca de Ouro. — Vou ter que enviar uma mensagem ao Comodoro Monckton...

Artur abanou a cabeça.

— Não há tempo. Presumo que saiba da destruição dos muros da barragem e da sabotagem que enfraqueceu as defesas contra o Nada. A Casa Inferior também foi destruída. Preciso impedir que Sábado acabe com a Casa toda.

Agitado, Boca de Ouro franziu o nariz.

— Tivemos notícias do desastre, mas não sabíamos que era tão grave. Para responder às suas perguntas, vou ter que investigar. Não estou há muito tempo no comando desta embarcação nem sou muito velho.

— Já ordenei que os Ratos Criados sejam deixados em paz, a menos que ataquem minhas forças — disse Artur. — E terei o maior prazer em ajudá-los e em responder a todas as perguntas que fizerem, desde que me ensinem a chegar à Casa Superior.

Depois de uma pausa, ele corrigiu:

— Chegar à Casa Superior sem ser notado.

— Como imaginou, lorde Artur, existe um caminho.

Boca de Ouro falou devagar, olhando para Watkingle, que deu de ombros.

— Analisando as circunstâncias, sinto-me obrigado a ajudá-lo. Mas, além do pagamento que nos deve pela resposta, o senhor precisa concordar em pagar um preço a ser estabelecido pelo Comodoro Monckton e pelos Ratos mais velhos.

— Isso é o mesmo que assinar um contrato sem ler! — comentou Suzy. — Vocês, Ratos, são uma caixinha de surpresas!

— Obrigado — agradeceu Watkingle.

— Eu não estou elogiando! — protestou Suzy. — Por que Artur deveria concordar em...

— Tudo bem, Suzy — interrompeu Artur. — Eu concordo.

“Tanto faz eu concordar ou não.” Uma vozinha dentro dele, uma parte escondida e odiosa de sua mente, acrescentou: “Além disso, sempre posso voltar atrás. Eles não passam de Ratos...”

— Também devo lhe pedir que mantenha segredo, lorde Artur — continuou Boca de Ouro. — Todos precisam guardar segredo.

Artur e Suzy fizeram que sim, embora ele suspeitasse que ela tivesse cruzado os dedos atrás das costas.

— Adoro guardar segredos — confessou Scamandros. — Tenho centenas deles guardados aqui.

Para enfatizar o que dizia, o Feiticeiro deu um tapinha na testa, fazendo aparecer ali um buraco de fechadura. Em seguida surgiu uma chave que entrou na fechadura e girou, provocando uma chuva de pontos de interrogação que foram dançando da têmpora às orelhas.

— Muito bem — disse Boca de Ouro. — Lorde Artur já ouviu falar nas Garrafas Simultâneas? Sabe que elas formam pares e o que se coloca em uma aparece na outra?

— Já. São usadas para transmitir mensagens. Mas Monckton me disse que só funcionam no Mar Fronteiriço.

— Isso vale para a maior parte delas. No entanto, temos algumas Garrafas Simultâneas muito especiais. Ou, para ser mais preciso, Garrafas Simultâneas Nabucodonosor, que funcionam fora do Mar Fronteiriço...

— O que são essas garrafas? — interrompeu Suzy.

— São oito garrafas, cada uma de um tamanho — Scamandros foi quem respondeu.

Oito garrafas em ordem crescente de tamanho apareceram no lado esquerdo do rosto de Scamandros, espalhando-se para o lado direito. A menor tinha pouco mais de 1 centímetro, enquanto a maior começava no queixo e chegava acima da orelha.

— Existe a garrafa-padrão. A Magnum equivale a duas garrafas. A esta se seguem outras com nomes bíblicos: a Jeroboão corresponde a quatro; a Roboão vale por seis; a Matusalém, por oito; a Salmanasar, por doze; a Baltasar, por dezesseis; e a Nabucodonosor, por vinte!

Depois de mexer nos bolsos internos do casaco, ele acrescentou:

— Tenho por aqui, em algum lugar, uma Jeroboão de um vinho espumante maravilhoso, presente do pobre velho Capitão Catapillow...

— Sim, sim — interrompeu Boca de Ouro. — As Nabucodonosores Simultâneas são muito grandes. Nós as distribuímos aos pares em vários locais da Casa, inclusive na Casa Superior. O tamanho é importante, porque podem servir para a transferência de um de nós. Mas não, devo dizer, de alguém do seu tamanho, lorde Artur.

— Foi o que imaginei — disse Artur. — É aí que o senhor entra, doutor Scamandros. Quero que me transforme em um Rato Criado. Temporariamente, claro.

— E a mim também — completou Suzy.

— Não é nada fácil — avisou Scamandros. — É verdade que já criei um disfarce para vocês, dando-lhes a aparência de ratos. Mas mudar de forma, ainda que por tempo limitado, eu não sei. Você mesmo pode conseguir isso com a Chave, Artur.

Artur fez que sim.

— Provavelmente posso. Minha preocupação é com a volta. Se o senhor fizer, a magia perde o efeito depois de um tempo, não perde?

— Assim espero — respondeu Scamandros. — Mas não sei bem como a magia vai afetá-lo, lorde Artur. É possível que a Chave perceba a magia como um ataque e faça comigo o que fez com o Novica.

— Tenho certeza de que isso não vai acontecer, desde que eu me concentre na vontade de me transformar em Rato Criado — argumentou Artur. — Vamos tentar.

Boca de Ouro tossiu e levantou a pata.

— A Nabucodonosor Simultânea, que é gêmea da que escondi na Casa Superior, não está a bordo desta embarcação. Caso queira tentar, dentro dos

termos que descrevi, deve passar para o Rattus Navis II. Se eu enviar uma mensagem, e eles vierem ao nosso encontro enquanto avançamos em direção a eles, não leva mais de meia hora. Estamos viajando em comboio.

— Em comboio! — exclamou Artur. — Com um monte de Novicas a bordo? Espero que não estejam planejando atacar o Porto Quarta-Feira!

— Não sei qual é o destino da força Novica — afirmou Boca de Ouro. — Só sei que nós os pegamos em um dos Reinos Secundários e vamos deixá-los em outro.

— Está certo — disse Artur. — O que será que eles pretendem? Tomara que o Tocador de Gaita fique fora disso. Talvez eu possa pedir a um dos Novicas...

— Por favor! — interrompeu Boca de Ouro. — Como eu disse, os Ratos Criados não querem briga. Os Novicas aceitaram a versão de que um deles caiu no mar, por isso não virão aqui embaixo procurá-los. Mas, se descobrirem que estão aqui, vão se sentir obrigados a lutar. Acredito que o senhor vença, lorde Artur, mas seus companheiros podem morrer, além de muitos Nadicas. Fique aqui, tome um suco e, assim que os dois navios estiverem lado a lado, faremos sua transferência, com o máximo possível de rapidez e discrição.

— Combinado.

Mais uma vez, Artur teve que lutar contra a vontade de ir ao convés e mandar que os Novicas se ajoelhassem diante dele. Se não obedecessem, ele os reduziria a cinzas, para serem levados pelo vento e pelas ondas...

“Não! Nada disso! Vou fazer as coisas do meu jeito. Seja qual for minha aparência, não vou mudar de personalidade. Como ser humano, sei amar, sei ser bom e sei agir com benevolência em relação aos mais fracos. Não é porque tenho poder que sou obrigado a usá-lo!”

— Vou precisar de algumas coisas — anunciou Scamandros, apalpando os bolsos. — Humm... Pelo de rato recém-cortado, quatro pegadas frescas de rato em gelatina ou gesso. Em caso de emergência, pode ser em areia. Tinta cinza ou marrom, um pincel maior que este... O resto acho que já tenho.

— Watkingle pode providenciar — disse Boca de Ouro.

— De que Rato devo cortar o pelo, senhor? — perguntou Watkingle. — Eu estou com o corte em dia.

— Sempre há alguém precisando. Cuide disso imediatamente — decidiu Boca de Ouro.

— Está bem, está bem... Pelo, gesso, tinta cinza ou marrom... — saiu resmungando Watkingle.

Scamandros depositou sobre a mesa uma garrafa de cristal verde, lacrada com um selo de chumbo, e falou:

— Vamos ver... A garrafa grande de tinta ativada é um pouco melhor de ler. Existe uma peça em Xações Xenográficas de Xamanader. Deixei uma cópia por aí, tenho certeza...

Mais uma vez fascinado pela quantidade e pelo tamanho dos objetos que Scamandros carregava nos bolsos, Artur perguntou:

— Onde está a outra Nabucodonosor? A da Casa Superior? Lá existem Ratos que possam me ajudar?

— Não sei bem — respondeu Boca de Ouro. — Acredito que esteja nos níveis mais baixos da Casa Superior, sob o mecanismo a vapor que movimentava as correntes. Temos alguns agentes no local. E, é claro, as crianças do Tocador de Gaita de lá, que são nossas aliadas, provavelmente vão ajudá-los também.

— Crianças do Tocador de Gaita? — estranhou Suzy. — Não sabia que há um grupo instalado na Casa Superior.

Igualmente surpreso, Artur perguntou ao mesmo tempo:

— Mecanismo a vapor? Correntes?

Boca de Ouro revelou o pouco que sabia, apesar das interrupções de Scamandros, que catalogava os itens necessários e arrumava os objetos estranhos saídos de seu casaco. O Feiticeiro quase nada acrescentou às explicações de Boca de Ouro, já que tinha sido expulso da Casa Superior milhares de anos antes, quando Sábado Superior empregava métodos mais convencionais para construir sua torre. Além disso, havia outras construções, além da enorme e espaçosa montagem de cubos de ferro.

— Isso parece mais uma brincadeira de criança com blocos de construção — disse Artur. — E os cubos são puxados pelas correntes e se movem sobre trilhos?

— Foi o que me explicaram — respondeu Boca de Ouro.

— Está aí uma coisa que vale a pena ver — falou Suzy alegremente. — Não há nada tão revigilante para os pulmões como uma boa nuvem de vapor e um pouco de fumaça escura de carvão.

— Revigorante — corrigiu Scamandros distraído. — Re-vi-go-ran-te. A outra palavra lembra inspecionar, exercer vigilância. A causa da minha ruína.

— Tenho certeza de que vai ser interessante — disse Artur. — Mas não podemos esquecer que se trata da fortaleza do inimigo. Se você for, Suzy, vai precisar ser muito discreta. Não quero ter que lutar contra milhares de Feiticeiros. Ou contra Sábado nos domínios dela, com a Sexta Chave. Chegamos, encontramos e pegamos a Sexta Parte do Testamento e voltamos. Entendeu?

— Entendi.

— Ótimo.

Naquele momento, uma lembrança fugaz do pai, Bob, surgiu na mente de Artur. Às gargalhadas, ele assistia a um de seus filmes favoritos de Danny Kaye. Mas a visão logo sumiu. Artur gostaria que tivesse durado um pouco mais. Estava tão longe da família... Mesmo uma breve lembrança amenizava a solidão.





Capítulo 8

Artur, Suzy e Scamandros foram levados do Rattus Navis IV para o Rattus Navis II em um bote que venceu rapidamente as poucas centenas de metros entre os dois navios. Os remadores eram oito Ratos marinheiros, de chapéus de palha enfeitados com fitas azuis. O ritmo se mantinha graças ao comando firme de Watkingle, que gritava: “Remem! Remem! ”

Artur se acomodou de costas para a proa, observando os Novicas enfileirados no convés do Rattus Navis IV. Todos olhavam para o outro lado, ignorando de propósito a partida dos breves passageiros. Artur pensava em seu destino e no destino dos Novicas, quando um chuveiro de água fria do mar molhou seus ombros. Ele se voltou rapidamente, mas ainda lhe entrou um pouco de água pela boca aberta. Somente então percebeu que cortavam as ondas e que, se não fosse a perícia de Watkingle, o bote estaria alagado.

Mas a água que molhou Artur trouxe uma coisa que caiu no seu colo: um elefante amarelo e felpudo, o elefantinho de brinquedo dele, uma vez encontrado por ele no Mar Fronteiriço, lar dos objetos desaparecidos, e novamente perdido no trajeto até o Grande Labirinto.

— O elefante... — ele falou pensativo, apertando o brinquedo contra o peito, como se fosse uma criança pequena.

Logo, porém, lembrou quem era e onde estava e lentamente recolocou o brinquedo no colo.

— Você precisa ter cuidado com isso.

Era Scamandros quem falava, olhando por cima de um exemplar de Xações Xenográficas de Xamanader, um livrinho vermelho que parecia fino demais para guardar tanta sabedoria.

— Lembranças da infância são sagradas e muito poderosas. Alguém pode pegar e fazer um Cocigrue, um Comedor de Espíritos, como o Garoto sem Pele, ou talvez uma agulha para provocar dor a distância.

— Não vou perder meu elefante outra vez — prometeu Artur, guardando o brinquedo dentro do casaco do uniforme, de forma que não caísse. O arranjo fez surgir um volume estranho, mas ele não se importou.

— Tive um brinquedo quando era pequena — comentou Suzy.

Por um momento ela ficou séria, de testa franzida. Então, prosseguiu:

— Mas não lembro qual era. Só sei que se mexia e me fazia rir.

— Alto aí, marujo! Posicione-se ao lado!

As lembranças de Suzy tiveram que ficar para depois, já que era hora de subir pela escada de corda até o convés do Rattus Navis II, onde o grupo foi recebido por um Rato Criado elegantemente vestido com um uniforme mais bonito e bem mais vistoso do que todos os outros que Artur tinha visto. Até o tecido azul do casaco, que à primeira vista parecia comum, apresentava um desenho de traços sinuosos que captavam a luz.

— Saudações, lorde Artur! Sou o Tenente Bigodinho, comandante deste navio. Desça comigo, por favor. Temos um pequeno contingente de Novicas a bordo, na maioria oficiais graduados que fizeram a gentileza de se concentrarem na proa para tomar chá, enquanto o senhor... hã... nos visita.

— Obrigado — agradeceu Artur.

— Siga-me, por favor.

Bigodinho desceu rapidamente pela escada interna que levava à popa e conduziu o grupo até a espaçosa cabine do capitão, muito parecida com a do Rattus Navis IV, embora com uma decoração mais elaborada. Havia cortinas de veludo vermelho nas janelas, e as poltronas eram estofadas em um tecido brilhante, de padronagem xadrez.

Artur nem reparou na decoração. O elemento mais importante da cabine era uma enorme garrafa de vidro verde sobre uma armação de madeira presa ao convés. Não fosse pelo gargalo, por onde passaria apenas uma perna, a garrafa comportaria o corpo de Artur sem que fosse preciso transformá-lo em Rato, já que tinha pelo menos 2,50 metros de altura e 1,50 metro de diâmetro na base.

O vidro verde era meio fosco, mas não chegava a ser opaco. Isso permitia que se visse, dentro da garrafa Nabucodonosor Simultânea, uma espécie de fumaça ou neblina que só não escapava por causa da rolha, bem presa por arame trançado, com uma cobertura de aço por cima.

— Está tudo pronto — avisou Bigodinho. — O senhor pode entrar na garrafa assim que estiver... ah... preparado. Posso lhe oferecer uma bebida refrescante, lorde Artur, enquanto o seu Feiticeiro completa a magia?

— Não, obrigado — agradeceu Artur. — Quanto tempo vai levar, doutor Scamandros?

Scamandros ajeitava os equipamentos sobre uma bancada. O olhar dele passou de Artur para a garrafa. Em seguida ele piscou os olhos várias vezes e tossiu, antes de responder:

— Uns trinta minutos, lorde Artur. Agradeço se alguém me arranjar um pedaço de queijo bem grande, com casca. Pensei que tivesse trazido, mas não consigo achar.

Bigodinho se apressou em responder:

— Vou pedir ao cozinheiro. Fiquem à vontade. Vou ao convés, mas volto em poucos minutos, a tempo de abrir a Nabucodonosor. Para isso é preciso uma técnica muito refinada. Portanto, não tentem abri-la, por favor. Devo preveni-los também de que não devem tocar no vidro. A parte externa da garrafa às vezes fica muito quente e às vezes muito fria. Como nem o calor nem o frio se irradiam, o susto pode ser grande.

— Não se irradiam? — perguntou Scamandros pensativo. — Interessante...

Dizendo isso, o Feiticeiro largou as pegadas de Rato impressas em gesso, que segurava, e deu um passo em direção à garrafa, mas logo ergueu as mãos e voltou. A tatuagem de um leme em movimento surgiu em sua testa, indicando que ele ia retomar a tarefa interrompida.

— Então, nós entramos nesta garrafa e encontramos a Sexta Parte do Testamento, certo? — recapitulou Suzy.

— Isso — confirmou Artur.

— Como, exatamente? Será que ela vai pular na minha boca, como a Primeira Parte?

— Seria bom. Mas a Sexta Parte está presa em algum lugar. Espero sentir a presença dela. Já sou capaz de perceber a proximidade do Testamento. Talvez até escute a voz dela dentro da minha cabeça, como aconteceu com as outras Partes, quando cheguei perto.

— A Primeira Dama sempre me dá dor de estômago. Pode ser que isso ajude.

— Qualquer coisa ajuda. Precisamos tomar muito cuidado. Se conseguirmos encontrar e libertar a Sexta Parte, vamos usar a Quinta Chave como passaporte para a Cidadela...

— Não, não, não — interrompeu Scamandros. — Não ousem fazer isso! Já não expliquei? Há sempre uma equipe de Feiticeiros de vigia na Casa Superior, para ver se alguém usa magia. Acredito que o número de Feiticeiros jamais

tenha sido tão elevado. Assim que a Chave for acionada, eles vão confiná-lo ou encistá-lo.

— Eles não teriam a ousadia de lançar um feitiço contra o Herdeiro Legítimo, detentor da Quinta Chave! — declarou Artur, elevando o tom de voz.

Ele se levantou e bateu no peito, ao completar:

— Não passam de Habitantes! Sou eu que...

Mas interrompeu o que estava dizendo, enxugou a testa subitamente molhada de suor e se sentou. Então, falou com voz normal:

— Desculpem. As Chaves... me afetam. Então, doutor, o que fazemos depois de pegar a Sexta Parte?

— Não sei, lorde Artur — confessou Scamandros. — Não sou um grande estrategista. Só sei que, depois de usar a Chave, o senhor terá apenas alguns momentos até ser atacado por ela. Se agir com muita rapidez, conseguirá escapar antes que a magia funcione. Também é possível que as centenas ou os milhares de Feiticeiros de Sábado não tenham força para enfrentá-lo. Mas bastariam poucos minutos para Sábado, em pessoa, juntar-se a eles.

— E a Sexta Chave é mais forte nos próprios domínios — completou Artur. — A propósito, o que quer dizer “encistar”?

Scamandros estremeceu e suas tatuagens assumiram um tom verde desbotado.

— Você é virado pelo avesso e fica preso dentro de uma... uma espécie de bolsa... feita dos seus fluidos corporais, que são vitrificados.

— Que coisa horrível! Se isso acontecesse, eu morreria?

— Não se for um Habitante. Os Habitantes sobrevivem encistados por vários meses ou até um ano. Sábado costumava pendurar os cistos por aí, como advertência. No meu tempo, era um castigo aplicado muito raramente.

— Parece melhor do que ser enforcado — falou Suzy com vivacidade.

Em seguida, ela acrescentou séria:

— A gente costumava assistir aos enforcamentos, mas não me lembro de nenhum. Minha mãe levava o lanche embrulhado em uma toalha branca...

A voz de Suzy foi sumindo, enquanto ela tentava recordar sua vida como ser humano, tão distante no tempo.

— Também vou ter que lhe dar alguma coisa para embrulhar a Quinta Chave — retomou Scamandros. — Para esconder as emanções mágicas. Tenho a embalagem adequada, em algum lugar. Antes, porém, preciso acabar

de criar esta magia. Façam-me o favor de permanecer em completo silêncio e olhar em outra direção por alguns minutos. Preciso de concentração total.

Os dois obedeceram. Artur afastou uma das cortinas para olhar o mar. As ondas quase chegavam à escotilha bem fechada, espalhando água toda vez que a embarcação se inclinava. Mas o interior continuava seco, protegido pela vidraça. Ele se sentiu quase hipnotizado pelo movimento da massa líquida cinza esverdeada, de crista branca. Por alguns minutos, esvaziou a mente de todos os problemas, concentrado apenas em admirar o mar sem-fim.

— Estou preparado! — exclamou Scamandros.

Artur e Suzy se voltaram. As pegadas impressas em gesso e o pelo de Rato haviam desaparecido, e o vidro de tinta ativada estava vazio. Scamandros segurava em uma das mãos uma lata de tinta cinza e, na outra, um pincel grande.

— Muito bem, tirem as roupas. Vou pintá-los.

Suzy se livrou do chapéu e começou a desabotoar o casaco.

— Ei, espere aí! — gritou Artur.

Ele tinha o rosto vermelho de tão sem graça. Estava acostumado aos vestiários do Glorioso Exército da Arquiteta, mas na verdade ninguém tirava a roupa toda, e só havia Habitantes. Suzy, embora ele esquecesse isso a maior parte do tempo, era praticamente uma garota humana normal.

— Tirar as roupas por quê?

— A tinta transforma. Vai prepará-los para serem Ratos Criados — explicou Scamandros. — Vou escrever a ativação na casca do queijo, e quando vocês o comerem vão se transformar em Ratos Criados. Eu acho.

— Está bem — resmungou Artur.

Ele se voltou para a janela e, ainda hesitante, começou a se despir.

— Ainda bem que não há bibliófagos querendo dar uma mordida — comentou Suzy. — Suas outras roupas estavam cheias de letras, não estavam, Artur? É assim que fazem agora?

— É.

Artur respirou fundo e desceu a cueca.

— Comece a pintar, Scamandros.

— Ele está me pintando! — protestou Suzy. — Você vai ter que esperar. Ai, que tinta gelada!

Artur mandou que Scamandros se apressasse e se concentrou na visão através da escotilha. Não sabia o que fazer com as mãos. Nu, sentia-se ridículo,

com as mãos arriadas ou sobre os quadris. Finalmente, decidiu-se por ficar de braços cruzados, embora achasse que provavelmente também não estava nada elegante.

— Pronto, lorde Artur, aí vamos — avisou Scamandros.

Ao sentir o choque da tinta gelada nas costas, Artur se encolheu.

— Quietos! — falou Scamandros. — Não podemos desperdiçar!

Artur trincou os dentes e se manteve imóvel, enquanto Scamandros rapidamente o pintava da cabeça aos pés.

— Ótimo, lorde Artur. Agora, vire-se, por favor.

Artur fechou os olhos e, devagar, virou-se de frente para Scamandros.

Neste momento, depois de uma batida na porta, um Rato Criado avisou:

— Eu trouxe o queijo, senhor! Vou deixá-lo aqui!

— Braços para cima, lorde Artur! — lembrou o Feiticeiro.

Artur apertou os olhos ainda mais e levantou os braços. Só não pôde evitar de se encolher quando a tinta tocou certas áreas especialmente delicadas.

— Pronto! — avisou Scamandros.

Artur olhou para baixo. Esperava ver-se coberto de tinta, mas em vez disso viu uma fina camada de pelo cinza chumbo a revestir seu corpo, dos tornozelos até os pulsos, como um macacão peludo e úmido.

Embora o pelo, de certo modo, protegesse seu corpo de olhares indiscretos, ele rapidamente se sentou, cruzou as pernas e se cobriu com o casaco.

— Vocês não terão rabo — avisou Scamandros penalizado. — Não consegui. Mas há muitos Ratos que perdem o rabo em batalhas no mar ou em alguma luta.

Ele pegou o queijo, dividiu em dois pedaços iguais e, molhando em tinta ativada uma pena de pavão menor do que a unha do dedo mínimo de Artur, começou a escrever.

— Eu poderia ser peluda para sempre — disse Suzy. — Assim não precisaria trocar de roupa e economizaria na lavagem.

Artur levantou as sobrancelhas com ar irônico.

Suzy entendeu e protestou:

— Eu lavo minhas roupas. E troco. Você sabe que as roupas dos Habitantes se trocam sozinhas. E se adaptam ao corpo. Tomara que este pelo não estrague na chuva...

— O queijo está pronto — anunciou Scamandros, segurando os dois pedaços triangulares de uns 25 centímetros de comprimento.

— Precisamos comer tudo? — perguntou Artur pouco entusiasmado com a possibilidade.

— Humm... Talvez, não. Cerca de dois terços devem ser suficientes. Mas é melhor pecar por excesso.

— Está bem — concordou Artur. — Só falta o Tenente Bigodinho abrir a Nabucodonosor. Ah, ia esquecendo: o senhor prometeu me dar alguma coisa para esconder a Chave.

Scamandros fez que sim e, depois de mexer por alguns instantes dentro do casaco, apresentou um pedaço de tecido metálico, muito brilhante e amarrotado, que mais parecia uma folha de estanho amassada. Ele alisou o tecido, esticando bem as extremidades. Só então deu para ver que se tratava de uma pequena bolsa retangular.

— Ponha a Chave aí e eles não vão achá-la. A não ser que cheguem bem perto e procurem.

Artur pegou a Quinta Chave em forma de espelho, guardou-a e puxou o cordão que fechava a bolsa. Imediatamente, porém, abriu-a, para guardar também o elefante. E já ia fechando a bolsa, mas se lembrou de acrescentar o medalhão do Marinheiro, que usava no pescoço preso por um pedaço de fio dental. Com os três objetos em segurança, finalmente ele puxou o cordão, que usou para prender firmemente a bolsa ao pulso esquerdo.

— O queijo vai completar a transformação — disse Scamandros.

— Falta uma coisa — lembrou Artur. — Os Ratos Criados costumam andar vestidos. Vamos precisar de roupas. Talvez as calças dos marinheiros ou algo assim. Tem alguma coisa parecida naquele baú?

Ninguém se mexeu.

— Dê uma olhada, por favor, Suzy — pediu Artur.

Finalmente Suzy foi até o baú, abriu-o e, depois de alguma procura, encontrou vários uniformes que provavelmente pertenciam ao Tenente Bigodinho. Ela entregou a Artur uma calça e uma camisa branca e vestiu roupas iguais, não sem antes admirar demoradamente uma casaca com enfeites azuis.

— Cuide das minhas coisas, doutor — ela recomendou a Scamandros. — Vou querer tudo direitinho.

— Acho que estamos prontos.

Dizendo isso, Artur olhou para Suzy e levantou o queijo. Ela imitou o gesto, como se fizessem um brinde.

— Vamos comer! — disse Artur, dando uma dentada no queijo.

O gosto não era muito bom. Depois da segunda mordida, ele começou a se sentir enjoado. A cabine girava loucamente. Ele ia dizer alguma coisa sobre alteração na maré, mas teve que parar. Estava tonto porque seu corpo encolhia e seus olhos se moviam. O campo de visão mudava: o cenário à frente parecia turvo, mas dos lados tudo ficava mais nítido. A cabine brilhava como nunca.

— Excelente! — elogiou Scamandros.

Uma fileira de Ratos saiu das dobras do lenço que o Feiticeiro trazia no pescoço, correndo em direção ao rosto.

— Funciona! — ele exclamou.

— É...

Artur olhou para baixo e viu que seus braços encurtados terminavam em patas cor-de-rosa.

— Sou um Rato Criado.

Sua voz soou forte e rouca. Artur levantou a pata esquerda, para verificar se a bolsa estava lá. Apesar de parecer mais pesada, ela continuava bem presa. Ele começou a se vestir devagar, ainda não acostumado às patas e à visão diferente. Tinha acabado de abotoar a calça, quando o Tenente Bigodinho bateu na porta e, sem esperar resposta, entrou na cabine. Ele saudou Artur, que inclinou o focinho para retribuir o cumprimento, e perguntou:

— Pronto para a Nabucodonosor, lorde Artur?

— Sim.

— Estão vestindo belas roupas, se posso dizer — elogiou Bigodinho. — Excelente gosto. Agora, uma volta aqui, uma do outro lado...

Com habilidade, ele retirou a tela de arame que prendia a rolha, afrouxando-a levemente. Ouviu-se um ruído estridente quando a rolha girou devagar. Então, com um surpreendentemente delicado pop, ela se soltou, caindo nos braços de Bigodinho, que quase se desequilibrou.

Uma pequena coluna de fumaça saiu pelo gargalo. Fumaça de carvão, escura e sufocante.

— Precisam passar direto pelo gargalo — ensinou Bigodinho. — Saltem decididos, com as patas para a frente. De preferência, evitem tocar o vidro.

— Obrigado, Bigodinho — agradeceu Artur. — Obrigado ao senhor também, doutor Scamandros. Nós nos vemos na Cidadela. Espero.

— Boa sorte, lorde Artur — respondeu o Feiticeiro.

E, com uma reverência, acrescentou:

— Acredito que a magia dure algumas horas.

— Vamos, Artur — chamou Suzy, pronta para saltar dentro do gargalo.

— O último a entrar é um rat... um ralo fedorento!

Artur puxou a garota pelo cangote.

— Desta vez não, Suzy. Eu primeiro.

Suzy se livrou, mas não resistiu. No entanto, até poderia resistir, pois apesar de Artur ser surpreendentemente forte, mesmo na pele de um Rato Criado, não conseguiria, só com uma pata, agarrar alguém que pesava quase tanto quanto ele.

Com Suzy fora do caminho, Artur deu alguns saltos pela cabine, para praticar. Então, esticou as patas e foi até a porta, ficando de frente para a Nabucodonosor Simultânea. A fumaça ainda estava saindo, e o interior parecia escuro e nebuloso.

“Bravura e imprudência podem estar muito próximas. Qual das duas estou praticando?”

Ele dobrou as pernas, correu e mergulhou na garrafa aberta.

No meio do salto, um pensamento terrível lhe ocorreu:

“E se os Ratos Criados estiverem mentindo? E se a garrafa me levar a um lugar completamente inesperado?”





Capítulo 9

Artur esperava cair no interior da enorme garrafa de vidro verde e ficar lá por pelo menos alguns segundos, até ser transferido. Mas, ao contrário disso, viu-se saindo pelo gargalo de uma Nabucodonosor completamente diferente, de vidro azul espelhado, para desabar sobre um piso de ferro trabalhado, com losangos entrelaçados. O impacto provocou dor e deixou marcas em seu pelo.

Depois de rolar, Artur logo se levantou. Sem que tivesse tempo de examinar o ambiente, foi atingido por um Rato Criado que, afinal, reconheceu: era Suzy. Os dois caíram juntos. Ainda lutavam para se desvencilhar um do outro, quando se ouviu uma voz baixa e rouca.

— Depressa, ajudem-me a empurrar a garrafa! Eles vão nos alcançar em um ou dois minutos!

Artur se levantou de um salto e olhou em volta. A Nabucodonosor azul estava sobre uma espécie de vagão tosco, com rodas de tamanhos variados. Quem a empurrava era uma criança do Tocador de Gaita, a mais feia e estranha que Artur já tinha visto. O menino usava manto preto e chapéu de aba larga, enfeitado com uma pena. Apesar da sombra provocada pela aba, Artur percebeu que a criança tinha o rosto empelotado e o nariz ridiculamente largo.

A garrafa, Artur, Suzy e o menino feio estavam em uma larga passarela de metal presa ao teto a intervalos regulares por barras de bronze. Com 3,50 metros de largura e tomada pela neblina, a passarela não tinha corrimão.

Curioso, Artur espiou pela borda, mas nada viu; nem sinal de chão. Havia apenas uma densa nuvem de fumaça escura, embora soassem roncos, rangidos e uma batida surda, como se máquinas a vapor funcionassem lá embaixo.

Então, a fumaça se abriu, revelando por instantes a metade superior de uma roda de bronze, do tamanho de uma casa, que girava muito devagar. Essa visão foi tão rápida que Artur não teve tempo de investigar ao que ela estava conectada ou para que serviria. Logo a fumaça escondeu tudo novamente.

Mais perto da passarela, uma nuvem preta se afastou. Desta vez, ficou visível uma viga de ferro enferrujada enorme, de comprimento equivalente a

três ônibus escolares enfileirados. A viga subia e descia, como uma baleia que saltasse da água para logo ser engolida pela fumaça.

A estrutura de metal da passarela vibrava no ritmo do motor. Preocupado, Artur notou que as vigas, de quase dez metros, estavam manchadas e rangiam ao seu toque, o que indicava uma frágil ligação ao teto, embora fosse impossível ver com nitidez. A julgar pelo que conseguiu enxergar através dos breves espaços entre as nuvens, o teto era uma rocha compacta e clara, mas tão suja de fuligem que mais parecia um tapete preto.

— Depressa, ajudem-me a empurrar! — chamou a criança do Tocador de Gaita com dificuldade em fazer a garrafa sair do lugar.

Cautelosamente, Artur foi pela direita, enquanto Suzy ia pela esquerda. Os dois encostaram o ombro na garrafa e fizeram força para a frente. Com um estalo, o carrinho avançou alguns metros, ganhando velocidade aos poucos. Os três empurradores tinham dificuldade de manter em linha reta o veículo, que às vezes se aproximava perigosamente de uma ou outra borda.

— Temos que chegar ao depósito de lubrificante — disse o menino ofegante. — Abastecer de óleo novamente e partir. Vocês também vão precisar de disfarces.

Artur observou melhor e viu: quem estava embaixo do chapéu de aba larga com a pena vermelha não era uma criança do Tocador de Gaita, mas um Rato Criado usando uma máscara de papel machê, pintada de modo que imitasse o rosto de um ser humano. A finalidade do nariz ridiculamente largo era esconder o focinho do Rato.

— Presumo que seja lorde Artur falou o Rato com voz rouca. Ouriçado, às suas ordens.

— Prazer em conhecê-lo — cumprimentou Artur. — Esta é minha amiga, Suzy.

— General Suzy Azul Turquesa, se não se importa — acrescentou Suzy.

— Bem-vinda à Casa Superior, General — disse Ouriçado. — Lá adiante, vamos virar para a esquerda. Depressa!

A passarela desembocava em outra, em uma interseção em forma de “T”. Empurrar o carrinho sem deixar que caísse pela borda — e sem cair, também — não era tarefa simples, mas eles conseguiram virar para a esquerda e avançar mais rapidamente.

Como Ouriçado a todo momento olhava para trás, Artur olhou também, preocupado em ver de que se tratava. No entanto, enxergou apenas a fumaça

cinzenta e densa, com remoinhos ocasionais a serpentear em meio a ela. Artur já nem estranhava o fato de a fumaça não lhe fazer mal. Na verdade, até gostava do cheiro, embora soubesse que seus velhos pulmões humanos começariam imediatamente a sofrer, em meio àquela atmosfera tóxica.

O grupo tinha percorrido centenas de metros, e nada se via, a não ser a plataforma e fumaça.

— O que está procurando? — perguntou Artur a Ouriçado.

— Robôs caçadores de Ratos. Os Feiticeiros percebem quando a Nabucodonosor se movimenta. Pelo menos sabem que tem magia em progresso. Mas precisam de um minuto ou dois para descobrir onde. Como estamos em região subterrânea, porém, não vêm pessoalmente; mandam os caçadores de Ratos. Mas acho que fomos bastante rápidos. O depósito de lubrificante é logo ali, no costado da rocha.

— Estamos embaixo do piso da Casa Superior?

— Sim.

Quando o carrinho alcançou uma subida íngreme e reduziu a velocidade, Ouriçado se dirigiu para a frente da garrafa. O grupo estava diante de uma rocha de aparência uniforme, de um amarelo encardido, riscada por quase invisíveis veios metálicos, avermelhados e brilhantes.

— Estamos junto da barreira que separa a Casa Intermediária e a Casa Superior. Sábado escavou uma área da parte de cima para guardar máquinas a vapor, engrenagens e outras coisas. Onde fica a campainha?

O Rato começou a apertar todas as saliências da rocha, mas nenhuma cedeu à pressão.

— Droga! Parece brincadeira! — reclamou Ouriçado.

— Tem alguma coisa atrás de nós — avisou Suzy. — Vi se esconder embaixo da passarela.

— Um caçador de Ratos! — falou Ouriçado entre dentes.

Ele pegou no carrinho, embaixo da Nabucodonosor, três facas de lâmina comprida e curva, entregando uma a Artur e outra a Suzy.

— Eles são blindados. Devem ser atingidos no ponto vermelho brilhante, bem na parte da frente da cabeça. Acho que é um olho ou coisa parecida. Mas tenham cuidado com as garras. E com as antenas. Parecem tentáculos de polvo.

Ouriçado falou rapidamente enquanto abaixava a máscara para ver melhor. Seus olhos negros e profundos se moviam rapidamente para um lado e para o

outro, e o nariz tremia tentando farejar o inimigo que se aproximava. De repente, de faca em punho, ele avançou.

— Onde está...

A pergunta de Suzy foi interrompida por um caçador de Ratos que saiu da parte de baixo da passarela. Saltando como um relâmpago de chapas de metal, acompanhado do som de moedas a tilintar dentro de uma bolsinha de couro, o louva-a-deus metálico de 3, 50 metros de comprimento e 60 centímetros de largura abriu a boca enorme e tentou morder Ouriçado. Ao mesmo tempo, lançava as antenas cortantes e incrivelmente longas na direção de Artur e de Suzy.

Ouriçado se esquivou e conseguiu agarrar a pata esquerda do robô, juntando-a à direita. As duas patas ficaram grudadas. Uma antena alcançou o pescoço de Suzy, ao qual tentou se enrolar para arrancar a cabeça da garota, mas ela foi mais rápida: defendeu-se com a faca e escapou por baixo do carrinho que transportava a Nabucodonosor.

Por outro lado, Artur instintivamente aparou o golpe com a faca e se virou, agarrando a antena, o que provocou um corte em sua mão. O ferimento doeu, porém Artur conseguiu arrancar a antena da cabeça do caçador de Ratos, fazendo jorrarem faíscas como fogos de artifício.

— Acerte no olho vermelho enquanto as patas estão presas! — gritou Ouriçado.

Artur correu. Ao perceber que a antena restante perseguia suas pernas, ele saltou tão alto que foi parar sobre as costas do robô caçador de Ratos. O robô recuou imediatamente, mas Artur agarrou a cabeça triangular do caçador e cravou a faca no olho vermelho que ficava bem no centro. A sacola onde estava a Quinta Chave bateu nas placas de metal sobrepostas do corpo do robô, quando Artur o esfaqueou várias vezes. O caçador de Ratos soltou um grito agudo, quase um ruído eletrônico, e lentamente desabou sobre a passarela, com as pernas traseiras penduradas para fora.

Com cuidado para não tropeçar, Artur se levantou. Ao vê-lo de pé, Ouriçado começou a empurrar o robô sem vida para a borda, enquanto explicava:

— Eles podem localizar uns aos outros, e os companheiros viriam recolher os restos mortais.

Artur ajudou a empurrar, e Suzy deu um chute final que, se não ajudou, pelo menos proporcionou a ela certa satisfação ao ver o caçador de Ratos

despencar.

— Tudo bem. Vou abrir aquela porta — disse Ouriçado.

E, com olhar de admiração, continuou:

— Lutou bem, lorde Artur.

— Obrigado.

Artur respondeu distraído, enquanto observava a pata, quase curada. O sangue dourado escorria, secava e desaparecia imediatamente. Só então lembrou que Suzy tinha sido ferida.

— Suzy, aquela antena a cortou! Está tudo bem?

A garota, que olhava para baixo, voltou-se. Tinha a camisa rasgada, e o sangue que escorria formava uma linha que descia pela barriga peluda. O sangue de Suzy não era azul, como dos Habitantes, nem vermelho, como dos seres humanos, mas meio arroxeadado.

— Ah, já tive piores — ela minimizou. — Se estivesse com meu casaco velho, não aconteceria nada. Em um ou dois dias cicatriza e vou ficar tão perfeita quanto uma tarde de sol.

— Achei! — gritou Ouriçado.

Ele apertou com força uma pequena saliência na pedra, na altura de seus joelhos. Seguiu-se um ruído prolongado no interior da rocha e uma grande laje de pedra, tão larga quanto a passarela, abriu-se como uma porta.

— Para dentro com a garrafa — mandou Ouriçado.

Artur se juntou a ele, e os dois empurraram o carrinho. Suzy não teve a mesma rapidez, e Artur reparou que ela fez uma careta de dor quando encostou o ombro na garrafa, para fazer força.

A porta, que rangeu e se fechou imediatamente atrás deles, dava acesso a um espaço do tamanho de um pequeno auditório, de teto muito alto, escavado na pedra bruta. Garrafas enormes, iguais à Nabucodonosor Simultânea ou maiores do que ela, estavam enfileiradas junto da parede, tendo empilhados em frente vários recipientes, como jarros, potes e cântaros em vidro, metal ou louça.

Ouriçado apontou um espaço vazio em uma parede entre uma garrafa de âmbar, cheia de um líquido escuro e viscoso, e outra de vidro claro, com quase 3 metros de altura, contendo o que parecia azeite de oliva. Os três, então, conduziram o carrinho para lá, soltaram-no e começaram a levantar a Nabucodonosor.

— Vamos encostar naquele vaso ali — instruiu Ouriçado. — Temos que despejar um pouco de óleo dentro dela, para que não pareça diferente das outras. A carta roubada, vocês sabem.

— O quê? — estranhou Artur.

Ouriçado pegou uma garrafa de tamanho Jeroboão e, com grande dificuldade, despejou um pouco de óleo vermelho-escuro na Nabucodonosor. Quem respondeu foi Suzy.

— Já ouvi falar.

Ela deixou Artur segurando a garrafa e foi examinar uma portinha estreita na outra extremidade do espaço.

— Se quiser esconder uma carta, deixe-a bem à vista para parecer um objeto comum — explicou Ouriçado. — Boa ideia. Agora, é só empurrar a rolha com força, depois vamos.

— Aonde, exatamente? — perguntou Artur. — Vamos precisar de roupas, para quando deixarmos de ser Ratos Criados. Este disfarce não serve.

— É mesmo! — concordou Ouriçado. — Um momentinho.

Ele tirou o chapéu e pegou dentro dele uma garrafa muito pequena, daquelas que se usam para perfume, e um objeto que, à primeira vista, Artur pensou que fosse um pacote de cigarros. Ouriçado apanhou dentro do pacote um rolinho de papel e verificou o que estava escrito nele. Em seguida, destampou a garrafa e meteu o rolinho lá dentro. Então, guardou tudo de volta no chapéu, que recolocou na cabeça, apertando bem. Por último, ajeitou novamente a máscara no rosto.

— Esta é a menor Garrafa Simultânea que existe — explicou Ouriçado. — É 120 vezes menor do que a Nabucodonosor. Usei-a para avisar a sua chegada. O pessoal de Sábado não consegue localizar a garrafa pequena. É magia em escala reduzida demais para eles. Vamos.

— Eu perguntei aonde vamos — insistiu Artur friamente.

“Realmente, estas criaturas inferiores são irritantes. Precisam aprender a obedecer imediatamente...”

Artur balançou a cabeça e tocou o saquinho que carregava no pulso, para sentir o Elefante. Então, com firmeza, mudou a linha de pensamento.

“Não sou um Habitante Superior mal-humorado e arrogante. Sou um ser humano. Sou gentil. Eu me interesso pelas pessoas.”

— Vamos para o piso, lá em cima — respondeu Ouriçado. — Encontrar uma Turma de Prisioneiros. Quando voltar à sua forma normal, você vai se

dar bem com as crianças do Tocador de Gaita. Elas são legais, apesar de fazerem muitas perguntas. E terão roupas para vocês.

— Ótimo — disse Artur. — E como chegamos lá?

— Existe um local onde se entra para fazer a manutenção da corrente de tração. A troca do lubrificante. É só nos agarrarmos à corrente e seremos puxados para cima.

Ouriçado pegou uma pequena chave na aba do chapéu e se encaminhou rapidamente para a porta estreita. Foi quando Artur notou que, tal como ele, o Rato Criado não tinha rabo. A diferença era que, no caso de Artur, Scamandros não havia conseguido criar um, enquanto Ouriçado com certeza tinha perdido o dele em algum acidente, conforme evidenciava o toco que saía pelo buraco delicadamente costurado em sua calça.

O Rato Criado abriu a porta, revelando uma escavação vertical quadrada, de cerca de 3,50 metros de lado. Bem no centro, passava uma corrente pesada cujos elos, feitos de ferro escuro com uns dez centímetros de diâmetro, mediam no mínimo 60 centímetros. Artur logo pensou que uma corrente como aquela seria muito útil em um navio de guerra.

— Vou dar a partida — avisou Ouriçado.

Ele se inclinou perigosamente para dentro da abertura e segurou a pesada corrente imóvel.

Esticando a cabeça, Artur olhou para cima e para baixo. Nas duas direções, a corrente desaparecia na fumaça.

Ouriçado continuou a dar instruções.

— Quando ela se movimentar, pulem depressa e agarrem-se, porque no início a velocidade é pouca. Então, quando eu disser para saltarem, saltem. Se houver demora, a corrente vai alcançar a máquina e vocês vão cair. Ou ser esmagados. Fiquem junto da porta. Prontos?

Artur e Suzy se posicionaram na porta, ombro a ombro. Ouriçado se jogou na corrente com todo o peso de seu corpo, fazendo-a cair alguns metros e provocando um rangido assustador. Então, com um clique quase tão forte quanto um tiro de arma de fogo, a corrente começou a subir, levando Ouriçado com ela.

Antes que Artur tivesse tempo de pensar em fazer qualquer coisa, Suzy já tinha pulado. Ela ainda subiu alguns elos, para ficar perto das patas traseiras de Ouriçado, exclamando:

— Gostei disso!

A corrente estava começando a aumentar a velocidade, quando Artur engoliu em seco e pulou.





Capítulo 10

Artur se agarrou com bastante força, mas bateu com o nariz na corrente, que cortava a atmosfera enfumaçada a uma velocidade de 60 a 80 quilômetros por hora — suficiente para achatar as orelhas compridas na cabeça dele.

— Ai! — fez Suzy.

— O que foi? — perguntou Artur.

Ao olhar para cima, ele viu que ela se segurava com apenas uma pata e agitava a outra no ar.

— O que está havendo? Segure-se com as duas mãos... patas... ou o que seja!

— Não dá! Minha pata está virando mão novamente e não funciona direito!

— Segure-se com os dentes! — gritou Ouriçado, demonstrando como fazer com seus impressionantes dentes da frente de no mínimo dez centímetros.

— Não consigo! Minha boca está estranha e não para de tremer!

Suzy escorregou pela corrente, em direção a Artur. Parecia metade rato, metade menina. Ele subiu mais para perto dela e logo sentiu duas patas roçarem sua cabeça, descendo até o ombro.

— Estamos quase chegando! — avisou Ouriçado. — Prestem atenção à contagem. Quando eu chegar ao 3, pulem em qualquer direção!

— Não aguento... Segure-me!

Suzy caiu em cima de Artur, que se agarrou à corrente com os dentes e com uma pata, usando a outra para agarrá-la. Ele não sabia bem qual parte do corpo de Suzy estava segurando, já que ela era então uma mistura de Rato Criado e ser humano. Parecendo perturbadora e dolorosa, a transformação tinha deixado as roupas dela em farrapos.

— Um!

Suzy escapou da pata dianteira de Artur, mas ele esticou a perna a tempo de prendê-la com a pata traseira, que nos Ratos era igualmente hábil.

— Dois!

O espaço estreito se abriu para um depósito grande e sujo, que tinha no mínimo dois terços ocupados pelos mesmos tipos de recipientes de óleo que

tinham visto embaixo.

— Três! Pulem! — gritou Ouriçado.

Artur abriu a boca e largou a corrente, reunindo todas as suas forças para sustentar Suzy. Os dois caíram na borda do piso, onde ele cravou as unhas e saiu engatinhando, arrastando a amiga com as patas traseiras.

Acima deles, a corrente continuou a subir através de uma chaminé muito larga que levava a outro espaço mais amplo. Artur ainda viu de relance a enorme e veloz roda motriz que acionava a corrente.

— Na próxima vez em que encontrar Scamandros, vou dar um chute na canela dele! — resmungou Suzy.

Ela se levantou, mas imediatamente caiu. Sua metade inferior era de ser humano, e a metade superior, de Rato Criado, o que deixava o corpo desproporcional e deslocava por completo o centro de gravidade.

— Tenho certeza de que vai passar... Ugh... Logo.

Artur falou com dificuldade, por causa de uma súbita sensação de náusea, enquanto suas costas se esticavam, e suas patas se transformavam em braços e pernas.

— Já está melhor — disse Suzy. — Obrigada, Artur.

Ela se arrastou por alguns metros, e Artur, depois de pensar um pouco, foi atrás. As rápidas mudanças físicas poderiam derrubá-lo, caso ficasse muito perto da borda.

— Enquanto vocês se recuperam, vou fazer o reconhecimento do terreno — avisou Ouriçado. — As crianças do Tocador de Gaita que vivem aqui chamam a si mesmas de “macacada da graxa”. Elas têm um depósito adiante e existe um canal de drenagem que chega até lá. Não se pode ir por fora porque um destacamento de Feiticeiros

Excedentes vigia o depósito. Vou por dentro rapidinho, converso com a macacada da graxa e trago roupas para vocês.

— Não revele nossos nomes verdadeiros — recomendou Artur.

Ele sentia uma coceira insuportável no nariz, mas não podia coçar por falta de controle nos braços.

— Diga que somos crianças do Tocador de Gaita dispensadas do Exército. Conte que sofremos lavagem entre as orelhas e esquecemos nossos nomes.

— Está bem, está bem — concordou Ouriçado.

Em seguida, ele abriu uma porta de alçapão. O som de água corrente, muita água corrente, logo se fez ouvir.

— Vou ter que esperar alguns minutos — ele disse. — Isto é um escoadouro. De vez em quando, recebe o excesso de água. Segundo dizem, é tudo uma questão de cronometragem.

— Silêncio! — falou Artur de repente.

Ele se sentou como pôde, com o pescoço esticado, e levantou uma orelha de Rato para escutar melhor. Misturado ao som da água corrente, ele tinha ouvido nitidamente um chamado, sentindo ao mesmo tempo uma ferroadada muito familiar na cabeça.

— Artur!

Era o Testamento, que o chamava. Mas a voz soou distante e logo desapareceu. Mesmo com os outros em silêncio, Artur só ouviu o ruído da água, o barulho da corrente em movimento e o som monótono das máquinas subterrâneas.

— Ouviram chamar meu nome? — ele perguntou.

— Não — respondeu Suzy.

Ela se examinou novamente. Mesmo rasgadas, as roupas de Rato Criado não lhe caíam de todo mal, considerando-se as escolhas que fazia normalmente em matéria de vestuário. Então, confirmou:

— Não ouvi nadinha.

— Nem eu — acrescentou Ouriçado. — E tenho ouvidos tão bons que venci um Concurso de Audição entre os Marinheiros.

— Não faz mal — disse Artur.

“A fala deve ter entrado direto na minha cabeça. Mas veio de longe. Ou talvez o Testamento tenha escapado da prisão por um instante...”

O som de água corrente foi desaparecendo. Ouriçado fez uma saudação com o chapéu e pulou. Artur e Suzy ouviram o barulho que suas patas fizeram ao tocar o chão molhado.

— Há uma janela ali.

Suzy apontou uma janela grande, presa à parede a mais de 3 metros de altura, com grades de ferro e vidraças sujas, manchadas pela chuva.

— Se eu for subindo nas garrafas e ficar de pé em cima daquela grade amarela, acho que consigo ver o que tem lá fora.

A janela deixava passar uma fraca luz acinzentada. Naquele momento, Artur percebeu que sua visão noturna devia ter melhorado, porque conseguia enxergar bastante bem, apesar de o depósito contar apenas com um lampião

pendurado no teto, muito alto, e as seis janelas, todas na mesma parede, pouco contribuírem para a iluminação.

— Suzy, quanta luz tem aqui?

— Aqui? Não fosse pelas janelas e pelo lampião, seria terrivelmente escuro. Escuridão total. E até as janelas e o lampião não iluminam grande coisa.

Enquanto respondia, ela pulava de uma garrafa para outra, como em um caminho improvisado, em direção à janela.

— Parece que é dia, mas está chovendo.

— O que mais você vê?

Artur tinha quase voltado a ser ele mesmo novamente. Apenas as mãos ainda eram patas e continuavam sem controle, contraindo-se em movimentos involuntários. Por várias vezes, ele tinha batido no próprio rosto, e o sofrimento só não era maior porque os braços e o pescoço já estavam normais. As roupas em farrapos davam certo conforto, já que Artur tinha recuperado sua altura original.

— Chuva. E pouca coisa mais. Um edifício muito alto, com um monte de pequenas verdes.

— Ai!

Artur gemeu quando suas patas se transformaram em mãos, mas continuaram a se contrair, arrastando-se no chão.

— Chega! Parem!

As mãos estremeceram e ficaram imóveis. Artur flexionou os dedos e suspirou aliviado. Era ele mesmo outra vez, e tudo estava sob controle.

Quando Suzy desceu, os dois foram espiar pelo alçapão. Havia uma escada enferrujada que levava a uma passagem em arco revestida de tijolos vermelhos. Um fiozinho de água corria bem pelo meio, mas, a julgar pela umidade das paredes, ficava evidente que a enxurrada elevava o nível quase até o lugar onde estavam. Era o que devia ter acontecido momentos antes, quando o Rato Criado atravessou.

Suzy fez menção de descer a escada, mas foi impedida por Artur.

— Calma! Vamos esperar Ouriçado. Precisamos de roupas. Além disso, pode vir mais água.

— Só estava dando uma olhada.

— E como vai o corte?

Suzy olhou para baixo e apalpou o peito através das roupas rasgadas.

— Sumiu. Foi coisa rápida.

— Suponho que tenha sido curado pela transformação.

— Talvez eu não dê um pontapé no doutor, afinal.

— Fico satisfeito de ver que está bem.

Artur se ajoelhou para observar melhor o canal. Apesar da escuridão, conseguia enxergar pelo menos 9 a 10 metros adiante. Isso lhe despertou outra ideia acerca de seus olhos. Ele se levantou para observar Suzy de perto. Os olhos dela pareciam, como sempre, escuros, curiosos e espertos.

— Suzy, meus olhos continuam como os olhos dos Ratos Criados?

— Não. Estão de um azul brilhante. Os pintores chamam esta cor de azul centáurea. Mas os seus têm uma espécie de brilho diferente. Acho que tem a ver com o fato de a Chave o estar transformando em...

— Habitante — completou Artur abatido.

— Não. Nem um Habitante Superior tem aparência igual à sua. Quando Ouriçado voltar, é melhor lambuzarmos o seu rosto com graxa, para você passar por um de nós.

“Não posso nem fingir que sou uma criança do Tocador de Gaita”, pensou Artur com surpreendente tristeza.

Suzy percebeu e, inclinando a cabeça, falou:

— Você será sempre Artur Penhaligon. Não o mais brilhante nem o mais destemido, mas sempre disposto a tudo. Pelo menos é assim que eu o vejo. Uma espécie de irmão menor, só que agora está mais alto do que eu.

Ela fez uma pausa, franziu a testa pensativa e só então continuou:

— Acho que tive um irmãozinho, não sei se aqui ou na Terra...

Por um momento, os olhares de Artur e Suzy se encontraram. Eles se lembraram da Escada Improvável e da visita à casa original dela. Suas memórias voltaram à Terra, voltaram no tempo, a uma cidade tomada pela peste bubônica. Se o irmão de Suzy tinha existido, provavelmente havia morrido jovem, muitos anos atrás, atacado pela doença.

As lembranças fizeram Artur pensar nas pragas em sua cidade, no hospital, no Garoto sem Pele que o havia substituído e em seu irmão avisando sobre o ataque nuclear ao Hospital da Zona Leste. Uma onda de ansiedade lhe subiu do estômago e ele se sentiu sufocado pelas responsabilidades. Precisava encontrar o Testamento, derrotar Sábado e voltar para casa a tempo de evitar o ataque nuclear...

— Não faz bem parar de respirar — disse Suzy, interrompendo o ataque de pânico de Artur.

Ela lhe deu um tapinha nas costas e ele respirou fundo.

— Eu sei. É que... É que...

— Ei, crianças!

Era Ouriçado que chegava pelo canal, carregando um grande saco de roupas onde se lia: **LAVANDERIA**. Quando ele despejou o conteúdo do saco, roupas e botas se espalharam pelo chão.

— Sirvam-se — ele disse. — As roupas se adaptam ao corpo se não estiverem rasgadas. Peguei várias, por precaução.

As roupas eram macacões brancos encardidos, com muitos bolsos. Artur pegou um e, depois de certa hesitação, livrou-se dos farrapos e se vestiu rapidamente. O macacão logo se moldou ao seu corpo, enquanto as manchas de graxa iam de um lado para o outro, disputando o melhor lugar.

— Roupas estranhas — falou Suzy em dúvida.

Ela vestiu um macacão, mas rasgou uma tira de tecido azul da roupa antiga, para usar como cinto.

— Você vai encontrar cintos de utilidades no depósito — avisou Ouriçado.

— É que eu gosto de um pouco de cor.

— Trouxe botas, também — apontou Ouriçado. — Vocês vão precisar delas para escalar, saltar e não sei o que mais.

— Escalar e saltar? — perguntou Artur.

Ele se sentou para calçar as botas, feitas de couro macio. As solas eram cobertas de pequenos tentáculos, como das anêmonas-do-mar, que agarraram o dedo de Artur ao serem tocadas.

— Daqui para cima, tudo é dividido em unidades de trabalho — explicou Ouriçado. — Boxes abertos com piso de grade, empilhados e encaixados em uma estrutura de trilhos, levados para cima e para baixo por engrenagens que acionam as correntes. Aqui, as crianças do Tocador de Gaita cuidam da parte mecânica: lubrificam as correntes, desentopem, fazem a manutenção dos tubos pneumáticos de mensagens, etc. Precisam estar sempre subindo, descendo e saltando. Se vão procurar alguma coisa na Casa Superior, devem ficar parecidas com elas.

— Quem disse que vamos procurar alguma coisa na Casa Superior? — perguntou Artur desconfiado.

Um pensamento inesperado invadiu sua mente: “Talvez eu deva matar este Rato agora. Provavelmente não vou precisar mais dele, e ele sabe demais... Pare! Pare! Não quero pensar assim!”

— Foi a mensagem que recebi, avisando a sua chegada — respondeu Ouriçado. — Dizia que viriam procurar alguma coisa e que eu deveria oferecer ajuda.

— Está bem — disse Artur, reprimindo as ideias egoístas e odiosas que lhe perturbavam a mente. — Obrigado. Estamos mesmo procurando uma coisa. Na verdade...

Ele respirou fundo e decidiu prosseguir. Tinha que confiar nas criaturas, ainda que fossem Ratos Criados, Habitantes ou crianças do Tocador de Gaita.

— Procuro a Sexta Parte do Testamento da Arquiteta, que está em algum lugar por aqui, presa. Ouviu falar disso?

Ouriçado tirou o chapéu e coçou a cabeça. Em seguida, tirou a máscara e coçou o nariz. Então, recolocou o chapéu e a máscara e falou:

— Infelizmente, não. Talvez a macacada da graxa...

— Pode ser — interrompeu Artur. — Mas primeiro quero conhecer melhor essa turma. Por enquanto, mantenha segredo. Não esqueça: deixamos o Exército há pouco e sofremos lavagem entre as orelhas.

— Não vou esquecer. Nós, Ratos Criados, somos muito bons em guardar segredos. Está pronta?

A pergunta era dirigida a Suzy, que brincava com a sola de uma das botas.

— Acho que sim — ela respondeu muito à vontade em seu calçado. — Vamos descer pelo túnel?

— Sim. Conforme eu disse, temos que evitar os Feiticeiros Excedentes. Deve levar uma hora ou mais para haver outra enchente.

— Como você sabe? — perguntou Artur.

E, olhando para a janela, completou:

— Não depende da chuva?

— Sim e não — respondeu Ouriçado, tomando a frente para descer a escada. — Aqui sempre chove e com a mesma intensidade. Isso torna muito previsíveis o escoamento da água e a travessia do canal.

— Sempre chove? — estranhou Artur. — Por quê?

— Ela gosta de chuva. Ou talvez goste de guarda-chuvas.

Não havia dúvida quanto a quem Ouriçado se referia. “Ela” era Sábado Superior, que Artur cada vez mais via como um desafio final e como causa de problemas, não somente para ele, mas para a Casa e para todo o Universo.

Ele estava nos domínios de Sábado Superior. Ela e seus milhares de Feiticeiros se escondiam em algum lugar acima daquele. Artur tinha esperança de que ela ignorasse sua localização. Mas sabia estar ao alcance dela. E ela talvez também soubesse disso.





Capítulo 11

Artur se sentia inseguro, mas, confirmando as informações de Ouriçado, o canal não se encheu de água. Durante a caminhada, a todo momento, apurava o ouvido, com medo de ser surpreendido pela enxurrada. Se houvesse necessidade, subiria rapidamente e voltaria para o depósito. Quando viu uma escada à frente, teve que se conter para não passar por cima do Rato Criado e correr em direção a ela.

“Talvez o excesso de preocupações tenha me deixado claustrofóbico”, pensou Artur. Logo se convenceu, porém, de que era perfeitamente normal se preocupar em percorrer aquele caminho, especialmente debaixo de uma chuvarada. Afinal, aquilo era, na realidade, um grande canal de escoamento subterrâneo. Com frequência pessoas se afogam ao cometer atos imprudentes como aquele. Tal como havia acontecido no Mar Fronteiriço, Artur se preocupava, em especial, com a possibilidade de a proteção da Chave mantê-lo vivo por algum tempo sob a água, fazendo com que sofresse mais até morrer.

No entanto, conseguiu ficar calmo; não subiu correndo a escada, como um rato de esgoto. Ao lembrar o que Suzy tinha dito sobre sua aparência, até fez uma paradinha para passar lama no rosto. Ao subir devagar, teve tempo de se adaptar à luz e ao ruído que vinham de fora.

O espaço aonde chegaram era menor e muito diferente do depósito. Quadrado, com quase 20 metros de lado, tinha paredes grossas de pedras sem janelas e uma porta só, bem fechada. Havia, porém, muita luz, vinda de dezenas de lanternas penduradas no teto curvo, a alturas variadas. Também havia muito ruído, feito por 30 ou mais pequenos mecânicos acomodados em bancos simples de madeira em volta de seis mesas antigas. Na verdade, não estavam exatamente acomodados; alguns jogavam petecas improvisadas, outros davam cambalhotas, uns construíam curiosos mecanismos e 12 brincavam de pega-pega. Outros, ainda, simplesmente dormiam espalhados sobre as mesas.

Quando Artur e Suzy chegaram à borda do alçapão, ajudados por Ouriçado, toda a atividade cessou. As crianças interromperam o que faziam para observar os recém-chegados.

— Olá! — cumprimentou Suzy.

Ela chegou a levantar a mão para tocar o chapéu, complementando a saudação, mas interrompeu o gesto ao lembrar que não levava nada na cabeça. Então, teve que se contentar com um aceno.

Os pequenos mecânicos não responderam ao aceno. Ficaram olhando fixamente, até que uma menina que dormia sobre uma das mesas acordou, esfregou os olhos e sentou-se. O rosto sujo, o macacão manchado e o cabelo muito mal cortado demonstravam que se tratava de uma típica criança do Tocador de Gaita. Mas, pelo modo como as outras olhavam para ela, Artur desconfiou de que fosse a chefe.

— Bom-dia — ela saudou. — Ouriçado disse que vocês foram dispensados e mandados para cá depois de uma lavagem entre as orelhas.

— Isso mesmo — confirmou Artur. — Eu acho.

— Sou Alice, Mestre de Turma de Primeira Classe — apresentou-se a garota. — A líder deste grupo, a 27ª Brigada de Manutenção de Correntes e Força Motriz da Casa Superior. Quais são os seus nomes e classificações? Não me digam a ordem de precedência na Casa. Aqui, não damos importância a isso.

— Humm... Não lembro bem... Acho que meu nome é Ray — disse Artur.

— Cadê os documentos? — perguntou Alice, estendendo a mão.

— Perdi — respondeu Artur em voz baixa.

— Por aí — acrescentou Suzy vagamente. — Acho que meu nome é Suze.

— Suze e Ray — concluiu Alice. — E qual é a sua classificação?

— É...

Artur deixou a voz morrer, enquanto olhava em volta com um jeito que tentava fazer parecer meio confuso. Foi então que viu uma sucessão de ganchos onde estavam pendurados bonés de pala e capas emborrachadas, tudo em amarelo-canário, além de cintos largos em couro com muitos bolsos, ferramentas e um estojo com uma chave inglesa.

— Acho que eu apertava porcas — ele disse. — Ou seriam parafusos?

Alice observou Artur melhor.

— Você tem braços bons para isso. Acredito que seja Porqueiro. Primeira Classe, talvez. E você?

— Não sei — respondeu Suzy. — Esqueci. Mas posso fazer qualquer coisa.

Alice analisou Suzy de alto a baixo e deu de ombros.

— Bom físico — disse. — Mas não pensa muito, não é? Será que você é Aramista?

— Pode ser — concordou Suzy cautelosa.

— A lavagem entre as orelhas foi bem-feita — comentou Alice. — Procure lembrar! Estou falando de instalação, e não de manutenção. Aramista estica a guia para que os Trilheiros façam seu trabalho. Então, os Correntistas e os Conectores encaixam as linhas nas unidades de trabalho, para que os Porqueiros e os Parafusadores fixem tudo. O Mestre de Turma dá as ordens. Quando não estamos construindo, os Aramistas assumem outras tarefas, como ajudar os Lubrificadores de Correntes ou coisa parecida. Lembraram, agora?

— É... Um pouco — respondeu Artur.

Ele nem precisou fingir que estava confuso com a explicação.

— Acho que vou ter que ver para entender — disse Suzy. — Uma imagem vale mil palavras. Tem chá, ali?

— Vocês vão lembrar — afirmou Alice, ignorando a pergunta de Suzy.

Em seguida, cuspiu na palma da mão, que ofereceu a Artur para um cumprimento.

— Bem-vindo a 27^a Brigada de Manutenção de Correntes e Força Motriz da Casa Superior ou, como gostamos de dizer, aos...

— Macaquinhos de Alice! — gritaram os pequenos mecânicos em coro.

Artur apertou a mão de Alice, que cuspiu novamente. Ao ver Suzy repetir o gesto, cuspiu na palma da mão, ele percebeu que deveria ter feito o mesmo, mas acreditou estar desculpado; a recente lavagem entre as orelhas seria responsável pelo desrespeito à etiqueta das crianças do Tocador de Gaita.

Alice apontou um grande e antigo relógio cuco, meio torto, pendurado na parede pouco acima do chão. Artur ouviu o tique-taque das engrenagens e viu que faltavam 17 minutos para as 12 horas. Em seguida, Alice mostrou, em um canto, um enorme bule fumegante sobre um tripé encaixado em cima de um fogareiro. Então, avisou:

— O chá está no bule. Sirvam-se. O turno de trabalho começa às 12. Tomem uma xícara enquanto há tempo. Não se esqueçam de verificar o equipamento.

Alice bocejou e já ia se deitar, quando um dos pequenos mecânicos chamou:

— Alice, qual é o lugar deles?

Com um suspiro, ela se sentou nova mente, de cara feia.

— Não tenho um minuto de descanso!

Não era bem assim. Artur tinha certeza de que ela estava dormindo profundamente quando ele chegou. Alice tirou de um dos bolsos do macacão um livro de anotações muito grosso e bastante usado.

— Vamos ver. Yonik foi o último a cair. Portanto, o lugar dele está vago. É o número 33. Antes dele foi Dotty...

— Mas Dotty não caiu; só esmagou a perna — disse uma das crianças. — Ela vai voltar.

— Não volta antes de três ou quatro meses — corrigiu Alice. — Então, o lugar e o cinto dela estão disponíveis. São as regras.

Ela se voltou para Suzy e acrescentou, apontando o material pendurado mais ou menos na metade da sucessão de ganchos:

— Você teve sorte. Dotty cuidava muito bem do material. Melhor do que Yonik. A prova disso é que ele caiu. Não teria caído se mantivesse as asas limpas.

— E o nariz também — acrescentou uma das crianças, provocando risadas gerais.

— Ele se machucou muito? — perguntou Artur.

— Machucou? — riu Alice. — Quando alguém que trabalha na torre, como nós trabalhamos, cai de lá e as asas não funcionam, não se machuca. Morre. Nenhum Habitante sobreviveria. São mais de 3,5 mil metros em queda-livre. Tivemos sorte de encontrar o cinto e as ferramentas dele. A chave inglesa teve que ser substituída. Estava torta como uma lua crescente.

Artur abanou a cabeça. Sempre achara Suzy uma pessoa fria, mas aquelas crianças do Tocador de Gaita eram bem piores.

“Acho que quando se vive por muito, muito tempo, sente-se a morte de maneira diferente. Será que vou sentir a mesma coisa? Não que eu deva viver tanto...”

Um puxão no cotovelo interrompeu os pensamentos dele. Era Ouriçado, dizendo:

— Preciso ir. Tenho trabalho a fazer e vem uma enchente logo depois das 12 horas.

— Obrigado — agradeceu Artur. — A sua ajuda foi muito importante.

Ele se abaixou para apertar a pata de Ouriçado e aproveitou para sussurrar na orelha dele:

— Se tiver notícia da Sexta Parte do Testamento, avise-me.

— Certo — disse Ouriçado. — Adeus, Ray e Suze.

— Valeu, Ouri — respondeu Suzy com um aceno.

Assim que o Rato Criado saiu, ela continuou a falar, enquanto mexia na pilha de xícaras e canecas de louça lascadas à procura de duas grandes e em bom estado.

— Venha pegar seu chá, Ray.

Quando as crianças reunidas para tomar chá se aproximaram, Suzy cuspiu na mão. Então, passou a se servir de chá com uma das mãos e cumprimentar com a outra.

— Vou verificar meu equipamento — avisou Artur.

Aquela provavelmente era a atitude errada, pois as outras crianças voltaram às atividades e nenhuma se aproximou.

Artur vestiu o que parecia uma capa de chuva com um capuz que cobria o boné de pala. O boné tinha uma correia com fivela para prender embaixo do queixo. Sob o boné, havia óculos de proteção, que Artur ajustou à cabeça. No único bolso da capa, bem grande, havia um par de asas amarelas muito sujas, que ele pegou e sacudiu para que se expandissem. Depois de passar dez minutos retirando pedrinhas e poeira, ele dobrou e guardou as asas novamente.

O cinto de utilidades era muito pesado. Um dos seis bolsos guardava porcas e parafusos de diferentes tamanhos. Outro, um miolo de maçã mofado, que Artur jogou fora. O terceiro, uma pequena pistola de graxa cujo bocal ele teve que apertar porque estava vazando. O quarto tinha luvas de couro sem dedos, que ele calçou. No quinto, havia material aparentemente sem uso: pano de limpeza, escova e um pedaço de sabão onde se lia **SABÃO PERPÉTUO DA MELHOR QUALIDADE PARA LIMPEZA A SECO.**

O sexto bolso estava vazio. Artur testou a correia e, vendo que era segura, rapidamente guardou nela o elefante e a Quinta Chave.

Preocupado, ele olhou em volta, mas, aparentemente, ninguém tinha visto. Então, pegou o sabão no quinto bolso e esfregou-o em uma mancha de graxa no macacão. Parte da sujeira desapareceu com surpreendente facilidade. Artur ia fazer a limpeza completa, porém preferiu observar melhor as outras crianças, que, em sua maioria, cuidavam do equipamento.

Todas vestiam macacões sujos de graxa, e a roupa de Alice era a pior de todas, com pelo menos uma dúzia de manchas em cores diferentes.

Discretamente, Artur guardou o sabão e afivelou o cinto. Suzy fazia o mesmo, em frente ao gancho que lhe tinha sido determinado. Ela acenou e sorriu.

“Está se divertindo, como sempre. Ela vive o momento presente. Eu gostaria de ser assim.”

Com um sorrisinho, ele respondeu ao aceno. Em seguida, pegou a chave inglesa e bateu com a ponta na palma da outra mão, para sentir o peso. A ferramenta era brilhante e muito pesada. Ao perceber que a peça reguladora estava emperrada, Artur aplicou nela um pouco de graxa. Ele nem notou que Alice o observava com expressão aprovadora.

— Mesmo com a lavagem entre as orelhas, os bons trabalhadores nunca esquecem como se cuida do equipamento — ela comentou.

Alice subiu em uma das mesas e ficou observando. Quando todas as crianças estavam com os cintos colocados, voltaram-se para a líder. Artur e Suzy fizeram o mesmo, embora mais devagar.

— Prontos? — perguntou Alice.

— Prontos! — responderam as crianças em coro.

— Então vamos!

Alice pulou da mesa e ocupou o primeiro lugar da fila. Os pequenos mecânicos dobraram à direita em tal desordem que fariam o sargento Helve, o antigo instrutor de Artur, gritar com fúria. Em passos completamente desencontrados, eles marcharam para a porta.





Capítulo 12

Alice destravou e abriu a porta. Depois de atravessar uma poça, ela conduziu as crianças até uma praça pavimentada com pedras arredondadas, que tinha em três de seus lados construções de ferro trabalhado e, no quarto, a extremidade de uma construção grande e pesada.

O grupo encontrou um estranho comitê de recepção: em semicírculo na porta estavam 12 Habitantes amontoados sob guarda-chuvas pretos, vestindo casaca preta sobre colete cinza e camisa azul-clara, com cachecol cinza e chapéu quase tão alto quanto uma cartola. As calças brancas estavam enfiadas em botas verdes de borracha.

Alice ignorou os Habitantes. Passou por eles, encaminhando-se diretamente para o prédio grande que, segundo a conclusão de Artur, era o mesmo apontado por Suzy da janela do depósito. De perto, ele conseguiu perceber que se tratava de uma torre enorme, a ponto de parecer chegar acima do sol pálido, meio escondido no céu pela chuva.

Artur confirmou o que tinha ouvido dizer: a torre era composta inteiramente de unidades de trabalho, como boxes, sem paredes e com piso de grade, de modo que se podia ver o que acontecia lá dentro. Parecia um moderno arranha-céu todo de vidro, inclusive as paredes internas, à noite.

A julgar pelos compartimentos mais próximos, que Artur via muito claramente, em cada um havia um Habitante sentado à mesa, trabalhando. Sobre todas as mesas viam-se um lampião verde e um guarda-chuva. Artur notou que, os guarda-chuvas variavam em cor e tamanho, o que talvez tivesse um significado.

Ele era o penúltimo da fila. O garoto que ia atrás dele parou, fechou a porta e depois correu para alcançá-lo. Uns 30 centímetros mais baixo do que Artur, o garoto tinha cabelos castanhos tão mal cortados quanto os de Alice e grandes orelhas de abano. Em vez de se manter no fim da fila, ele emparelhou com Artur, cuspiu na palma e tomou a iniciativa de um aperto de mão.

— Urod — disse. — Parafusador de Segunda Classe. Provavelmente vamos trabalhar juntos.

— Rod? — perguntou Artur, lembrando-se de cuspir antes do aperto de mão.

— U-rod.

— Muito prazer.

Ao responder, Artur observava por sobre o ombro de Urod um grupo de Habitantes de terno preto e guarda-chuva que os seguiam com passos arrastados.

Urod acompanhou o olhar de Artur e disse:

— Não ligue para eles. São Feiticeiros Excedentes. Destacados para nos matar, caso o Tocador de Gaita apareça e tente nos obrigar a fazer alguma coisa. Missão terrível a deles: passar a noite inteira embaixo de chuva. Isso sem falar que andam atrás de nós o dia todo e nunca nos alcançam. Além do mais, vivem tristes.

— Por quê?

O grupo dava a impressão de estar arrasado, mesmo. Nem os Visitantes da Meia-Noite de Segunda-Feira pareciam tão terrivelmente deprimidos.

— Feiticeiros Excedentes são assim. Como não foram aprovados no exame de feitiçaria, não conseguem uma boa colocação na Casa Superior. Não podem ir acima deste nível. Por isso são tristes.

— E por que não vão embora para outra parte da Casa?

Urod olhou fixamente para Artur antes de falar:

— Você recebeu uma boa lavagem, hein? Ninguém abandona Sábado Superior. A não ser que seja recrutado para outro serviço, como vocês foram. Assim mesmo, só por cem anos. E mais: eu acho que eles gostam de tristeza. Serve como objetivo de vida. Vamos, estamos ficando para trás.

Urod apressou o passo e Artur o acompanhou. Atrás deles, os Feiticeiros Excedentes arrastavam seu ar melancólico.

Alice guiou o grupo até a base da torre. Artur pensou que fosse atravessar uma porta e um corredor, mas chegou a um compartimento, perto da mesa de um Habitante muito concentrado no que parecia um espelhinho. Ele escrevia em dois pedaços de papel ao mesmo tempo, tendo em cada mão uma pena, que, de vez em quando, mergulhava em um tinteiro revestido de cobre manchado. O guarda-chuva marrom mofado que protegia sua mesa da carga de água deixava passar muitos pingos, que sempre caíam sobre o Habitante, e não sobre o trabalho.

Ele não levantou os olhos quando as crianças e seus tristes acompanhantes passaram, em fila. Nem o ocupante do compartimento seguinte. Nem o outro e o outro. Até o de número 50, a cena se repetiu: os Habitantes olhavam para o espelhinho e escreviam febrilmente.

Quando chegou ao compartimento número 51, Alice ergueu a mão e todos pararam. Ela subiu na mesa do Habitante e se esticou ao máximo para ajustar um cano de 15 centímetros de diâmetro. Somente então Artur reparou que canos semelhantes formavam uma rede que se espalhava horizontalmente sob o piso. Em alguns pontos, um desvio subia pelo canto de alguns compartimentos, como aquele que Alice estava ajustando.

— O que são estes canos? — perguntou Artur a Urod.

O garoto lançou a Artur outro olhar incrédulo.

— Fizeram mesmo um bom trabalho em você — ele disse. — Praticamente um pateta. Aqueles canos...

O garoto não conseguiu terminar a frase. Artur o pegou pela gola do macacão e levantou-o do chão, apertando-lhe a garganta.

— De que foi que me chamou? — ele perguntou entre dentes.

— Arghh! — conseguiu fazer o garoto.

Com a mão direita, ele procurou a chave inglesa que levava na cintura, mas, antes que conseguisse encontrá-la, Artur agarrou seu pulso com a mão esquerda e torceu-o.

— Ar... Quer dizer, Ray, largue o garoto!

A voz de Suzy quebrou a onda de fúria que dominava Artur. Ele estremeceu e largou Urod, que caiu a seus pés. Suzy correu para ficar ao lado dele e, imediatamente, segurou o braço de Artur, que ficou em dúvida: seria aquele um gesto de amizade e solidariedade ou um modo de mantê-lo sob controle?

Os Feiticeiros Excedentes, até então espalhados por vários compartimentos, aproximaram-se curiosos. Alguns até se esqueceram de manter os olhos baixos, com ocasionais olhares furtivos só quando necessário.

— Sinto muito — sussurrou Artur.

Ele levantou a cabeça, respirou fundo e teria recebido água no rosto, não fossem os óculos de proteção.

— Desculpe... Acho que não estou bem da cabeça. Insultos me irritam.

Urod apalpou a garganta e levantou-se.

— Não falei por mal — ele resmungou asperamente. — Você é forte.
Nunca vi ninguém tão forte.

— É o resultado de cem anos no Exército — disse Suzy. — Venha, Ray.

— Qual é a confusão? — perguntou Alice, lá da frente da fila.

— Nada! Tudo resolvido! — respondeu Suzy.

— Sinto muito. De verdade.

Dizendo isso, Artur ofereceu a mão a Urod, que, depois de hesitar, aceitou o cumprimento, embora muito rapidamente. Nenhum dos dois cuspiu na mão, e Artur ficou pensando se isso teria algum significado. O boné e os óculos impediam que ele procurasse na expressão de Urod sinais de algum sentimento novo, como raiva ou curiosidade.

“Preciso tomar cuidado. É fácil levar um empurrão e cair, e nem eu sobreviveria a uma queda de mais de 3, 5 mil metros. ”

— Os canos — falou Urod com cuidado — são tubos pneumáticos para transmissão de mensagens e registros. Aqui, nos compartimentos mais baixos, eles não são muito usados. Estes escriturários só copiam, e seus papéis são enviados por meio de um dispositivo muito lento, o slow messenger.

— Obrigado — falou Artur em voz baixa.

Eles retomaram a caminhada, atravessando outros compartimentos, quase sempre em linha reta, a menos que fosse preciso desviar. Isso aconteceu, por exemplo, quando encontraram um compartimento bem no meio de um intenso temporal. O Habitante, encharcado, continuava a trabalhar, enquanto a água atravessava o guarda-chuva furado e lhe caía sobre a cabeça e os ombros. Seus papéis, no entanto, continuavam secos.

Por volta do centésimo compartimento, Artur percebeu um ruído que vinha de algum ponto à frente — um som surdo, grave, como se um grande moedor de café estivesse em funcionamento. O som foi ficando mais forte, a ponto de abafar os ruídos da chuva, das goteiras e até o chuá de uma eventual enxurrada vinda de cima.

Em meio aos escritórios, guarda-chuvas e crianças que iam à frente, Artur teve a visão rápida de um espaço aberto, de onde saía a barulheira.

Ao chegar mais perto, ele viu que havia uma pequena área, correspondente ao espaço de vários compartimentos, limitada por pesadas vigas verticais de ferro em cada canto, com barras horizontais similares acima, junto ao nível seguinte e além, formando uma estrutura quadrada muito, muito alta.

No meio dessa abertura, duas correntes rangiam, gemiam e chocalhavam. Uma subia, e outra descia, atravessando um buraco gradeado de onde, a intervalos regulares de poucos segundos, saía uma lufada de vapor e fumaça.

As correntes não eram como as que Artur e Suzy tinham usado para subir do depósito de óleo. Pareciam mais correntes de bicicleta com elos de quase 2 metros de diâmetro. Bem no meio de cada elo, viam-se aros presos à parede interna. Havia também cordas amarradas a alguns aros e, em outros, cadeiras ou bancos de ferro.

As duas correntes se movimentavam à mesma velocidade, mais ou menos equivalente a uma corrida de Artur. Ele logo concluiu que as crianças usariam as correntes para subir na torre.

Alice parou, fez um gesto e logo foi rodeada pelas crianças.

— Vocês sabem o que têm que fazer — ela disse. — Mas hoje temos aqui duas criaturas que receberam lavagem entre as orelhas. Portanto, vamos rever tudo. Esta é a Grande Corrente de nordeste, a principal força motriz de todas as Pequenas Correntes de nordeste. Como é grande, podem ir dois em cada elo. Sobem os dois juntos e descem os dois juntos. Se alguém notar que o elo está oleoso ou tem problema, grite “Pare!”, antes que o companheiro embarque, e espere pelo elo seguinte. Agora, vamos ver...

Alice pegou no bolso um pedaço de papel, que desdobrou enquanto saltava para a direita, fugindo de uma súbita chuvarada.

— Hoje vamos ajudar os robôs a fazer uma mudança. Alguém está se mudando do nível 6. 995 para o 61. 012, passando por 42 escritórios na corrente diagonal. Primeiro, vamos pela vertical, o mais depressa possível. Não quero que os vizinhos do sujeito tenham tempo de criar problemas. Então, saltamos no 6. 995. Todo mundo entendeu? Suze e Ray?

— Sim — respondeu Artur.

Suzy apenas fez que sim.

— Ótimo. Ray, venha cá. Você pula comigo no primeiro elo. Suze, você pula no segundo com Vithan.

Artur se posicionou ao lado de Alice. Decidida, ela o puxou pela mão, praticamente arrastando-o para junto de si.

— O segredo é não pular, porque você provavelmente cairia — ela avisou.
— Chegue bem perto e ponha o pé quando o elo subir.

— Faço tudo que você mandar — concordou Artur.

“Não seria tão ruim se a corrente subisse mais devagar. Posso até perder a perna aqui...”

— Prepare-se.

Os dois ficaram a apenas um passo da corrente. Artur sentia o deslocamento de ar provocado pelo movimento. Para seu gosto, estavam desconfortavelmente perto demais, caso um elo entortasse. E a velocidade ainda lhe parecia excessiva.

— Pronto?

— Sim — respondeu Artur.

E estava pronto mesmo, até que uma chuvarada desabou sobre ele. Foi tanta água que o capuz caiu em seu rosto e ele se desequilibrou, quase ficando de joelhos. No meio da confusão, ouviu a Sexta Parte do Testamento.

“Artur, venha me pegar no...”

Alice lhe deu um puxão. Cego por causa do capuz sobre o rosto e da água nos olhos, Artur não teve alternativa senão esticar a perna, sem saber se iria acompanhá-la ou errar o passo e cair sobre a grade, quando então seria feito em pedacinhos pela parte seguinte da enorme corrente.

Seu pé...





Capítulo 13

Folha apertou os olhos e piscou várias vezes. Artur tinha desaparecido. Um segundo antes, estava ali. De repente, não estava mais.

Ela olhou em volta séria. O desaparecimento de Artur não era o único fato estranho. Todas as outras pessoas tinham congelado...

“O Exército vai disparar armas nucleares em algum lugar muito perto daqui”, ela lembrou. “Quando passar um minuto da meia-noite. Então, por que estou parada, de boca aberta, como um peixinho dourado idiota?”

— Artur! — gritou Folha.

Ela saiu correndo e, sem parar de gritar, atravessou a enfermaria cheia de sonâmbulos congelados:

— Artur!

Ninguém respondeu. No fim da enfermaria, parou e olhou em volta. Além de paralisadas, as pessoas tinham em volta uma estranha luz difusa e avermelhada que ela só via com o canto dos olhos. A mesma luz rodeava o relógio de parede, cujos ponteiros imóveis marcavam 3 minutos para as 12.

Imóveis? Sob o olhar de Folha, a névoa vermelha sumiu. O ponteiro dos minutos saltou para a frente e, no mesmo instante, a enfermaria criou vida, com a movimentação dos sonâmbulos. Folha ouviu alguém chamar. Voz de mulher. Vess ou Martine, provavelmente.

“Dois minutos! Não dá tempo de fazer coisa alguma. Vamos todos morrer!”

O relógio parou. Os sonâmbulos ficaram petrificados novamente. O efeito de aura avermelhada voltou.

Mas Folha ainda ouvia a voz de mulher, que foi chegando mais perto, até que Martine apareceu na enfermaria.

— O que está havendo? Cadê lorde Artur?

— Não sei — respondeu Folha. — Tem alguma coisa lá embaixo, no subsolo do hospital? Um abrigo antiaéreo, por exemplo...

— Faz vinte anos que saí daqui! Pergunte a Vess.

Folha apontou: Vess estava congelada em um canto da enfermaria.

— Oh... — fez Martine. — Bem, há vinte anos havia um centro cirúrgico no B3. Havia também um abrigo antiaéreo. Este lugar foi construído na década de 50. Portanto, é de se esperar...

— Temos que levar todo mundo lá para baixo — falou Folha com firmeza. — Você e eu. O mais depressa possível.

— Mas eles estão como estátuas...

— Vamos empurrando nas camas. Dois ou três em cada uma. Será que os elevadores funcionam?

Ao ver que Martine hesitava, Folha insistiu:

— Vamos, ajude-me a juntar dois nesta cama.

— Não entendo... — disse Martine. — Pensei que, quando finalmente voltasse para casa, estaria tudo bem. Mas não compreendo o que acontece. Por que levar as pessoas lá para baixo? E para que abrigo antiaéreo?

— Artur disse que, quando passar um minuto da meia noite, o Exército vai disparar armas nucleares contra o Hospital da Área Leste, por ser foco de transmissão da praga. Ele não fica longe daqui. Acho que Artur conseguiu parar o tempo, mas o efeito foi suspenso por um instante, ainda há pouco. E pode acontecer novamente, daqui a um segundo ou um minuto, quem sabe? Por favor, temos que agir depressa!

— Não — disse Martine. — Não.

Chorando, ela saiu correndo, atravessou as portas de vaivém e desapareceu.

Folha não levou mais de uma fração de segundo para reagir. Primeiro, examinou a cama mais próxima e viu que tinha rodas e freios, que destravou. Como já havia um sonâmbulo deitado, puxou a cama pela grade e a girou. A manobra foi mais difícil do que ela esperava, possivelmente por falta de uso.

— Você é o primeiro — disse ao homem adormecido. — No caminho, pegamos tia Manga e já vão ser dois. Fica faltando só 1.998 para deixar em segurança. Em dois minutos e meio.

Folha levou bem mais de dois minutos para encontrar os elevadores. E, desanimada, descobriu que não funcionavam. Era assim: as coisas que não saíam do lugar — como lâmpadas — continuavam a funcionar; as coisas que saíam do lugar estavam paradas. Felizmente havia um mapa perto da porta do elevador mostrando onde ficava a rampa que levava ao andar inferior.

Ela não colocou apenas tia Manga sobre a cama: pegou também os dois menores sonâmbulos que encontrou por perto. Ainda assim, suas costas doíam com o esforço de arrastar as pessoas adormecidas pelo chão e depois

amontoá-las sobre a cama. Era o mesmo que transportar estátuas. Só seria pior se, além de rígidas, fossem feitas de mármore, e não de carne e osso.

Havia outro mapa perto da entrada da rampa, mas não indicava a localização do centro cirúrgico nem do abrigo antiaéreo. Folha teria que achar por tentativa e erro. Ao passar empurrando a cama, viu na sala de enfermagem uma televisão com a imagem congelada. Na tela, o apresentador do telejornal tinha a boca aberta e a legenda dizia “podem incluir medidas drásticas...”. No canto, estava o horário: 23h57.

Chegando ao andar de baixo, Folha logo viu que estava deserto havia muito tempo. Tudo empoeirado, teias de aranha caíam do teto, e, das três lâmpadas, só uma acendia.

Mas havia também um sinal quase apagado na parede e faixas coloridas no chão, que ela mal percebeu em meio à poeira. A faixa vermelha indicava o centro cirúrgico e a azul, o que era eufemisticamente chamado de “Centro de Sobrevivência” — quase com certeza o abrigo antiaéreo. Folha deixou a cama no meio do corredor e, correndo, foi explorar o que havia à frente. Suas passadas levantavam uma nuvem de poeira.

O Centro de Sobrevivência foi uma decepção. Tratava-se realmente de um abrigo antiaéreo, com porta reforçada para abrir e fechar, como as dos cofres, mas pequeno demais; comportaria apenas umas 20 pessoas de pé. Instalações e encanamentos tinham sido retirados, deixando fios pendurados e feios buracos nas paredes. Folha concluiu que não gostaria de passar algum tempo em um lugar sem banheiros ou água corrente.

Sem parar, ela foi abrindo todas as portas que encontrou. Só viu cômodos pequenos, que não serviriam ao que pretendia. O centro cirúrgico oferecia mais possibilidades. Embora vazio, compreendia quatro salas de cirurgia dispostas em torno de um amplo espaço central equipado com várias pias cujas torneiras funcionavam. Havia ainda um banheiro com descarga, acessível pelo corredor externo.

Folha deixou as portas abertas e voltou para pegar sua primeira “cama de carga”. Enquanto empurrava a cama em direção ao centro cirúrgico, ela pensava no que iria fazer. Seria impossível carregar todas as pessoas adormecidas lá para baixo. A simples tarefa de pegar os sonâmbulos mostrava-se difícilima, já que quase todos eram maiores do que ela e alguns tinham o dobro de seu peso. Isso sem falar na imobilidade, que complicava as coisas

ainda mais. Antes de conseguir transportar uma dúzia deles, Folha estaria exausta. Isso se o tempo não retomasse sua marcha no meio da operação.

“Vou ter que pegar só os menores. E me esforçar ao máximo.”

— Em que você me meteu, hein, Artur? — ela perguntou em voz alta. — E aonde você foi?





Capítulo 14

Como não sentiu dor ao ser carregado pela corrente e a mão de Alice lhe dava segurança, Artur tirou o capuz e sacudiu a cabeça para se livrar da água que tinha caído em seus olhos.

— Cuidado! — avisou Alice. — Não faça movimentos bruscos! Segure-se naquele anel.

Eles ocupavam um elo da corrente, que subia com velocidade, atravessando os compartimentos empilhados. Artur se agarrou ao anel soldado à superfície interna esquerda do elo, e somente então Alice lhe soltou a mão, para tranquilamente passar por trás dele e segurar o anel do lado direito.

— Já dá para ver um dos pés de Pau-Drasil — apontou Alice. — A visão só não é melhor por causa da chuva. Pode-se olhar do nível 6. 222, que está sempre vazio.

— Vazio, por quê? E o que é Pau-Drasil?

Artur ainda pensava no que o Testamento teria tentado dizer. E por que só teria falado naquele momento e tão brevemente? Com isso, esqueceu-se de adotar o ar perdido, tolo, de quem recebeu há pouco tempo uma lavagem entre as orelhas.

Antes de responder, Alice olhou fixamente para Artur, mas ele ainda pensava no Testamento e não notou.

— Não sei por que está vazio. Isso acontece do 6. 222 ao 6. 300, e do 6. 733 ao 6. 800. Ouvi dizer que os últimos andares também estão vazios, sejam lá onde forem. Provavelmente a construção está por volta do número 61. 700.

— São 61. 700 andares?

Artur tinha voltado a prestar atenção e completou a pergunta:

— Mas, se cada compartimento tiver 3 metros, a torre chega a mais de 185 mil metros!

— Não... Os níveis têm um “6” na frente, não sei por quê. A numeração começa em 61. Acho que por tradição. Dependendo do estágio da construção esta semana, deve estar por volta dos 5, 2 mil metros. Eu adoraria olhar lá de cima.

— Então, nós não vamos tão alto? — perguntou Artur com certo alívio.

— Ainda não. Outras turmas trabalham lá. Quase toda a construção nos últimos níveis é feita pelos robôs. O triplo 2 está chegando. Olhe naquela direção.

Artur voltou o olhar para os compartimentos. Imagens borradas de lâmpadas verdes, guarda-chuvas de diferentes cores e Habitantes vestindo casacos cinza escuros ou pretos, debruçados sobre mesas de trabalho idênticas, pareciam passar velozmente.

De repente, todo o cenário mudou. Artur viu o esqueleto da torre, unidades de trabalho vazias que não passavam de cubos em ferro trabalhado, tendo expostas em alguns pontos correntes motrizes horizontais e verticais, e a rede de tubos pneumáticos de mensagens. Às vezes, a visão era interrompida por passagens verticais, semelhantes a chaminés, e cômodos com paredes. Na maior parte do tempo, porém, ele pôde enxergar através da torre o céu lavado pela chuva.

Ao longe, surgiu alguma coisa que Artur pensou ser outra torre: no horizonte, uma mancha vertical escura que desaparecia no céu.

— Hoje dá para ver bem os pés de Pau-Drasil — comentou Alice. — Não fossem os insetos, eu gostaria de subir em um deles.

— Insetos? — estranhou Artur.

Ele teve vontade de perguntar o que era um pé de Pau-Drasil, mas finalmente notou a suspeita no olhar de Alice e chegou a pensar se não teria ido longe demais na farsa da lavagem entre as orelhas.

— Isso mesmo. Os insetos de guarda de Domingo, que cuidam dos pés de Pau-Drasil. Ouvi dizer que as árvores também têm defesa própria. Quer saber de uma coisa, Ray? Agora, que está limpo, você não se parece muito com uma criança do Tocador de Gaita.

— Não? — perguntou Artur.

A água tinha lavado a lama do rosto dele.

— Não.

Por trás das lentes dos óculos, os olhos de Alice eram muito frios e ela levou a mão à chave inglesa.

Tenso, Artur fez o mesmo.

— Desconfio de que você seja alguma espécie de Habitante mais baixo, um espião da Chefona. Já é suficientemente desagradável ter Feiticeiros Excedentes atrás de nós o tempo todo. É melhor você...

Com sua chave inglesa, Artur aparou uma investida de Alice contra sua perna. As duas ferramentas se tocaram, provocando uma chuva de faíscas. Ela soltou o anel onde se segurava e, com as duas mãos, golpeou Artur. Se ele fosse realmente uma criança do Tocador de Gaita, teria caído. Ele, então, revidou, golpeando Alice com uma das mãos. Desta vez, ela teria caído, se ele não a apoiasse com o pé.

— Eu não sou espião! — gritou Artur. — Nem Habitante!

Alice se segurou ao anel novamente e observou-o com cautela, perguntando:

— Quem é você, então?

— Sou Artur, o Herdeiro Legítimo da Arquiteta. Vim procurar a Sexta Parte do Testamento e libertá-la.

— É nada! — exclamou Alice. — Artur tem 2, 5 metros de altura e barba comprida, abaixo do peito!

— Aqueles livros idiotas! — ele resmungou.

Em algum lugar da Casa, um Habitante (ou um grupo deles) vinha escrevendo e espalhando histórias fantasiosas sobre Artur e seus feitos.

— Aqueles livros são mentirosos. Eu sou Artur. De verdade.

— Você é *mesmo* muito forte. E se parece mais conosco do que com os Habitantes. Nada de barba comprida, então?

— Nada.

— E é inimigo da Chefona, certo?

— Se você se refere a Sábado Superior, sou, sim.

— Ela não confia mais em nós por causa da volta do Tocador de Gaita.

— A Primeira Dama também não. Estou falando do Testamento da Arquiteta. Pelo menos das partes que consegui reunir. Mas eu confio em você. E nas crianças do Tocador de Gaita, em geral. Na verdade, acho que são as criaturas mais inteligentes e sensatas da Casa.

— É verdade — concordou Alice. — Mas posso falar em nome do grupo. Não queremos saber de política. Só queremos cumprir nossas tarefas.

— Não vou interferir no trabalho de vocês. Só não conte que estamos aqui. Assim que eu descobrir onde está o Testamento, vamos embora.

— Aquela tal de Suze, que está com você, é mesmo uma criança do Tocador de Gaita?

— É.

Pelo canto do olho, Artur percebeu que tinham ultrapassado os andares vazios e os compartimentos novamente estavam ocupados por Habitantes que trabalhavam à luz de lâmpadas verdes. Mudava apenas a cor dos guarda-chuvas para cor de laranja.

Pensativa, Alice observou Artur e falou em seguida:

— Acho que, por hoje, podemos levar isto adiante. Quer dizer, eu finjo que acredito no que você contou. Se houver algum problema, vou dizer que estou tão surpresa quanto os outros.

— Ótimo! — exclamou Artur. — Só preciso de um tempinho para encontrar o Testamento. Não vou atrapalhar.

— Mas faça o seu trabalho, para não levantar suspeitas. Esta noite, pode sair do depósito sem ninguém ver. Quero você fora daqui antes do amanhecer.

— Está certo. Até lá, espero saber aonde preciso ir.

— Você não sabe onde está o Testamento?

— Não. Mas o Testamento pode falar dentro da minha cabeça, pode me dizer como chegar a ele. Já ouvi duas vezes. Uma delas foi pouco antes de pegarmos esta corrente, quando caiu um monte de água na minha cabeça.

— Sempre acontecem essas chuvaradas. Os Feiticeiros graduados, que ficam acima do 61. 000, adoram brincadeiras. Eles criam armadilhas mágicas para prender a chuva. Depois, soltam tudo de uma vez, em cima de quem está embaixo. Pode ser perigoso. Alguns Habitantes já foram atingidos e caíram pelo poço das correntes ou pelo lado dos compartimentos.

— Estranho... Esta chuva constante... Quer dizer, o tempo se rompeu na Casa Intermediária, mas aqui deve ser de propósito, porque Sábado Superior tem todos os Feiticeiros à disposição, se quiser consertar.

Alice deu de ombros, dizendo:

— Sempre foi assim. Pelo menos nos últimos dez mil anos. Desde que a Chefona começou a construir esta torre.

— Há dez mil anos? Faz dez mil anos, pelo tempo da Casa, que chove sem parar? Como você sabe? Não recebeu lavagem entre as orelhas?

— Claro que sim. É o que contam os Habitantes. Eles vivem falando sobre o projeto, sobre os dez mil anos de construção da torre, e dizem que, se a torre alcançar os Jardins, a chuva para. Olhe, lá está o pé de Pau-Drasil outra vez. Estamos passando pelo andar de número 700.

— Alcançar os Jardins? Os Jardins Incomparáveis? É isso o que Sábado quer?

— Assim dizem os Feiticeiros. Nós só fazemos nosso trabalho. Não podemos nos preocupar com o que se passa lá em cima.

Artur espiou através da estrutura da torre a linha vertical, ao longe.

— O que é Pau-Drasil?

— É uma árvore muito, muito grande. Existem quatro. Elas sustentam os Jardins Incomparáveis e crescem sem parar. Não sei que altura têm, mas dizem que a torre não chega nem perto.

— Talvez cresçam assim por causa da chuva.

— Pode ser.

Artur ficou olhando a árvore através da estrutura da torre, até que outros milhares de compartimentos ocupados lhe impediram a visão. Alice se manteve calada, o que foi bom para ele; tinha muito em que pensar.

“A chuva deve ser importantíssima, porque começou há dez mil anos, quando os Curadores dividiram o Testamento. Será que é Domingo quem faz chover, por causa dos pés de Pau-Drasil? Mas Sábado tem a Sexta Chave, que seria mais forte aqui... Acho que me lembro de ter ouvido alguém dizer que a Sétima Chave é superior, mais poderosa ou qualquer coisa assim...”

A voz de Alice interrompeu os pensamentos dele.

— Estamos chegando ao andar de número 800.

Artur se perguntou como Alice sabia em que andar estavam. Então, reparou que os guarda-chuvas eram todos em tons de verde. Os Feiticeiros, ou aprendizes de Feiticeiros, tinham guarda-chuvas verde-escuros, verde-esmeralda brilhante e verde-limão, bem como em vários tons e padrões de verde.

— Guarda-chuvas verdes no andar 800 — ele disse. — É assim que você sabe onde estamos. Pela cor dos guarda-chuvas.

— Isso — confirmou Alice. — No andar 900, são amarelos. Então, comece a contar. Há números gravados na estrutura, mas são muito pequenos. Fica difícil ler daqui da Grande Corrente. Agora preste atenção. Vamos saltar em um minuto.

Ela tornou a segurar a mão de Artur, e os dois se aproximaram da ponta do elo. Para o gosto dele, os cubos passavam depressa demais. De repente, surgiram os guarda-chuvas amarelos. Pelos movimentos dos lábios de Alice, Artur reparou que ela contava. Ele tentou acompanhar a contagem, mas não conseguiu.

— Atenção... 85...

Artur retomou mentalmente a contagem.

— E 94. Vá!

Alice arrastou Artur, e os dois saltaram do elo. Ela sincronizou os movimentos com tanta perfeição que o salto não pareceu mais perigoso do que descer um meio-fio um pouco mais alto.

— Ande! — Alice puxou Artur novamente.

Ele foi atrás dela, passando pela mesa de um Habitante que trabalhava concentrado, embaixo de um guarda-chuva amarelo.

— Temos que deixar espaço — ela explicou, dirigindo-se ao escritório vizinho.

Atrás deles, duas outras crianças saltaram da corrente e se movimentaram com rapidez em diagonal, também tomando a direção de um escritório vizinho.

Ao olhar em volta, Artur reparou que, de suas mesas, os Habitantes observavam as crianças disfarçadamente. Embora a maioria continuasse a escrever com as duas mãos, todos reduziram o ritmo de trabalho para olhar melhor.

— Por que estão nos olhando? — Artur perguntou baixinho a Alice.

— Porque sabem que estamos aqui para trocar alguém de lugar, para cima ou para baixo.

Alice respondeu em voz alta, olhando diretamente para o Habitante sentado à mesa perto dela. No mesmo momento, ele se voltou para seu “espelhinho” e acelerou a escrita.

— Entendi — disse Artur.

Outras crianças saltaram da corrente e uma delas acenou, parecendo estar se divertindo muito. Era Suzy. Artur respondeu ao aceno, mas sem retirar o chapéu. Sabia que, se fizesse isso, uma cortina de chuva lhe cairia sobre o rosto.

Alice pegou novamente o livrinho e, com a ajuda do dedo, seguia as linhas de uma anotação. Artur reparou que os Habitantes mais próximos observavam atentamente, apesar dos olhares de advertência lançados por ela anteriormente.

As crianças continuavam a chegar aos pares e a se movimentar pelos compartimentos, até que o último, Urod, saltou sozinho.

Alice fechou repentinamente o livro e apontou o interior da torre, comandando:

— Por aqui!

— É promoção? — perguntou um Habitante.

Deixando de fingir que estava trabalhando, ele olhava diretamente para Alice. Tinha a boca contraída, em uma expressão feia que não combinava com seu rosto muito bonito.

Alice não deu atenção. Em passos firmes, atravessou uma cachoeira recém-formada, guiando o grupo. De vez em quando parava, para consultar os números em relevo nas colunas vermelhas de ferro que compunham a estrutura da construção.

As crianças passaram em meio aos comentários dos Habitantes: “Promoção... Deve ser... Promoção... Quem será... Promoção... Um escritório melhor... Promoção...”

— Lá está ela, quatro compartimentos à frente — Alice falou para Artur em voz baixa. — É aquela cujo guarda-chuva tem marcas alaranjadas sobre o amarelo mais forte. Espere aqui e junte-se a Urod. Ele vai lhe ensinar o que fazer. E tome cuidado.

— Cuidado com o quê? — perguntou Artur.

— Assim que souberem que se trata de uma promoção, os outros vão começar a atirar coisas. Espere Urod aqui.

Artur fez que sim e parou. Urod estava logo atrás. As outras crianças se aproximavam, em uma fila que atravessava 12 compartimentos.

— Estou indo! — gritou Alice.

Ela correu até o compartimento indicado, subiu na mesa e, de lá, saltou para um dos cantos superiores. Agarrando-se à estrutura com uma das mãos, usou a outra para ajustar alguma coisa com a chave inglesa.

A Habitante se levantou e dobrou o guarda-chuva amarelo. Dobrado, o guarda-chuva ficou preto. Ao ser reaberto, porém, uma forte cor arroxeada se espalhou em redemoinhos pelo tecido, como óleo na água. Ela apoiou o guarda-chuva no chão e rapidamente meteu-se embaixo da mesa, gritando:

— Adeus, idiotas! Continuem a trabalhar à toa!

Enquanto as outras crianças se amontoavam em volta, Artur e Urod correram para o canto inferior esquerdo. Urod pegou a chave inglesa e começou a trabalhar em um parafuso que prendia à estrutura o compartimento em forma de cubo. Sem saber o que fazer, Artur também pegou a chave inglesa, mas ficou parado, até que Urod falou zangado:

— Vamos! Pegue por trás!

O parafuso atravessava a estrutura e era preso do outro lado por uma grande porca hexagonal de bronze, que Artur prendeu com a chave inglesa. Urod girou o parafuso até soltar, fazendo com que a porca também se soltasse. Mas Artur foi rápido e não deixou que ela escapasse pelo piso vazado.

— O próximo! — comandou Urod, passando imediatamente ao parafuso seguinte, pouco mais de um palmo acima.

Três equipes de crianças trabalhavam nos outros três cantos. Nos compartimentos em volta, a atividade era a mesma. Algumas crianças subiam nos ombros de outras para alcançar o teto, ao qual se agarravam com os dedos, como verdadeiros macaquinhos.

— Enroladora!

— Bajuladora!

— Puxa-saco!

— Era a minha vez de ser promovido!

Os Habitantes que ocupavam os compartimentos próximos gritavam, agitavam os guarda-chuvas e demonstravam irritação abertamente.

— Depressa! — chamou Urod. — Eles já vão começar a atirar coisas!

Artur se abaixou para encaixar a chave inglesa e foi atingido nas costas por um objeto que, em seguida, caiu a seus pés. Ele olhou para ver o que era: uma xícara quebrada. O pires veio em seguida; espatifou-se diante de seus olhos, espalhando cacos nas costas de Urod.

— Parafusos da parte de baixo leste, prontos! — gritou uma criança.

— Parafusos da parte de baixo oeste, prontos!

— Parafusos da parte de baixo norte, prontos!

— Droga! — reclamou Urod. — Fomos os últimos. Pegou a porca?

Parafusos da parte de baixo sul, prontos!

O mesmo aviso veio das equipes que trabalhavam no teto e acima. Artur viu que, nos andares superiores, as crianças tinham a companhia de robôs de bronze parecidos com águas-vivas ambulantes. As esferas com 90 centímetros de diâmetro chegavam a 1,50 metro de altura e andavam sobre quatro ou cinco tentáculos quase retos, enquanto seus outros numerosos membros manejavam as ferramentas.

— Verifique a corrente! — gritou Alice.

Com a ponta da chave inglesa, Urod retirou o que Artur pensava que fosse uma parte da estrutura vertical. Na verdade, tratava-se de uma cobertura ou tampa pintada de vermelho muito bem encaixada na viga. Assim, deixou à

mostra uma versão reduzida da Grande Corrente, cujos elos eram umas quatro ou cinco vezes mais grossos do que os elos de uma corrente de bicicleta. Ela corria dentro de uma viga vertical em forma de “U”, mas, no momento, estava parada.

— A corrente parece em ordem!

Em uma posição diagonalmente oposta, outra criança confirmou que a corrente estava em ordem lá.

Alice olhou para cima, pôs as mãos em concha na boca, como um megafone, e gritou:

— Prontos para subir! Afaste-os!

Artur olhou na mesma direção. Naquele momento, esqueceu os problemas e as responsabilidades. Restou apenas a curiosidade. O que, exatamente, seria afastado?





Capítulo 15

Depois de ranger e sacudir, uma fileira de compartimentos situados acima do local onde Artur se encontrava começou a avançar lentamente para a direita, como os vagões de um trem que deixasse a estação. No andar superior àquele, os compartimentos se moviam na direção contrária. No outro andar e no outro, provavelmente até o 61. 012, que ficava 17 níveis acima, acontecia o mesmo.

A manobra criou um espaço vertical suficiente para a subida do escritório da Habitante promovida. A chuva de xícaras, pires e tinteiros, bem como o festival de afrontas, foram diminuindo, até cessar por completo. Mas a quantidade de água que desceu não poderia ser explicada pela chuva constante. Artur chegou a ter uma breve alucinação, em que teve a impressão de ver baldes gigantes feitos de luz arroxeadas despejarem o conteúdo pelo espaço temporariamente aberto.

— Afastem-se! — ordenou Alice. — Você não, Ray. Fique comigo. Os outros, peguem a Grande Corrente para o 61. 012.

— Ei, eu quero ir com vocês...

Era Suzy protestando. Interrompeu o que dizia, porém, ao ver um gesto de Artur. De cara amarrada, voltou-se para Alice, que sustentou o olhar com firmeza. Relutantemente, ela seguiu os outros, rumo à Grande Corrente.

Artur foi para o meio do compartimento, desviou-se de uma enxurrada que veio de cima e ficou de pé junto da mesa, onde a Habitante ainda se escondia. Ela olhou para Artur e suspirou.

— Para cima! — gritou Alice.

Um robô acenou com um tentáculo em resposta e, segundos depois, as correntes rangeram na estrutura, movimentando-se e fazendo sacudir o compartimento. Com um solavanco, o escritório começou a subir em direção ao seu destino.

Neste momento, desceu uma enorme cortina de água; tanta, que chegou aos joelhos de Artur e formou poças, apesar do piso vazado.

— Artur! Estou espalhado em...

Era a voz da Sexta Parte do Testamento.

— O que foi? Sinto cheiro de feitiçaria? — perguntou a voz que vinha da parte de baixo da mesa.

A Habitante esticou a cabeça para sentir melhor o ar, mas se recolheu imediatamente quando nova carga de água lhe caiu sobre o rosto.

Artur balançou a cabeça, espalhando mais água.

Alice olhou desconfiada.

— Tudo em ordem — fez questão de dizer Artur, levantando a chave inglesa. — Pronto para voltar ao trabalho.

— Veja bem — respondeu Alice.

“Espalhado em... Em quê? ”, pensou Artur. “O Testamento já falou comigo três vezes. Nas duas últimas, depois de uma chuvarada...”

— A chuva — ele sussurrou para si mesmo.

Colocando a chave inglesa embaixo do braço, Artur juntou as mãos em concha e ficou esperando que ficassem cheias de água da chuva. Então, aproximou-se da lâmpada verde que estava sobre a mesa para ver se havia na água alguma coisa que confirmasse seu palpite.

Sob a luz, ele viu, no meio do líquido, as letras saltarem e se misturarem, formando palavras conhecidas, separando-se e juntando-se novamente, em uma movimentação contínua.

“A Sexta Parte do Testamento está na chuva. Dividida em milhares — talvez milhões — de gotinhas. As partes só conseguem se juntar para formar uma mensagem quando se acumula água suficiente. Como naquele canal ou em uma chuvarada...”

— O que está fazendo, criança do Tocador de Gaita?

Quem perguntou foi a Habitante, que mais uma vez tinha deixado o esconderijo embaixo da mesa. Ela se ajeitou sob o guarda-chuva e pegou o *pince-nez*, preso a uma cordinha que levava ao pescoço.

— Pensei que tivesse visto cair alguma coisa — explicou Artur. — Deve ter sido um farelo de pão.

— Verdade?

A Habitante ajeitou o *pince-nez* sobre o nariz, piscou os olhos e continuou:

— Tive a impressão de sentir cheiro de feitiçaria... Agora vejo que você tem alguma coisa no bolso. Entregue-me.

Artur abanou lentamente a cabeça, dizendo que não, e chegou mais perto, segurando a chave inglesa.

— Ray... — advertiu Alice.

— Entregue-me, antes que eu o faça em pedacinhos — insistiu a Habitante com voz monótona. — Agora sou uma Feiticeira Graduada, embora só de Quinto Grau, por enquanto. Entregue-me!

Ela estendeu a mão para dobrar o guarda-chuva e usá-lo como arma. No entanto, ao pressionar o botão, recebeu na cabeça um golpe de chave inglesa. Ela piscou os olhos e disse:

— Nenhuma criancinha do Tocador de Gaita tem força suficiente para...

A Habitante piscou mais uma vez e escorregou para o chão. Artur posicionou o guarda-chuva meio dobrado de modo que ninguém os visse. Então, empurrou-a para baixo da mesa.

— O que foi que você fez? — indagou Alice com voz baixa, porém furiosa. — Vai arrumar um jeito de sermos todos executados!

— Eu só quis que ela ficasse fora de combate — argumentou Artur. — Não havia outro jeito. Diga: existe um lugar para onde vai toda esta chuva? Um grande reservatório ou coisa parecida?

— O quê? — Alice estranhou a pergunta.

Ela deu uma olhada embaixo da mesa. Seu grupo já tinha subido e estava acompanhado de uma fila de Feiticeiros Excedentes de olhar triste.

— Como eles chegaram lá antes de nós? — perguntou Artur.

— Pegaram um elevador normal, como sempre fazem.

— Eles vão querer saber o que aconteceu a esta Habitante, não?

— Claro que vão!

— Os Habitantes às vezes dormem em cima das mesas? — questionou Artur.

Ele tentava pensar em um jeito de esconder a Habitante Feiticeira, mas não encontrava um só lugar completamente protegido. Havia milhares de Feiticeiros à volta.

— Eles sempre dormem nas mesas — respondeu Alice. — Mas ainda não é noite. Eu sabia que teria sido melhor jogá-lo da Grande Corrente!

Eles estavam a quatro andares do local aonde iam. Artur via Suzy debruçada na borda, de olho nele. Ela acenou novamente. Para responder, ele coçou o capuz e levantou as mãos, na esperança de que o estranho cumprimento transmitisse a mensagem de que estavam prestes a ter sérios problemas. Se bem que Suzy nada poderia fazer.

A única ideia que lhe ocorria era pegar a Quinta Chave e, em um ataque surpresa, destruir o maior número possível de Feiticeiros, tanto os excedentes

quanto os efetivos. E então, ainda com a ajuda da Chave, escapar. Mas isso não libertaria o Testamento. Além do mais, embora já tivesse visto o local, o que possibilitaria a utilização da Chave, seria muito difícil voltar ali, porque os feiticeiros estariam de sobreaviso.

— Já aconteceu de um Habitante promovido se esconder embaixo da mesa, para não subir? — perguntou Artur a Alice.

— Claro que não! Alguns esperam milhares de anos por uma promoção. Chegam a dançar de alegria! Outros fazem feitiços para juntar água e despejar sobre os antigos companheiros.

Três andares acima, outros Feiticeiros Excedentes observavam com olhar tristonho.

— Muito bem — disse Artur.

Ele olhou em volta rapidamente, certificando-se de que o compartimento estava fora da linha de visão dos Habitantes próximos.

— Melhor eu fazer alguma coisa.

— O quê? — perguntou Alice.

Enquanto ajeitava o guarda-chuva de modo que não fosse visto, ocultando também parte da mesa, Artur respondeu:

— Isto.

De início, Alice pareceu surpresa, mas sua expressão mudou para horror ao ver que Artur quebrava a lâmpada verde da mesa com a chave inglesa. Com um forte estalo, a lâmpada explodiu, provocando uma chuva de faíscas. As chamas, em contato com a chuva que caía, criaram instantaneamente uma cortina de vapor.

Em meio à fumaceira, Artur correu e, com toda a força que havia desenvolvido, fincou a chave inglesa na corrente que subia. Sua intenção era abrir um dos elos, mas a ferramenta entortou e acabou quebrando em sua mão. A corrente continuou a subir, levando o compartimento... por menos de 20 centímetros. Então, com um rangido assustador, o compartimento subiu de um lado e desceu do outro. Artur, Alice, a mesa e a Habitante inconsciente começaram a escorregar para o escritório vizinho.

Enquanto tentava segurar a mesa com o pé, Alice gritou para cima:

— Parem! Falha na corrente! Parem! Falha na corrente!

Ainda sem enxergar direito por causa da fumaça, Artur impediu que a Habitante escorregasse mais, porém a extremidade mais afastada do compartimento continuou a subir, aumentando a inclinação.

— Parem! — gritou Alice novamente.

Finalmente, a corrente interrompeu seu ruído mecânico, o compartimento estacionou em uma inclinação de 30 graus, a chama que saía da lâmpada verde se reduziu a fagulhas e a fumaça se dissipou. Artur rapidamente ajeitou a Habitante na mesa caída, para fazer parecer que ela havia batido a cabeça no acidente. Em seguida, perguntou ansioso a Alice:

— Quem sabe para onde vai a água?

— Que absurdo! No meio desta confusão! — ela respondeu.

— Existem coisas mais importantes — rebateu Artur friamente. — Como o fato de a Casa toda e o Universo inteiro estarem à beira da destruição, a menos que eu faça alguma coisa. Portanto, pare de reclamar e me diga quem sabe para onde vai a enxurrada!

Com uma careta, Alice olhou para cima, apesar da chuva que pingava em seus óculos. Em seguida, voltou-se novamente para Artur.

— Ouriçado deve saber. Vá perguntar a ele e fique longe de nós!

— Tudo bem com vocês aí embaixo? — uma criança perguntou.

— Não, exatamente! — gritou Artur em resposta. — Um minutinho!

Em tom mais calmo, ele continuou:

— Onde posso encontrar Ouriçado? Acredito que vamos precisar de algum tipo de passe para voltarmos sozinhos, não?

— Na direção do canal por onde vocês vieram há uma flautinha. Toque a melodia dele, e ele vai até o depósito.

— A melodia dele? Ah, sim, a que ele assobia. Eu lembro.

Artur tinha um ótimo ouvido musical. Tão bom que as pessoas costumavam pensar que fosse herdado do pai, vocalista da banda The Ratz, sem saber que Bob era pai adotivo.

— Vamos precisar de passe? — insistiu Artur.

— Vou escrever um bilhete avisando que vocês vão buscar uma peça de que precisamos.

Alice pegou o livro e um lápis azul e rapidamente rabiscou alguma coisa. Em seguida, rasgou a folha e a entregou para Artur, dizendo:

— Está aqui. Vá logo!

— Tudo vai mudar. Quer você queira, quer não. Só não sei se para melhor ou para pior.

— Queremos apenas fazer nosso trabalho — repetiu Alice como se as palavras formassem um mantra.

De repente, o guarda-chuva acima deles se moveu, empurrado por um Feiticeiro Excedente vestido de preto. Outro Feiticeiro Excedente saltou para perto dele, seguido por um terceiro. Ignorando Artur e Alice, os três se dirigiram à Habitante inconsciente, no chão. Artur percebeu que eles tinham um sorriso tão disfarçado que seria imperceptível a quem estivesse um pouco mais longe. Não havia dúvida: estavam satisfeitos com o desmaio da Habitante e com a pausa na promoção.

— Chefe! O que fazemos? — perguntou uma criança lá de cima.

Alice ergueu os olhos.

— Desça aqui. Traga Bigby e Urod. Estou mandando Ray e Suze de volta para pegar um suporte de corrente temporário Número Três. Quanto aos outros, quero que inspecionem cada centímetro da corrente horizontal, nos dez compartimentos a partir deste, em todas as direções, para ver se encontram ferrugem.

— O acidente foi causado pela corrosão? — perguntou uma voz forte e metálica.

Quem falava era um dos robôs de oito pernas. A voz saía por uma válvula que abria e fechava, embaixo da esfera central.

— Como vou saber? — gritou Alice. — É o mais provável. Vamos ter que verificar.

— Certo, autoridade máxima — disse o robô. — Aguardo instruções.

— Grande chefe! — ironizou uma criança.

Os três Feiticeiros Excedentes se endireitaram, como marionetes puxadas pelos cordões, e rapidamente voltaram aos seus lugares.

— Depressa, entrem pela lateral do andar de baixo, corram em direção ao norte e usem suas asas — Alice instruiu Artur. — Um Feiticeiro Supervisor vai descobrir logo, logo, quem é você.

— Suze! — gritou Artur. — Venha aqui!

Ele escorregou pelo piso inclinado e começou a descer, com cuidado para não cair sobre a cabeça do Habitante que ocupava o escritório imediatamente inferior.

— Obrigado — Artur agradeceu a Alice. — Venha, Suze!

— Já estou aqui!

Com um baque surdo, Suzy aterrissou ao lado dele, quase se desequilibrando.

— Estamos com pressa, é?

— Estamos, sim — respondeu Artur, saltando para o andar de baixo.

Ele havia pensado em pular sobre a mesa para reduzir a distância, mas desistiu. Não seria bom atrair a atenção do ocupante do compartimento, ainda mais que acabava de reparar que os Habitantes do andar com guarda-chuvas vermelhos não escreviam. Eles olhavam para o visor do espelhinho, porém sem escrever.

— Aonde vamos? — perguntou Suzy.

— Para o lado e para baixo.

Artur respondeu em voz baixa enquanto atravessava um escritório, desviando-se do ocupante, que tinha a cadeira mais afastada da mesa do que seria normal.

— Voando. Temos que encontrar Ouriçado e pedir que nos leve ao lugar que recebe toda a água.

— Por que não pergunta a Alice? Ela tem o guia do local.

Artur parou tão de repente que Suzy lhe deu um encontrão pelas costas.

— Que guia? — ele perguntou.

— Aquele livro. Tem mapas, instruções e tudo o mais para a turma encontrar o local do trabalho. Pelo menos foi o que Bigby me disse. Parecido com o seu Atlas, só que não tão completo.

Artur olhou para trás. Tinham percorrido apenas meia dúzia de escritórios.

— Ela só queria se livrar de nós — disse.

— Com certeza — concordou Suzy. — E não deixa de ter razão.

— Nada disso.

Artur ia completar o que dizia, quando uma enorme massa de água surgiu, passando com força entre ele e Suzy, que foi derrubada.

— É chuva demais! — ela disse, erguendo-se com dificuldade. — Eu gostaria de um pouco de sol.

— Todos nós gostaríamos — acrescentou o Habitante da mesa mais próxima, sem tirar os olhos do espelho-tela.

— Pensei que vocês não falassem conosco — apontou Suzy.

— Não devemos falar mesmo — suspirou o Habitante. — Mas é tão monótono ficar olhando o espelho, à espera de alguma coisa que valha a pena... O que estavam dizendo, quanto a alguém querer se livrar de vocês?

— Nada — respondeu Artur.

— O de sempre apenas? — suspirou o Habitante novamente. — Pensei que, entre vocês, responsáveis pela manutenção, não houvesse tanta disputa, já

que não podem ser promovidos. Pensei que não ficassem tão aborrecidos.

— Aborrecidos? — estranhou Suzy.

— Com raiva e inveja — completou o Habitante. — Veja a minha última promoção, por exemplo: os colegas com quem tomei chá durante mil anos, com quem dividi tantos biscoitos... me atiraram o bule de prata do nosso departamento quando passei a ficar acima da cabeça deles.

— Venha, Suze — chamou Artur. — Temos que voltar lá.

— Temos mesmo? E o Supervisor?

— Um Supervisor? — falou o Habitante com voz esganiçada. — Saíam de perto de mim! Preciso voltar aos meus estudos!

Ele imediatamente abriu um livro, que passou a ler devagar, em voz alta, mantendo ao mesmo tempo os olhos no espelho, um à esquerda e o outro à direita, o que era muito estranho.

Por alguns instantes, Artur se manteve imóvel, pensando, mas logo retomou sua caminhada de volta ao ponto onde tinha deixado Alice.

— E o Supervisor? — insistiu Suzy em voz baixa, ao alcançá-lo.

— Se não chegarmos muito perto dele, não haverá problema.

Artur estava tão revoltado com Alice que nem pensou no perigo de ser descoberto.

— Só precisamos obter certas informações. Voltamos em seguida — ele completou.

Quatro crianças trabalhavam na recuperação do compartimento destruído, mas não havia sinal de Alice, da Habitante inconsciente, dos Feiticeiros Excedentes, nem de outros Habitantes. Depois de se certificar de que a área estava livre, Artur escalou o canto da estrutura.

Urod interrompeu a tarefa de soltar um elo da corrente e falou:

— Pensei que Alice tivesse mandado vocês buscarem um suporte de corrente.

— E mandou — disse Artur. — Mas antes preciso confirmar uma coisa. Aonde ela foi? Está com o Feiticeiro Supervisor?

— Que Supervisor? — perguntou Urod. — Vi um Robô Programador, mas foi uns cinco... quatro andares abaixo.

— Onde está Alice, então?

— Não sei — Urod deu de ombros. — Foi todo mundo examinar a corrente, no andar de cima. Só eu fiquei.

— Ótimo!

Artur flexionou os joelhos para melhorar o impulso e pulou sobre a mesa, que tinha sido afastada para liberar espaço. De lá, saltou para o andar de cima, a uma altura de 2,5 metros, pelo menos.

— Exibido — resmungou Suzy, subindo pelo canto.





Capítulo 16

Alice estava a um compartimento de distância, no andar de cima, enrolando um pedaço de papel para enfiar na cápsula de mensagem colocada sobre a mesa do Feiticeiro. As outras crianças, espalhadas pelos escritórios em volta, inspecionavam as correntes. Dos robôs ou do Robô-Programador, nem sinal.

Artur saltou para o compartimento onde Alice estava e a pegou pelo cotovelo, forçando-a a se voltar, de modo que os dois ficassem de costas para o Feiticeiro.

— Você quis me enganar! O seu manual tem a informação de que preciso!
— ele sussurrou ferozmente.

— Largue-me! — protestou Alice também em voz baixa.

— Não complique as coisas — advertiu Artur, apertando ainda mais o braço de Alice. — Se descobrirem quem eu sou, o grupo inteiro vai ser castigado... Talvez sejam todos mortos!

— Está certo. O que você quer?

— Quero encontrar um grande reservatório de água. Mas primeiro me mostre essa mensagem.

Antes que Alice conseguisse se livrar, Artur pegou o papel e o sacudiu para desenrolar.

Ao feiticeiro Substituto Sênior Número 61.580 Informo que duas crianças do Tocador de Gaita suspeitas estão descendo para o Depósito da Vigésima Sétima Brigada de Manutenção de Correntes e força Motriz. As crianças se chamam Ray e Suze.

— Traidora! — exclamou Artur.

— A mensagem está pronta ou não? Eu não tenho o dia todo!

Quem fez a pergunta foi o Feiticeiro, sem se perturbar diante da visível animosidade entre Artur e Alice.

— Foi um engano — disse Artur. — Não tem mensagem nenhuma.

Ele empurrou Alice em direção ao poço temporário e mostrou a mensagem a Suzy. Séria, ela falou baixinho:

— Nós, crianças do Tocador de Gaita, somos sempre unidas. Sempre!

— O trabalho em primeiro lugar — argumentou Alice.

— Tome conta dela, Suzy, enquanto pego o livro. Aja com naturalidade — mandou Artur. — Alice, lembre-se de que, se tentar alguma coisa, o grupo todo paga, de um jeito ou de outro.

— O que quer dizer “agir com naturalidade”? — perguntou Suzy sem largar o braço da outra.

— Finja que são amigas procurando juntas alguma coisa no chão.

Dizendo isso, Artur pegou o livro no bolso de Alice.

— Não vai funcionar com você — avisou Alice. — Só funciona com chefes.

— Acho melhor funcionar comigo — disse Artur, abrindo o livro.

Alice suspirou, dizendo:

— Mas você não pode abrir isso!

Artur ignorou o aviso e leu na página de rosto: *Guia de Manutenção de Correntes e Força Motriz Registrado sob o Número 457. 589*. Em seguida, foi direto à última página, onde encontrou um índice em ordem alfabética. Assim que tocou o “A”, o livro se abriu na página onde aparecia uma lista de tópicos começados por aquela letra. Ele percorreu a lista rapidamente, até encontrar Água, que compreendia numerosos subtópicos, inclusive *Instalações Permanentes para Armazenamento e Instalações Temporárias para Armazenamento*.

Sob o tópico *Instalações Permanentes para Armazenamento*, encontravam-se, entre outros, os subtítulos *Reservatório Central de Chuva* e *Tanque Potencializador de Água da Chuva da Torre Intermediária*. Artur nem precisou tocar o item que lhe interessava; bastou olhar mais detidamente para ele e as folhas, no mesmo instante, se abriram na página certa, mostrando parte de um esboço, um mapa e uma lista de detalhes técnicos.

— Lá em cima, entre os andares de números 61. 350 e 61. 399, há um depósito de água que ocupa um espaço equivalente a cem compartimentos — disse Artur. — Deve ser bastante grande e provavelmente vai servir.

— Bastante grande para o quê?

Suzy fez a pergunta sem mudar de posição, agachada junto de Alice, como se as duas examinassem atentamente o piso vazado.

— No caminho eu explico.

Artur consultou mais uma vez e já ia guardar no bolso o manual, quando o livrinho estremeceu e fez um ruído semelhante ao de um chocalho.

— O que isto significa? — ele perguntou.

— Mudança de ordens — respondeu Alice. — Posso verificar?

Artur hesitou. De repente, assobios e estalos soaram em todos os escritórios, seguidos do ruído provocado pelas cápsulas que caíam sobre as mesas, ejetadas dos tubos pneumáticos de mensagens. Artur abriu novamente o manual, que foi direto para uma página onde se lia, em letras grandes e vermelhas:

MOBILIZAÇÃO GERAL!

A torre alcançou o ponto pretendido, embaixo dos Jardins Incomparáveis. Todas as equipes de engenharia devem comparecer ao Elevador Número Um da Plataforma Externa do Andar Térreo para preparar e iniciar a invasão, sob o comando de Meio-Dia de Sábado.

Artur olhou em volta. Todos os Habitantes se levantavam, para retirar e fechar os guarda-chuvas. Os que já tinham dobrado os guarda-chuvas formavam longas filas, prontas para caminhar até o centro da torre.

— Os elevadores normais ficam por ali? — Artur perguntou a Alice.

— Ficam. Quais são as ordens? Preciso saber para cumpri-las.

Artur devolveu o livro, que ela leu, para em seguida observar o que se passava em torno. A líder dos Feiticeiros Excedentes lia um manual semelhante e também olhou em volta, encontrando o olhar de Artur. Ele abaixou rapidamente os olhos para o caso de a Feiticeira Excedente ser capaz de reconhecer quem, ou o quê, ele era.

— Temos que ir! — repetia Alice. — É esta, a grande! Temos que carregar a cabine até em cima!

— Que cabine é esta? — perguntou Artur.

Alice deu de ombros e respondeu:

— Alguma coisa tão grande que precisa subir pelo elevador externo de carga. É impressionante. Mais de 90 metros sem corrente, com autopropulsão criada por Feiticeiros de nível superior...

— Podemos subir por lá também? — indagou Suzy tocada pelo entusiasmo de Alice.

— Não — respondeu Artur decidido. — Alice, vou deixar você e o seu grupo irem, mas tem que prometer que não vai falar demais e nos entregar.

— Claro! Ótimo! — concordou ela um tanto depressa.

Mais uma vez, Artur olhou em volta. Os Habitantes mais próximos estavam em marcha. Somente os Feiticeiros Excedentes continuavam por perto, de

olho nas crianças, quase todas fingindo que inspecionavam as correntes. Na verdade, elas esperavam pelas explicações de Alice.

— Alice, dê a mão para mim — Artur disse a Alice calmamente. — Prometa a mim, lorde Artur, Herdeiro Legítimo da Arquiteta, que não vai nos trair.

Alice pegou a mão de Artur.

— Prometo não traí-lo, lorde Artur.

Uma luz pálida passou dos dedos dele à mão dela. Alice gritou, mas Artur só lhe soltou a mão quando o brilho desapareceu.

— O que está havendo? — perguntou uma voz grave.

Artur olhou na direção da voz. Um dos Feiticeiros Excedentes tinha se aproximado devagar e tentava identificar os cheiros que sentia no ar.

— Caiu lá de cima uma coisa brilhante, que atravessou o piso em algum lugar — falou Artur com impaciência. — Mas acho que não temos tempo de procurar por causa da mobilização geral, não é, chefe?

— Isso mesmo — respondeu Alice devagar.

Ela sacudiu a cabeça vigorosamente, lançando gotas de água no rosto de Artur e de Suzy, e completou:

— Não há tempo a perder...

— Caiu uma coisa? Uma coisa brilhante? — perguntou o Feiticeiro Excedente.

Imediatamente, ele se ajoelhou e começou a sentir o cheiro que vinha pelo chão vazado. Os outros se afastaram.

— Não há tempo a perder! — gritou Alice. — Em forma, pessoal! Vamos descer para trabalhar no Elevador Externo Número Um!

— Número Um? Elevador Externo Número Um?

A pergunta, feita em voz muito alta, partiu do compartimento inclinado, no andar de baixo.

— Exatamente! Vamos! Voltem para a Grande Corrente! — gritou Alice.

O Feiticeiro Excedente continuava a cheirar o piso, aproximando-se dos pés de Artur. Outros Habitantes tristes chegaram para ver o que o companheiro fazia.

— Quando os dois primeiros pegarem a corrente que desce, nós pegamos a corrente que sobe. Chegamos ao depósito de água, recolhemos a Sexta Parte do Testamento e vamos embora — disse Artur enquanto corria atrás de Alice, acompanhado de Suzy.

Todos os escritórios estavam vazios. Habitantes e guarda-chuvas tinham desaparecido.

— Que história é essa de invasão, de Sábado chegar aos Jardins e tudo o mais? — quis saber Suzy.

— Primeiro, o mais importante — respondeu Artur.

A Grande Corrente estava a apenas 12 compartimentos adiante. Ao olhar para trás, ele viu todos os Feiticeiros Excedentes vestidos de preto, amontoados, cheirando o chão que ele pisava momentos antes. A cena lhe lembrou as pilhas de lagartas que caíam das árvores, no quintal de casa.

“Tomara que eu volte antes que a minha casa acabe. Ora, pessoas são mais importantes do que lugares, e a casa provavelmente está afastada o bastante para ser poupada, no caso de um ataque nuclear. Mas Folha e os outros estão mais perto e nem sei direito o que fiz ou por quanto tempo vai durar. Ah, não posso pensar nisso agora. Tenho que me concentrar no presente...”

— De que cor são os guarda-chuvas no andar de número 61. 300? — perguntou Artur. — Se é que ainda estão lá...

— São xadrez azul e amarelo — informou Alice.

Artur olhou para cima através da estrutura. Dava para ver as filas de Habitantes em marcha, mas levavam os guarda-chuvas fechados. Nas mesas não havia ninguém.

— Vamos ter que contar a partir daqui. Você desce com os outros, Alice. Nós damos a volta e pegamos a corrente que sobe — disse Artur.

— Sem ressentimentos — ela respondeu.

— Fale só por você.

“Ainda volto e lhe aplico um castigo dos bons”, pensou Artur. Mas o momento de raiva foi breve. “Existem coisas mais importantes. Vamos deixar para lá.”

— Cuidado, Alice! Não vá estragar tudo!

Com esse aviso e um aceno animado, Suzy se despediu de Alice e das outras crianças, que embarcaram em um elo da corrente que descia. Artur correu para a borda próxima á corrente que subia.

— Vá com calma, Suzy — aconselhou.

Artur pegou a mão dela e por alguns momentos eles ficaram ali, calculando quando deveriam pular.

— Agora! — comandou Suzy.

Os dois pularam. Ou Suzy não era tão boa quanto Alice para avaliar velocidade, ou Artur era pior de olhos abertos do que de olhos fechados. O fato é que eles calcularam mal o salto e quase caíram. Um dos pés de Artur escorregou e ele teve que se esforçar para recuperar o equilíbrio.

— Upa! — fez Suzy. — Bem divertida, esta corrente. Acho que seria bom ter uma lá na Casa Inferior.

— Não existe mais Casa Inferior — corrigiu Artur.

Ele tentava contar os andares, que passavam rapidamente.

— É mesmo. Tinha esquecido — disse Suzy.

Artur olhou para ela. Como a garota podia ter esquecido tão facilmente um fato tão importante? Às vezes ele pensava que as crianças do Tocador de Gaita não eram mais humanas do que os Habitantes, embora tivessem chegado lá como pequenos mortais.

Os pensamentos o fizeram perder a contagem.

— Droga! Mas acho que uns andares a mais ou a menos não fazem diferença. De acordo com o guia, o Tanque Potencializador de Água da Chuva é enorme. Eu devia ter ficado com o livro.

— Por que precisamos ir a um Tanque Potencializador de Água da Chuva?

— Para pegar um pouco de água e examinar.

Artur juntou as mãos em concha para demonstrar. Suzy imitou o gesto, com o cuidado de não esticar demais o braço, que poderia ser atingido por alguma saliência.

— O que estamos procurando? — ela perguntou com as mãos cheias da água que caía.

— Letras e palavras.

— Estou vendo! — exclamou Suzy. — O-r-l-g-w-x-s-t-r-e... O-r-l-g-w-x-s-t-r-e... Hummm. As letras me parecem familiares, mas não entendo exatamente...

— Não é uma simples palavra. É uma parte do Testamento, misturada e confusa! Uma parte do Testamento que foi espalhada em todas as gotas de chuva! Por isso preciso encontrar um lugar onde haja muita água junta. Assim, provavelmente vou conseguir recolher pelo menos um bom trecho da Sexta Parte do Testamento.

— Entendi! Então, você pega e vamos embora?

— Acho que sim. Acredito que seja a coisa mais sensata a fazer. Só queria saber por que Sábado quer ir aos Jardins Incomparáveis e por que não vai de

elevador. Oh, não!

— O que foi?

Suzy olhou em volta ansiosa.

— Perdi a contagem outra vez. Mas talvez dê para ver, se os escritórios estiverem vazios.

Até então, os compartimentos por onde passavam realmente estavam vazios, mas uma súbita movimentação alguns andares acima chamou a atenção de Artur.

— Aquele está ocupado. Mas o Habitante permanece de pé, ao lado da mesa — ele disse.

— Aquele outro também — acrescentou Suzy. — O que eles estão fazendo?

A rapidez com que subiam não dava para ter certeza, mas, nos escritórios por onde passavam, os Habitantes pareciam praticar algo semelhante a tai chi: uma espécie de dança lenta, regrada, sempre ao lado da mesa de trabalho. Como os guarda-chuvas estavam fechados, eles dançavam na chuva, espirrando água a cada movimento.

— Não tenho a menor ideia — respondeu Artur sério. — Pensei que todos os Habitantes tivessem tomado os elevadores, para irem aonde têm que ir. Fique atenta a qualquer coisa que pareça um reservatório de água. Acho que estamos chegando perto.

Eles atravessaram andares onde Habitantes dançavam ao lado das mesas, andares vazios e outros onde Feiticeiros caminhavam para o interior da torre.

— Você olha para um lado, eu olho para o outro — disse Artur. — Perdi a noção de onde fica o norte. Realmente, deveria ter ficado com aquele manual. Não sei o que passou em minha cabeça.

— Talvez tenha pensado que Alice podia precisar. Epa! Será que é isto?

Artur se voltou rapidamente, o que não é bom quando se viaja dentro de uma corrente enorme. Ele perdeu o equilíbrio e caiu sobre Suzy, que escorregou para a ponta do elo e quase despencou de lá.

Recuperado, Artur viu, a certa distância dentro da torre, uma parede de vidro de onde saía uma luz azulada, por causa da massa de água do outro lado. A parede e a água se estendiam por vários andares.

— Vamos continuar? — perguntou Suzy.

— Até o topo. Esteja pronta, faltam 49 andares.

Eles saltaram, esperando encontrar compartimentos vazios ou ocupados por Habitantes dedicados ao trabalho. Mas não havia mesas. Cada escritório, de 3 metros por 3 metros, tinha uma pequena poltrona e um abajur de pé. A forração das poltronas variava, de couro preto a brilhantes padrões florais, com as cúpulas dos abajures combinando.

— Território dos Indolentes Inteligentes — sussurrou Suzy.

— É.

Artur observou tudo atentamente e completou:

— Mas eles não estão aqui.

Ele começou a caminhar em direção ao tanque de água. Embora a chuva lhe atrapalhasse a visão, conseguia enxergar toda a extensão da parede de vidro e a parte de cima, aberta, com a superfície de água cristalina salpicada por pingos de chuva. Parecia um enorme aquário e Artur pensou se haveria peixes lá dentro. Ou alguma outra coisa...

— Você vai colocar a mão ou o quê? — perguntou Suzy ao chegar à borda e ver a enorme massa de água.

Artur pensou antes de responder.

“Estamos em uma torre, a mais de 3 mil metros de altura, e este tanque tem cerca de 150 metros de profundidade, com uma superfície correspondente a 16 piscinas olímpicas. Isto é um reservatório!”

Ele se inclinou para mergulhar a mão na água e imediatamente sentiu a Sexta Parte do Testamento falar direto em seu ouvido:

— *Artur, preciso da sua ajuda para me completar. Entre na água! Não há tempo a perder!*





Capítulo 17

— Ele quer que eu entre na água — Artur disse a Suzy.

Ele olhou as gotas de chuva e depois as poltronas vazias lá atrás.

— Então, é aqui? — perguntou Suzy também olhando para trás.

— É. Acho melhor eu entrar. Você, fique de olho.

Suzy fez que sim e pegou a chave inglesa, cuja extremidade bateu contra a palma da outra mão.

“São 150 metros de profundidade. É muuuito fundo... Mas preciso pegar o ‘Testamento’”, pensou Artur.

Com um impulso, ele escorregou do piso do compartimento para a água, que estava fria, mas não tanto quanto pensava encontrar. O ar também não estava tão frio como seria de esperar naquela altura. Sábado podia gostar de chuva, mas com certeza não queria sentir o frio que sentiria na Terra, na mesma altitude.

— Ótimo! — elogiou o Testamento. Nade até o meio e me chame!

Por alguns minutos, Artur bateu os pés. Nas aulas de sobrevivência no colégio, ele tinha nadado de roupa, mas descalço. Então, ia se livrar das botas, mas desistiu. Flutuava com facilidade, provavelmente porque respirava bem, sentindo-se forte e resistente como nunca.

Artur preferiu o nado de peito, em vez do estilo livre, para ver aonde ia. Avançava mais devagar, mas ganhava em segurança. No meio do caminho, deu algumas braçadas de costas, de modo que pudesse ver Suzy. Ela acenou, e ele respondeu.

— *Bom trabalho, Artur! Agora me chame mentalmente.*

Concentrado, Artur visualizou fragmentos do Testamento nas gotas de chuva.

“Sexta Parte do Testamento, escute-me. Sou Artur, o Herdeiro Legítimo. Junte-se e venha a mim!”

Agrupadas em linhas compridas, as letras começaram a brilhar, flutuando e se unindo, como plantas aquáticas luminosas.

A chuva também brilhava e, em vez de atravessar a estrutura vazada da torre, começou a cair na direção de Artur. Acima dele, pingos retidos nos pisos se

moviam, procurando a abertura mais próxima.

Sessenta andares abaixo, uma Feiticeira olhou surpresa o espelho e, depois de certa hesitação, abriu uma gavetinha secreta bem no meio da mesa de trabalho e pressionou um botão de bronze empoeirado.

Em volta dela, espelhos piscaram. Habitantes que pareciam distraídos de repente se debruçaram sobre a mesa e fecharam os livros, deixando de lado as canetas. Acima da cabeça de todos eles, os tubos pneumáticos de mensagens começaram a cuspir cápsulas vermelhas que caíam nas mesas.

Os Feiticeiros que dançavam interromperam os movimentos, abriram os guarda-chuvas, puxaram as cadeiras e sentaram. Os milhares de espelhos foram ajustados para melhorar a imagem.

Enquanto se preparava o ataque, um telefone tocou bem acima, na parte mais alta da torre. Uma bela mão, muito branca e de pele sedosa, pegou o fone.

Artur observou as letras se entrelaçarem na água e continuou a chamar mentalmente o Testamento. Devagar, elas começaram a se agrupar e a escurecer até ficarem de um preto brilhante. Então, o bico, a cabeça e o pescoço arrepiado de um pássaro emergiram.

— Muito bem, lorde Artur — falou o corvo em voz baixa e áspera. — Estou quase pronto. Falta só um pouco mais de chuva.

Uma asa feita de texto flutuou na superfície da água. A outra asa ainda estava incompleta.

— Artur!

Era Suzy que chamava.

— Indolentes Inteligentes! — ela gritou, apontando com a chave inglesa. — Um monte deles!

— Só mais uns minutinhos — disse o corvo. — Continue me chamando, lorde Artur!

Artur não alcançou mais de 20 centímetros acima da superfície ao se esticar para entender o que Suzy via. Foi o suficiente, porém. Nos compartimentos que rodeavam o reservatório, Indolentes Inteligentes se arrastavam, saindo debaixo das poltronas. Eles tinham estado lá o tempo todo escondidos, imóveis.

Com espadas curvas de aço azulado e punhais de cristal envenenados com Nada, eles claramente avançavam na direção de Suzy. Ela levantou a parte de

trás da capa de chuva e ergueu a chave inglesa. Artur se lançou para a frente, nadando em estilo livre com todas as forças.

— Concentre-se, Artur, e me chame! Eu não posso escapar sem você! — gritou a Sexta Parte.

Artur ignorou os apelos do corvo e nadou ainda mais depressa, cortando a água como um golfinho. No entanto, embora nunca tivesse nadado tão rápido, depois de uma dúzia de braçadas não tinha saído do lugar. E depois de outro tanto, começou a se sentir arrastado com força para trás. Ao girar o corpo, recebeu um forte puxão nos tornozelos.

Estava em um redemoinho. O tanque se esvaziava e ele estava indo com a água.

— Suzy! — gritou Artur. — Use as asas! Voe...

Ele via apenas a cabeça de Suzy. A água baixava rapidamente, fazendo-o rodopiar e entrando em sua boca. Por mais que agitasse braços e pernas, não conseguia se manter na superfície. Toneladas e toneladas de água escorrendo para um encanamento que descia mais de 3 mil metros criavam uma força de sucção incrível. Desesperado, Artur olhou mais uma vez para trás, mas já não viu Suzy. Enxergou apenas o brilho das espadas dos Indolentes Inteligentes e, através da água que lhe entrava pelos ouvidos, escutou o choque das armas de metal, muitas vozes e um grito interrompido.

A partir de então, só pôde pensar em si. Estava afundando. Seus pulmões se enchiam de água. Era tragado implacavelmente. Todos os seus temores de uma morte lenta por afogamento estavam se tornando realidade.

Artur levou a mão ao bolso da cintura, apenas para sentir a Quinta Chave através do tecido. Se a tirasse de lá, a Chave se perderia, com certeza. Ainda assim, sentiu seu poder, embora mais fraco, e se concentrou em usá-lo, porém foi sugado com tal violência pelo redemoinho que teve os braços puxados para trás e virou de cabeça para baixo. A água inundou por completo seus pulmões e um último, patético, sopro de ar saiu de sua boca.

“Eu me recuso a morrer”, ele pensou. “Não sou mais humano. Sou o Herdeiro Legítimo da Arquiteta. Vou respirar na água.”

Artur deixou entrar um bom e revigorante gole de água. A sensação de sufocamento desapareceu. Sua boca, momentos antes crispada em um silencioso grito de pânico, acalmou-se em um quase sorriso. Ele respirou mais uma vez e, de repente, equilibrou-se, caindo de pé no que devia ser uma enorme tubulação.

“Suzy provavelmente foi feita prisioneira, apenas. Vou sobreviver e salvá-la. Tudo vai dar certo...”

A correnteza de repente mudou de direção. Ao bater em alguma coisa dura, muito dura, Artur gritou, mas não emitiu som algum; de sua boca saiu apenas água. Ele foi apanhado e arremessado outra vez aos trambolhões, com mais força ainda.

Para se proteger, ele se encolheu. Como uma bola, arremessado centenas de vezes contra as paredes, desceu pelo encanamento, que ziguezagueava por mais de 3 mil metros. Durante meia hora, sofreu terrivelmente, mas chegou ao fim. Qualquer mortal não sobreviveria aos primeiros metros da descida.

O encanamento formava uma cachoeira ao desaguar em um vasto lago subterrâneo escavado na rocha que sustentava a Casa Superior. Ao cair, Artur foi ao fundo e lá ficou até que as dores terríveis que sentia se limitassem a um sofrimento suportável.

Qualquer movimento representava um sacrifício, mas ele se forçou a nadar até a superfície. Teve medo de, ao sair da água, não conseguir respirar, mas isso não aconteceu; ele respirava igualmente bem na água ou fora dela.

Cansado, Artur se manteve na superfície para observar o que havia em volta. Viu o enorme encanamento, que continuava a despejar água, e a cascata, mas pouca coisa mais. A fumaça, ou o vapor, deixava tudo meio nublado. Recuperando a audição, ele tomou consciência da batida monótona e repetitiva de máquinas poderosas.

“Lá embaixo”, pensou. “Deve ser o tal Reservatório Central de Água da Chuva.”

— Sexta Parte! — chamou em voz baixa. — Testamento! Você está aí?

O corvo surgiu da água, mas seu corpo não era totalmente preto e brilhante; no lugar das partes incompletas, havia linhas em branco.

— Estou quase todo aqui, lorde Artur. Faltam apenas alguns fragmentos. Segundo acredito, os parágrafos que compõem minha cauda ainda estão caindo em forma de chuva e só vão chegar daqui a uma hora ou mais.

— Duvido que tenhamos uma hora — disse Artur. — Fui otimista demais. Scamandros avisou que eles localizariam qualquer feitiçaria que eu fizesse. Só não pensei que isso incluísse as vezes em que o chamei.

— Sábado deve ter destacado um grande número de Habitantes para monitorar qualquer sinal de feitiçaria. Isso é surpreendente, já que ela está também reunindo forças para atacar os Jardins Incomparáveis. Se tivermos

sorte, a batalha já terá começado, o que vai desviar as atenções. De todo modo, este é um longo caminho subterrâneo e os que servem a ela não gostam de se aventurar por esta região.

— Os robôs caçadores de ratos vêm aqui. Você pode juntar as suas partes em qualquer lugar deste tanque?

— Bem... Posso. Por quê?

— Então pode ficar em terreno mais firme. Preciso sair da água. Tenho a impressão de ter sido atropelado por um elefante. Onde fica a margem mais próxima?

— Siga-me — falou a cabeça de corvo movimentando-se.

A visão era estranhíssima: a cabeça e parte do pescoço de um pássaro deslizando sobre a água, sem meios visíveis de propulsão.

Ainda cansado, Artur nadou devagar atrás dele, pensando em Suzy e em Folha. Sentia que tinha involuntariamente abandonado as duas. Tudo por culpa do desenrolar dos acontecimentos.

“Isso não é desculpa. Talvez Suzy esteja bem. Provavelmente só foi presa. E talvez o tempo ainda esteja parado para Folha. Parece covardia esperar o Testamento, pegá-lo e levá-lo para a Cidadela. Mas o que mais posso fazer?”

As nuvens se abriram um pouco, revelando uma plataforma de pedra que ficava alguns centímetros acima do nível da água. Com esforço, Artur se jogou sobre ela. Na água, o Testamento aproveitou para flexionar a asa esquerda, que começava a se formar.

Artur estava deitado, descansando, havia poucos minutos, quando reparou em outro ruído, além do zumbido e das batidas das máquinas a vapor. Tratava-se de um ruído bem menos nítido, como se alguém varresse o chão, além de um leve som de passos e de um assobio longínquo.

Artur se sentou para observar melhor a plataforma. O assobio era muito suave, mas ele desconfiou... A suspeita se confirmou quando Ouriçado saiu da neblina. Em uma das mãos, o Rato tinha um pequeno arco e, com a outra, arrastava uma rede cheia de alguma coisa que Artur não identificou.

— Ouriçado! — ele chamou.

O Rato Criado deu um salto, largou a rede e segurou o arco com ambas as mãos.

— Lorde Artur! O que está fazendo aqui?

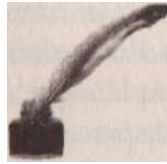
— Caí no escoadouro. Mas fico feliz em vê-lo. Preciso de algumas informações. Ei, o que é isso?

Balançando a cabeça em sinal de negativa, Ouriçado preparava o arco para atirar. Ao mesmo tempo horrorizado e fascinado, Artur viu que a ponta da seta era feita de Vidro Imaterial e, como uma garrafa Hermeticamente fechada, continha um pedacinho de Nada.

— Lamento, lorde Artur. Preferia que não estivesse aqui. Tenho ordens expressas...

— Não! — gritou Artur.

Ouriçado puxou o gatilho e a seta envenenada partiu direto para o peito de Artur.





Capítulo 18

Artur não teve tempo de pensar ou de se desviar. Nem precisava. Instintivamente, ele agarrou a seta pelo meio do cabo, em pleno voo, preservando o recipiente de Nada. Em seguida, virou a seta ao contrário para atacar Ouriçado, que apressadamente preparava o arco para novo disparo.

— Ordens expressas de matar quem tentar interferir — completou o Rato ofegante. — Não quero, mas tenho que atirar em você!

Artur parou. Alguma coisa, ou várias coisas, saía das nuvens de vapor. Seis robôs caçadores de Ratos usavam as longas antenas para estudar o caminho que seguiam pela plataforma.

Ouriçado reparou que a expressão de Artur se alterava e se virou para ver o que era. Naquele momento, o robô mais próximo armou o bote. O Rato largou o arco, pegou a rede e arremessou na água. Ainda tentou sacar a faca, mas, ao jogar fora a rede, tinha perdido um tempo precioso: o robô conseguiu usar a pinça esquerda para agarrá-lo pelo pescoço. Outro robô enrolou as antenas cortantes no corpo do Rato e apertou-o.

Aquilo foi um erro. Ouriçado provavelmente já estava morto e o aperto serviu apenas para quebrar os vidros de Nada guardados em estojos de madeira que ele carregava nas costas. O Nada explodiu, dissolvendo instantaneamente as antenas dos robôs, que emitiram zumbidos e guinchos. O Nada se espalhou como se fosse mercúrio, dissolvendo tudo que encontrava.

Em poucos segundos, nada restava de Ouriçado nem dos dois robôs. O Nada formou uma poça de escuridão e começou a penetrar na rocha, abrindo uma fenda profunda no material reforçado que constituía a Casa.

Artur localizou os quatro robôs restantes e se preparou para enfrentar o ataque. Mas os robôs não atacaram; inspecionaram o ambiente com as antenas e, depois de piscar o olho vermelho que tinham no meio da testa, saíram em disparada, de volta à névoa quente.

— Eles perceberam que você não é Rato — comentou o Testamento.

Àquela altura, ele tinha duas asas e saltava sobre a superfície da água, embora não tivesse pés nem cauda.

— Ainda bem. Eles nem sempre reconhecem suas presas legítimas — concluiu.

— Pobre Ouriçado — disse Artur. — Ele não queria matar, pelo menos não a mim, em especial. O que ele atirou na água?

— Vou dar uma olhada.

O Testamento rapidamente chegou ao ponto onde a rede ainda flutuava e pegou-a com o bico para entregá-la a Artur, que estava sentado na borda da plataforma, balançando os pés. Ele tinha perdido as botas durante a descida. O macacão estava em farrapos dos joelhos e cotovelos para baixo. O cinto, felizmente, continuava no lugar, e Artur apalpou o bolso, certificando-se de que a Chave, o medalhão do Marinheiro e o elefante estavam seguros.

— São coisas de feitiçaria. Não sei para que servem disse o Testamento, deixando a rede ao lado de Artur.

Dentro dela, havia três boias de vidro, grandes e redondas: uma vermelha, uma azul e uma verde. Elas pareciam feitas do mesmo tipo de vidro das Garrafas Simultâneas.

— Ele se preocupou em atirar isto na água, mesmo sabendo que não teria tempo de usar a arma. Devem ser coisas muito importantes — disse Artur.

— Então, vamos deixar na água. Para respeitar o último desejo do morto.

— O quê? — estranhou Artur.

Aquele não era um comportamento próprio de qualquer das partes do Testamento.

— Devemos jogar novamente na água — repetiu o Testamento. — É uma questão de respeito. Ah, o texto para uma das penas da minha cauda acabou de cair. Volto já.

Dizendo isso, o Testamento correu para a cachoeira que saía do encanamento.

Artur observou a boia vermelha, que não lhe pareceu especialmente mágica. Por alguns instantes, pensou no que ouvira sua mãe dizer certa vez, quando dava uma explicação à irmã, Michaeli, sem saber que ele estava ouvindo: *Nunca existe a coisa absolutamente certa a fazer. Você pode apenas agir de acordo com suas convicções, aceitar as consequências e utilizar a experiência da melhor maneira possível.*

— Aposto que vou me arrepender disto — ele disse, devolvendo as boias à água.

Por alguns instantes, elas flutuaram perto dos pés dele. Em seguida, foram se afastando lentamente — tão lentamente que Artur não teve certeza se contavam com propulsão própria ou se eram impulsionadas por algum tipo de corrente.

Enquanto observava as boias se afastarem, ele tentou planejar o que faria em seguida, mas ainda sentia muita dor. Além da dor física, carregava o peso da culpa.

“Devia ter trazido Suzy comigo. Agi sem pensar. Confiei demais. Não. Preciso me concentrar. O que está feito, está feito. Tenho que resgatá-la. Tenho que enfrentar Sábado para pegar a Chave. Só não posso fazer isso sozinho, porque ela conta com muitos Feiticeiros. Preciso voltar e chamar o Exército. E a Primeira Dama, a Dama Quatro, Thingo ou quem quer que seja. Ou, pelo menos, as outras Chaves. Mas isso pode tomar tempo demais...”

Em poucos minutos, o Testamento voltou, planando em uma perna só. Encontrou Artur ainda em luta com a consciência, medos e planos incompletos.

— Falta pouco — falou o Testamento. — Somente parte de um pé e uma pena da cauda!

— Bom — disse Artur. — Assim que você estiver pronto, acho melhor voltarmos para a Cidadela...

Ele interrompeu o que dizia e inclinou a cabeça.

— O que foi? — perguntou o Testamento, alisando as penas com o bico.

— As máquinas a vapor. Parecem mais próximas. E vindo de outra direção.

O Testamento parou de alisar as penas e, com seus grandes olhos negros, tentou enxergar ao longe.

— Um navio a vapor. Ou vários. Pelo menos é o que me parece ter ouvido — disse Artur.

— Estou vendo! — confirmou o Testamento. — Olhe, são oito!

Artur olhou e, embora as nuvens de vapor e fumaça lhe impedissem a visão, a batida rítmica dos motores e o bater das ondas formadas pelos navios eram perfeitamente audíveis. Finalmente, uma proa rompeu o nevoeiro, revelando um navio dos Ratos Criados, com várias fileiras de Novicas formados no convés.

— O Tocador de Gaita! — gritou Artur. — Temos que ir embora!

— É feitiçaria demais! — completou o Testamento. — Sábado vai agir a qualquer momento!

— Acho que já agiu — disse Artur, apontando as nuvens de fumaça.

Começava a se formar um anel de fogo enorme, de mais de 450 metros de diâmetro, semelhante a uma pista de atletismo. Chamas começaram a cair do anel, pequenas a princípio, como uma chuva de fogo, mas logo cresceram. E, pela mudança de cor, de amarelo avermelhado para branco azulado, ficavam mais quentes também.

Os motores alimentados à potência máxima faziam as chaminés cuspirem fumaça, enquanto os navios aumentavam a velocidade, rumando diretamente para a plataforma onde Artur se encontrava.

— Eles vão encalhar bem aqui! — gritou Artur. Você já está completo?

— Ainda não. Falta um parágrafo pequeno, mas essencial. As penas são necessárias ao voo.

— Depressa, então!

O anel de fogo acompanhava as embarcações e a chuva incendiária se intensificava, mas Artur reparou que não chegava a elas nem aos Noviças perfilados no convés. As chamas escorriam ao bater em uma barreira invisível que se estendia dos mastros às amuradas. Pelo menos até então, a barreira mágica impedia o ataque de Sábado.

“Nós não temos proteção alguma. E o fogo está chegando perto demais...”

Artur já sentia no rosto o calor das chamas. As gotas eram tão quentes que custavam a se apagar ao caírem na água.

— Está pronto? — insistiu Artur. — Temos que correr!

— Quase, quase — sussurrou o corvo.

Com um chiado, os pingos da chuva de fogo continuavam a cair na água. Os navios, avançando à velocidade máxima, já estavam a menos de trezentos metros de distância. Um grupo de soldados apontou Artur e, de repente, setas foram atiradas com precisão, mas não atravessavam as chamas.

— Pronto! — avisou o corvo, levantando voo para se empoleirar no ombro de Artur. — Estou completo. Sou a Sexta Parte do Testamento da...

Artur não esperou o fim da frase; voltou-se e correu pela plataforma, fugindo ao rastro de fogo. Imediatamente fizeram-se ouvir os apitos de advertência e os gritos de guerra dos Novicas, que ele tão bem conhecia das batalhas do Grande Labirinto.

Em meio à barulheira — martelar dos motores, apitos, silvos, rugidos da tempestade de fogo e gritos — surgiu outro som, ao mesmo tempo belo e terrível.

O Tocador e suas gaitas.

— Ah... — fez o corvo. — O desagradável terceiro filho da Arquiteta.

— Desagradável! — suspirou Artur. — Ele é bem pior que isso.

A plataforma terminava em um paredão de rocha maciça, sem passagens visíveis. Depois de uma olhada rápida, Artur começou a procurar saliências ou pontos que pudessem não fazer parte da superfície. Logo encontrou. Com um rangido, uma laje de pedra se afastou, revelando a entrada de uma caverna.

O espaço era um depósito de equipamentos, com paredes cobertas por prateleiras onde se viam muitos tipos de ferramentas empregadas no trabalho em metal. Em outros tempos, Artur ficaria interessadíssimo. Naquele momento, porém, perseguido pelo Exército do Tocador de Gaita, mal olhou para elas.

— Como se tranca a porta? — ele perguntou depois de encontrar uma saída.

— Não faço a menor ideia.

— Você está aqui há dez mil anos! Não aprendeu nada?

— Meu ponto de vista era muito limitado. Além de extremamente fragmentado.

Artur fincou no chão várias barras de ferro, usando-as para escorar a porta.

— Isso deve aguentar por uns minutinhos.

— Aonde nós vamos? — perguntou o Testamento.

— Dar o fora daqui, para começar.

Ao responder, Artur abriu a porta que havia encontrado no fundo do depósito. Diante de uma escadaria circular vermelha, feita em ferro fundido, enfeitada com florões dourados nos degraus e corrimãos, continuou:

— O Tocador de Gaita deve demorar um pouco a reunir todas as tropas, mas com certeza vai mandar antes alguns observadores. Acredito que Sábado também envie forças. Precisamos sair do caminho dos dois.

— Pode ser que Sábado esteja ocupada lá em cima argumentou o Testamento. — A torre alcançou a parte de baixo dos Jardins Incomparáveis e os pés de Pau-Brasil pararam de crescer.

Artur começou a subir os degraus de três em três. O corvo voava atrás dele, pousando ocasionalmente em sua cabeça.

— Por que ela quer entrar nos Jardins Incomparáveis? perguntou Artur.

— Porque os Jardins Incomparáveis foram o primeiro lugar criado pela Arquiteta e deve ser o último a cair. Mas também porque Sábado acredita que

deveria ter mandado lá sempre. Ela sente inveja de Domingo e quer tomar o lugar dele.

— Mesmo que isso signifique a destruição da Casa?

A escadaria atravessava passagens semelhantes àquela onde Artur e Suzy tinham caído ao deixarem a Nabucodonosor Simultânea.

“Agora seria muito fácil passar para a Escada Improvável. Estes degraus favorecem a visualização...”

— Ela acredita que os Jardins Incomparáveis vão sobreviver, mesmo que o resto da Casa seja reduzido a Nada — explicou o corvo. — Talvez esteja certa. Destruir as partes inferiores da Casa foi o único meio de interromper o crescimento dos pés de Pau-Brasil.

— Então, ela vai entrar lá? Lorde Domingo não pode impedir?

— Não sei das atuais capacidades de Domingo. Nem das intenções dele. Precisamos encontrar e libertar a Sétima Parte, para que nos ajude. Mas primeiro, é claro, você precisa pegar a Sexta Chave de Sábado, que se intitula Feiticeira Máxima.

— Eu sei. Mas como vou fazer isso?

— Onde há um Testamento, há...

— Ora, cale-se! — interrompeu Artur. — Estou cansado de ouvir isso.

— É? Já ouviu isso? Minhas desculpas.

— Que tal alguma coisa um pouco mais concreta? Um plano inteligente ou um conselho sensato, para variar?

— Humm... — fez o corvo. — Parece que minhas partes anteriores não foram do seu agrado...

— Mais ou menos. Algumas são melhores do que as outras. Será que falta subir muito?

Depois de uns cinquenta degraus, o Testamento voltou a falar:

— Na verdade, eu tenho um plano.

— Muito bem. Qual é?

Artur ainda se surpreendia com o fato de, apesar de ter subido tantos degraus, não sentir a menor dificuldade de respirar.

— Quer tentar resgatar a sua amiga? — perguntou o Testamento.

— Quero.

“Se Suzy ainda estiver viva...”

Artur parou de repente, e o corvo quase se chocou com ele, mas conseguiu se equilibrar no ombro do Herdeiro.

Artur não resistiu à vontade de perguntar:

— Tem certeza de que você faz parte do Testamento? As outras não costumam se importar muito com... quem quer que seja.

— Meu plano é este. Quando estive em suspenso na chuva, visitei reentrâncias e fendas raramente visitadas, inclusive as gaiolas onde penduram os prisioneiros.

— Gaiolas penduradas? — estranhou Artur.

— Isso mesmo — confirmou o corvo ansioso. — Ao sul e a oeste da torre, fica a maquinaria do grande elevador. O norte é muito íngreme e deserto, não sei por quê. Mas a leste, encontram-se prolongamentos, plataformas, galerias, elevações, etc. Por volta do andar de número 61. 620, os Auditores Internos têm uma haste que avança uns 15 metros para fora. É lá que penduram as gaiolas dos prisioneiros. Sua amiga provavelmente está lá agora. A não ser que tenha sido morta naquela hora pelos Indolentes Inteligentes. Eles são criaturas malvadas e aqueles punhais envenenados com Nada...

— Vamos supor que ela esteja viva — interrompeu Artur.

Depois de ligeira hesitação, ele continuou:

— Eu quero resgatá-la. Mas como chegar às gaiolas sem chamar a atenção dos Auditores Internos? Vai haver uma batalha... Talvez duas...

— Isso vai nos ajudar — disse o Testamento. — E, quanto a chegar lá, é bastante simples. Basta nos disfarçarmos de Servente de Banheiro.

— Nós? Disfarçados de um só Servente de Banheiro?

— Isso mesmo!

O corvo parecia muito satisfeito ao continuar:

— Você pode se passar por um Servente de Banheiro de baixa estatura, e eu posso servir de máscara.

— Mas o que um Servente de Banheiro iria fazer lá em cima?

Artur estremeceu ao se lembrar das máscaras douradas dos Serventes de Banheiro que lhe tinham feito uma lavagem entre as orelhas, apagando temporariamente sua memória.

— Eles são Auditores Internos — explicou o Testamento. — Todos os Serventes de Banheiro são Auditores Internos, embora nem todos os Auditores Internos sejam Serventes de Banheiro.

— Quer dizer que eles trabalham para Sábado? É ela quem quer que as memórias das Crianças do Tocador de Gaita sejam apagadas?

— Exatamente. Tudo tem a ver com a tentativa de retardar a chegada do Herdeiro Legítimo. Ou, se você morrer, a chegada de outro, e outro...

— Então, nós nos disfarçamos de Servente de Banheiro, vamos aos escritórios dos Auditores Internos e resgatamos Suzy da gaiola pendurada. E onde entra pegar a Chave de Sábado? E tudo o mais?

— Lá não deve haver nenhum Auditor Interno. Eles formam a melhor tropa de Sábado. Portanto, vão estar em cima, abrindo caminho para os Jardins Incomparáveis. Conforme eu disse, a parte leste é a mais tranquila.

Resgatamos a sua amiga, esperamos que as tropas do Tocador de Gaita entrem em luta com as tropas de Sábado e, no momento certo, abrimos um espaço para levar o elevador até a Cidadela. Então, trazemos as suas tropas por ele.

— Eu não sei abrir passagem para o elevador — argumentou Artur.

— É fácil. Ou vai ser, porque os Feiticeiros de Sábado, encarregados de manter os elevadores fora de funcionamento, vão estar distraídos. Se isso não acontecer, usamos a Quinta Chave para sair, nos reorganizamos e voltamos pelo mesmo caminho. O que acha?

— Arriscado. Mas a parte do disfarce pode funcionar. Se eu resgatar Suzy e nós três conseguirmos escapar, já está muito bom. Tenho que voltar à Terra. Preciso fazer uma coisa importante.

— Esqueça a Terra! — insistiu o corvo. — A Terra vai ficar bem. Nossa preocupação deve ser a Casa...

— Não é a mesma coisa? Quer dizer, se a Casa se for, acaba tudo.

— Quem falou? Não é nada disso.

— Mas... todo mundo... — gaguejou Artur. — A Arquiteta fez a Casa e os Reinos Secundários...

— Isso é o que dizem os Habitantes. Ela fez a maior parte da Casa depois de fazer o Universo. Aposto que quem criou os Reinos Secundários foi Sábado, a mentirosa. A Arquiteta fez a Casa para observar e registrar o que acontecia no Universo, porque achou interessante, não o contrário.

— Você disse “a maior parte da Casa”. A maior parte?

— Isso mesmo. Os Jardins Incomparáveis surgiram do Vazio.

— Quer dizer que eles são o epicentro do Universo? O que acontece, se os Jardins Incomparáveis forem destruídos?

— Tudo se acaba. É o fim da criação. Estamos perdidos.

— Então, o que se diz é basicamente verdade — concluiu Artur. — Isso significa que, enquanto o último pedaço (o primeiro) da Casa não for

destruído, o restante do Universo sobreviverá.

— Acho que sim. Se quiser falar em termos técnicos — concordou o corvo. — Aquilo é uma porta?

Com essa pergunta, ele voou pelo meio da escada em espiral.

Mergulhado em pensamentos, Artur foi atrás, mais devagar.





Capítulo 19

— Espere, não abra! — gritou Artur.

Tarde demais.

O corvo tinha saltado sobre a maçaneta e, depois de fazer força para baixo, empurrou a porta com o bico. Ao ouvir o chamado de Artur, ele se voltou, deixando a porta entreaberta.

— O quê?

Cautelosamente, Artur espiou. Em uma praça pavimentada, onde, a uma distância de no máximo 1 metro, estavam dois Feiticeiros Excedentes, felizmente de costas para a porta. Mais além, agrupavam-se pelo menos 2 mil Habitantes, entre os quais estavam Feiticeiros de escalões variados e centenas de outros Feiticeiros Excedentes. Todos carregavam os guarda-chuvas dobrados, apesar da chuva, e olhavam fixamente para uma enorme plataforma de ferro na base da torre.

A plataforma tinha mais ou menos as dimensões de um campo de futebol e ficava a quase 4 metros de altura. Feita de milhares de placas soldadas, parecia o convés de um velho navio, sem casco nem mastros. Localizada perto da torre, tinha as laterais protegidas por uma dúzia de rodas de 4, 5 metros de altura e ostentava, em cada canto, torres de vigia sem teto, onde outros Feiticeiros se amontoavam.

Mas os Feiticeiros da praça não estavam interessados exatamente na plataforma. Eles olhavam para uma construção sobre a plataforma: algo parecido com um projétil gigante. O cilindro, de centenas de metros de altura, tinha a metade de baixo de bronze maciço e a metade de cima era de varetas de bronze, como uma estranha gaiola. Essa parte superior se dividia em oito níveis com piso de vime trançado, como as cestas onde as pessoas viajam nos balões. A ligação entre os níveis era feita por uma escada de metal estreita que percorria todo o cilindro, do “cartucho” maciço ao topo da seção aberta.

Sobre o foguete, ou o que quer que fosse aquilo, uma dúzia de robôs de oito pernas flexionavam os tentáculos. Em volta deles, 50 ou 60 crianças que trabalhavam na manutenção das correntes voavam, a maior parte delas levando pedaços brilhantes de metal.

Como as crianças também olhavam para cima, Artur resolveu ver o que era, não sem antes fechar um pouco a porta, para não ser descoberto.

Afastando uma gota de chuva que teimava em entrar no seu olho, ele enxergou uma forma escura que só podia ser composta de Nada. A forma descia lentamente sob a chuva, em direção ao cilindro vazado de bronze — tão lentamente que a princípio pareceu levitar por meios próprios. Somente depois de acostumar os olhos à escuridão, ele percebeu riscos quase apagados de luz sobre a superfície do objeto, provocados pelas Cordas Imateriais utilizadas por centenas de Habitantes voadores para levá-lo até o foguete de bronze.

O que incomodou os olhos de Artur não foi o brilho das cordas, mas a escuridão do objeto, que ele identificou imediatamente: um projétil recheado de Nada por meio de feitiçaria, como o que o Tocador de Gaita tinha usado para interromper o movimento do Grande Labirinto. Tratava-se, no entanto, de um artefato muito mais comprido — Artur calculou o comprimento em cerca de 30 metros — e fino, além de incrivelmente pontudo.

Os Habitantes posicionaram o objeto na direção do cilindro vazado de bronze. Em seguida, alguém do grupou gritou uma ordem e todos soltaram as cordas. O projétil caiu em linha reta pelos últimos metros e foi apanhado pelos robôs, cujos tentáculos tinham uma cobertura protetora que faiscava em contato com o Nada. Eles giraram um pouco, buscando a posição certa, e encaixaram o projétil no lugar. As crianças entraram em ação imediatamente, aplicando uma espécie de colar, de um material cintilante, mas transparente — era provável que fosse Vidro Imaterial — para prender o projétil em cima do cilindro.

— É o veículo de Sábado que vai perfurar por baixo os Jardins Incomparáveis.

A explicação foi dada pelo Testamento em tom mais alto do que seria do gosto de Artur, que fechou a porta antes de responder.

— Você precisa tomar mais cuidado e falar menos. Há milhares de Habitantes lá fora.

— Pensei que estivesse falando baixo — justificou-se o Testamento, abaixando só um pouco o tom de voz. — Faz muito tempo que não tenho um corpo físico. Não é fácil se acostumar a uma garganta... e a um bico.

— Esforce-se mais, então — aconselhou Artur.

— Está certo.

Desta vez, a voz do corvo falou tão baixinho que Artur teve dificuldade de ouvi-lo, quando ele continuou:

— Só queria dizer que, se aquele é o veículo que Sábado vai usar para romper os Jardins, é provável que todos os Habitantes embarquem nele. E quando estiverem lá poderemos escapar.

— Deve ser a invasão mencionada nas ordens que Alice recebeu. E aquele é o tal Elevador Externo Número Um ou seja qual for o nome da coisa.

— O nome não importa. O importante é que suba. Quanto mais cedo Sábado começar a lutar com Domingo, mais fácil fica a nossa escapada para o outro lado da torre.

Artur fez que sim e, observando os pés descalços e o macacão rasgado, concluiu:

— Preciso de roupas.

— Sem problemas!

Dizendo isso, antes que Artur pudesse impedir, o Testamento foi até a porta, abriu-a e, com um pulinho, transformou-se de imediato em uma criança terrivelmente desganhada, igual às que cuidavam das engrenagens.

Ele se dirigiu ao Habitante mais próximo, que respondeu em voz suficientemente alta para ser ouvido, não apenas por Artur, mas por quem estivesse a até 20 metros de distância.

— Tem certeza? Você me chamou? Disse o meu nome, Uox-Rot?

— Foi — confirmou o Testamento disfarçado. — Isso mesmo. Uox-Rot. Entre ali.

Artur se encostou na parede, temendo não ter sido suficientemente claro ao estabelecer as regras com o Testamento. Afinal, não tinha a chave inglesa para se defender nem sabia se seria capaz de agarrar o Habitante — um Feiticeiro Excedente — pelo pescoço ou lhe dar um soco. Pensava nisso quando ele entrou, seguido de perto pelo Testamento, que fechou a porta.

O Habitante olhou para Artur, que ergueu as mãos e mostrou os punhos cerrados. Enquanto o recém-chegado se mantinha quieto com expressão triste, Artur abaixou os braços e disse:

— Só quero o casaco, o chapéu e as botas. Entregue-me tudo.

— O quê? — estranhou o Habitante. — Você não tem uma carta para mim?

— Não — respondeu Artur.

Ele sentiu crescer dentro de si a raiva que sentia quando era contrariado por criaturas insignificantes.

— Eu sou Artur! Dê-me...

Ouviu-se um toc, e o Habitante de repente caiu no chão. O corvo pulou da parte de trás da cabeça dele, onde estava empoleirado e onde havia acabado de aplicar um golpe certo com uma pedra redonda, dizendo:

— Por que ficou conversando com ele? Era só lhe dar um soco e pronto!

— Eu ia dar — protestou Artur, abaixando-se para tirar o casaco do Habitante inconsciente. — Mas ele parecia tão triste, digno de pena...

As roupas não caíram mal em Artur. Ainda assim, fizeram sozinhas pequenos ajustes, ficando perfeitas. Ele chegou a pensar se não teria crescido um pouco nos últimos minutos, por precisar se passar por um Habitante. Se o Testamento achou que ele podia ser tomado por um Servente de Banheiro, isso significava que devia estar com mais de 1,80 metro. “Quase da altura de um astro do basquete, como meu irmão Eric”, ele pensou com uma ponta de melancolia.

“Talvez Eric esteja morto. Pode ser que tenha morrido quando o hospital foi bombardeado. Para minha idade, eu não deveria ser tão alto. Tenho a impressão de estar deixando de ser quem era... cada vez mais depressa... e talvez nunca mais volte ao normal...”

Ele tinha acabado de se vestir, transferindo a preciosa sacolinha para o bolso do casaco, e pegava o guarda-chuva preto, quando a porta se abriu de repente. Rápido como um raio, o Testamento se transformou em cobertor e se jogou sobre o Habitante desmaiado no chão.

Uma Feiticeira de guarda-chuva amarelo olhou para dentro e gritou para Artur:

— Depressa, idiota! Estamos embarcando! Venha!

Ela permaneceu de pé, enquanto Artur puxava a aba do chapéu para esconder o rosto e tentava pensar. Como ele não se movia, ela insistiu com firmeza, usando o guarda-chuva para enfatizar o que dizia:

— Não temos o dia todo! Se demorar mais um instante, vou colocar seu nome no relatório! É Uox-Rot, não?

— Desculpe — falou Artur em voz baixa.

Ele se encaminhou para a porta, pensando se deveria arrastar o Habitante para dentro, de modo que o Testamento o atacasse com uma pedrada na cabeça. Mas logo desistiu; outros Feiticeiros tinham ouvido os gritos e

olhavam para lá. Por isso, simplesmente obedeceu ao chamado. Ao fechar a porta, percebeu um movimento pelo canto do olho e estremeceu ao sentir o Testamento lhe subir pela manga do casaco, sob a forma de algo semelhante a uma barata.

Os Habitantes tinham deixado de ser uma multidão desorganizada, de olhos fixos no foguete de bronze, e formavam uma extensa fila que ziguezagueava, tomando a praça. Os primeiros já subiam pelas escadas externas e, ao chegar à parte de bronze maciço, mantinham a formação nos diferentes níveis.

Artur pegou o último lugar da fila. O Habitante que ocupava o lugar à frente dele — um Feiticeiro Excedente — olhou para trás por um instante, mas com um longo suspiro seguiu caminhando. Artur procurou imitar a postura do companheiro, arrastando os pés e mantendo o queixo quase enterrado no peito, para proteger o rosto.

O percurso até o foguete foi demorado. Assim, Artur teve tempo de calcular quantos Feiticeiros embarcavam: cerca de 5 mil. A maioria era de Feiticeiros Formados e alguns carregavam guarda-chuvas prateados ou dourados, o que indicava um grau elevadíssimo. No nível mais alto, onde eles se reuniam, dezenas de Habitantes usavam brilhantes cartolas de cetim, típicas dos Auditores Internos, tal como os que haviam sido mortos pelo Tocador de Gaita no refúgio de Sexta-Feira, na Casa Intermediária. Em um dos níveis um pouco abaixo, Indolentes Inteligentes estavam sentados na lateral do veículo, balançando as pernas por entre as barras.

Quando se aproximava da entrada, Artur reparou em um Feiticeiro com um guarda-chuva que tinha as cores do arco-íris. Sua função era verificar se os nomes dos Habitantes constavam de uma lista que tinha em mãos. O pior, no entanto, era a presença de um Habitante com mais de 2 metros de altura, de ar arrogante, usando um fraque prateado perfeito, calça bem preta e botas muito lustrosas, além de um sobretudo com sete capas sobre os ombros. As gotas de chuva nem chegavam a tocá-lo; evaporavam antes.

“Deve ser Crepúsculo de Sábado. Ele vai me identificar, com certeza... e os 5 mil Feiticeiros vão acabar comigo.”

Tentando agir natural mente, Artur levou a mão ao rosto e coçou o nariz. Assim, com a boca parcialmente coberta, sussurrou:

— Testamento!

Uma barata albina, com a palavra “Testamento” escrita nas costas em letras vermelhas, arrastou-se do pulso à palma da mão de Artur.

O Testamento se comunicou com Artur em pensamento: *“Basta pensar em mim. Não precisa falar.”*

“É mesmo. Tinha esquecido. Crepúsculo de Sábado está à frente. Seria bom que você o distraísse. Talvez tomar a forma de Rato Criado e fugir para resgatar Suzy, porque não sei se vou poder...”

“Isso não se sabe. Além do mais, não acredito que Crepúsculo de Sábado o reconheça. Há magia por toda parte. Aquela coisa de bronze está cheia de feitiçaria. E a plataforma também. Eles empregaram 250 Feiticeiros de nível executivo para fazer aquilo subir. Mantenha a cabeça baixa.”

“Ainda assim, quero que vá resgatar Suzy!”, insistiu Artur. “Agora, enquanto ainda é possível.”

“Não. Minha tarefa era encontrar o Herdeiro Legítimo. Agora que o encontrei, vou ficar aqui. Pode ser que ainda tenhamos uma chance com a Chave. Tudo pode acontecer, com o Exército do Tocador de Gaita embaixo e os insetos de Domingo em cima.”

— Nome? — perguntou o Feiticeiro de guarda-chuva dourado.

Artur abaixou a mão, e o Testamento se escondeu na manga de seu casaco.

— Hã... Uox-Rot — falou Artur em voz baixa.

— É o último — avisou o Feiticeiro. — Suba a escada e procure seu lugar.

Enquanto Artur subia a escada, o Feiticeiro se voltou para Crepúsculo de Sábado, que tinha encaixado um monóculo no olho direito e olhava para o chão.

— O embarque está quase completo, senhor.

— Vamos partir imediatamente. As forças do Tocador de Gaita acabaram de se reunir e estão subindo. Podem ocupar o Fundo. Eles não vão subir muito e logo estaremos nos Jardins.

— Os Jardins são tão belos quanto dizem? — perguntou o Feiticeiro, iniciando a subida.

Seguido por Crepúsculo, ele estava a menos de cinco metros de Artur, que escutava toda a conversa.

— Logo vamos saber. Acho que não vai demorar — respondeu Crepúsculo.

Com uma das mãos, ele se segurou na escada e, com a outra em concha junto da boca, gritou para outro Feiticeiro de guarda-chuva dourado, de vigia na torre do canto mais próximo da plataforma:

— Para cima!





Capítulo 20

Os Feiticeiros Excedentes ocupavam o nível mais baixo do foguete, imediatamente acima do estojo maciço. Pelos furos do piso de vime, Artur enxergava o metal. Ele não queria pensar no que podia haver lá dentro, mas calculou que fosse algum tipo de propulsão. O veículo com certeza seria disparado em direção à parte de baixo dos Jardins Incomparáveis e o local mais favorável para isso, pelo jeito, era o alto da torre.

Artur teve sorte em ser um dos últimos a subir a bordo, pois assim ficou perto das barras, onde podia se mexer e olhar para fora. Os Habitantes que ocupavam a parte de dentro estavam espremidos uns contra os outros.

Perto de Artur, ninguém falava. Olhando através das barras, ele viu quando os Feiticeiros na torre de vigia, situada na plataforma bem abaixo dele, encaixaram seus guarda-chuvas prateados e dourados nos buracos do ferro trabalhado. Em seguida, viraram os cabos dos guarda-chuvas para o lado e, usando-os como se fossem estantes de partituras musicais, colocaram ali seus livros. Então, sem que se visse ou ouvisse algum sinal, começaram a escrever com penas de pavão.

Artur sentiu o poder que vinha da escrita, o que lhe provocou certa sensação de enjoo e desconforto. A plataforma silenciosamente se elevou, subindo pela parte lateral da torre.

Durante a subida, foram constantes os comentários entre os Feiticeiros Excedentes:

- Vamos todos morrer.
- Aposto que morro primeiro.
- Vamos morrer ao mesmo tempo.
- Talvez, não. Pode ser que, depois de gravemente feridos, sejamos rebaixados novamente.
- Você sempre enxerga o lado bom das coisas, Atelberto.
- Não concordo. Acho que vou morrer.
- Não sei como nos puseram aqui. Pensei que fôssemos para a linha de frente.

— Perda de tempo irmos na frente. Aqueles besourões nos fariam em pedaços num piscar de olhos.

— Que besourões?

— Silêncio! — bradou uma voz autoritária, vinda do meio dos Habitantes espremidos.

Artur estremeceu ao sentir outra onda de feitiçaria, emitida pelos Habitantes que ocupavam as vigias. A plataforma passou a subir ainda mais depressa. Como estava no lado do veículo mais distante da torre, ele não pôde ver exatamente a que altura tinham chegado, mas olhando para baixo calculou terem passado por 200 a 300 andares.

— Por que ficou um pouco mais baixo do que os outros, Uox-Rot? — perguntou um Habitante posicionado atrás de Artur.

— Rebaixamento extra — respondeu Artur entre dentes.

O silêncio que se seguiu estava carregado de medo e admiração.

— Rebaixado e morto por um besouro, tudo no mesmo dia. E eu que me achava infeliz — alguém resmungou.

“Isso é que é pensamento positivo, não?”, falou o Testamento direto para a mente de Artur.

“Talvez estejam sendo realistas. Tem alguma ideia quanto ao que devo fazer?”

“Aguente firme e espere a oportunidade. Quando ela aparecer, não a perca.”

“Grande ajuda...”

— Feiticeiros que tenham boa visão do exterior. Fiquem atentos! — a voz de comando veio de dentro e ecoou pelos andares inferiores.

Os Habitantes próximos a Artur se movimentaram, posicionando os guarda-chuvas fechados em meio às barras. Ele fez o mesmo, embora não soubesse por quê.

— Estamos chegando ao andar de número 61. 660 e nosso destino é o 61. 850. Preparem-se para um contra-ataque. Se for verde e com as cores do arco-íris, atirem!

— Uox-Rot — sussurrou o Habitante à esquerda de Artur. — Para acertar, mentalizamos primeiro uma brasa incandescente ou a ponta da chama de uma vela? Não lembro bem...

— Ah, não sei — respondeu Artur, tentando fazer uma voz baixa e triste, como seria a do verdadeiro Uox-Rot.

— Uma brasa, é claro! — respondeu o Feiticeiro Excedente à direita de Artur. — Vocês foram reprovados em tudo?

— Em quase tudo — confirmou o da esquerda. — Brasa incandescente, brasa incandescente... Ei, o que é aquilo?

— Calma — disse o da direita. — Aqueles são dos nossos. Pelo menos aqui.

Artur espiou pelas barras. A plataforma erguia o foguete a uma velocidade absolutamente inesperada, pelo menos igual à da corrente em que ele tinha viajado. Assim, o ar em movimento, o balanço do veículo e os empurrões involuntários dos Habitantes dificultavam a visão.

Centenas de metros acima e se aproximando rapidamente, o céu tinha riscos de fumaça. Faíscas surgiam como silenciosos fogos de artifício em cores brilhantes que duravam apenas alguns segundos. Artur ouvia apenas o zumbido da plataforma em movimento e a respiração dos Habitantes em volta dele.

As faíscas eram disparadas por milhares de Habitantes que voavam em círculo, uns cem metros acima da torre. Nos primeiros instantes, o excesso de luz e de fumaça impediu que Artur percebesse qual era o alvo. Depois, ele viu uma espécie de tentáculo verde, com pelo menos 120 metros de comprimento e 3 metros de espessura, sair da nuvem, estalar como um chicote e atacar um Habitante que havia ousado voar alto demais. Todos se encolheram ao ver o tentáculo destruir as asas do Habitante. O ferimento deve ter sido gravíssimo, porque ele, ou ela, caiu imediatamente, como uma fruta madura.

— Aquilo vai nos fazer em pedaços, com certeza — comentou um dos vizinhos de Artur.

— Não — argumentou outro. — Daqui até lá são uns bons 500 metros. Este foguete vai ser disparado de cima da torre, longe do alcance daquela coisa. Vamos passar no meio dos tentáculos como uma faca quente cortando um pedaço de manteiga. Claro, que, depois disso, viramos alvo fácil para os besouros.

— Nunca vi um pedaço de manteiga...

Artur deu pouca atenção aos lamentos dos Habitantes em volta. Observava um novo ataque e estremeceu ao ouvir o estalo, embora já o esperasse. A plataforma reduziu a velocidade e começou a manobrar de lado. O Habitante estava certo ao prever que não chegariam perto do tentáculo. Artur percebeu

também uma redução na energia mágica emitida pelos Habitantes que ocupavam as torres de vigia.

A plataforma começou a girar, alterando o campo de visão de Artur, que pôde enxergar o canto e a lateral da torre. Estavam na altura do topo, de onde era impossível ver o solo, mais de 5 mil metros abaixo.

Em cima, a torre ficava muito, muito mais estreita do que nos níveis que Artur havia visitado. Os 15 últimos eram os mais estreitos, com apenas 5 compartimentos em cada face. No ponto mais alto, bem no meio, só havia um compartimento, de tamanho equivalente a quatro escritórios. Embora tivesse estrutura de ferro, as paredes e o teto eram de cristal.

De dentro do compartimento, alguém observava a plataforma e o foguete se voltarem lentamente para... para *Ela*. Artur a viu.

Sábado Superior. Tinha que ser. Com 2, 5 metros de altura, no mínimo, não dava para perceber se seus cabelos eram louríssimos ou se usava um capacete de metal. Certamente vestia um tipo de armadura, com o peitoral em ouro avermelhado brilhante como o crepúsculo, e braços e pernas feitos de placas metálicas nos diferentes tons do sol da tarde.

A plataforma se posicionou de modo que a porta do andar mais baixo do foguete ficasse alinhada com o compartimento de Sábado. Exatamente a porta onde Artur estava. A porta por onde Sábado com certeza pretendia passar.

— Afastem-se! Abram caminho! — gritou uma voz de comando.

Para obedecer, Habitantes se amontoaram sobre Artur, empurrando-o para longe da porta. Assim, abriu-se um caminho até a escada interna que levava ao andar de cima do veículo.

Artur até levou uma cotovelada no rosto, mas não reclamou. Apenas chegou um pouco para a direita, de modo que pudesse espiar pelo espaço de no máximo 5 centímetros, entre os ombros de dois Feiticeiros que estavam em sua frente.

Sábado Superior tocou a parede de seu escritório, e o cristal se dissolveu em partículas de luz que, girando, teceram um par de asas brilhantes. Ela bateu duas vezes as asas, ajustadas a seus ombros, e lançou-se cortando o espaço vazio até a abertura entre as barras de bronze, que serviam de porta. Depois de uma aterrissagem que mais parecia um passo de balé, Sábado atravessou a multidão com passos firmes, sem um olhar sequer para os Habitantes, que inclinavam a cabeça e tentavam fazer reverências, apesar do espaço apertado e das muitas cabeçadas dolorosas.

“Ali, na mão dela!”, o Testamento se comunicou por pensamento com Artur. “A Chave. Você podia pegá-la. Não, melhor não...”

“Definitivamente, não!”, pensou Artur.

Na ponta dos pés, ele esticou o pescoço para ver o que Sábado levava na mão. Não era um guarda-chuva nem um objeto grande, como uma faca, mas alguma coisa fina e curta...

“É uma pena. Uma pena de escrever.”

Sábado subiu a escada interna, sumindo da vista de Artur. A plataforma subiu mais uns 8 metros e se posicionou na direção do meio da torre. Então, enquanto penas de pavão eram agitadas ao som dos rangidos provocados pelo atrito de ferro contra ferro, assentou-se sobre o topo da torre. Em um minuto, as crianças encarregadas da parte mecânica chegaram voando e dezenas de robôs escalaram as paredes, já que eram encarregados de fixar a plataforma à torre.

Artur apenas observava. Era difícil dizer com precisão, mas ele calculou que as nuvens estivessem uns 250 metros acima. Como os tentáculos só alcançavam cem metros, havia uma margem de segurança de 150 metros. Provavelmente aquela era a distância ideal para o veículo romper a base dos Jardins Incomparáveis.

Enquanto crianças e robôs desapareciam sob a plataforma para cumprir suas tarefas, um grito veio de baixo, chamando a atenção de Artur.

— Preparar para o lançamento! — a voz de comando saiu de dentro do foguete.

Todos os Habitantes se agarraram às barras. Artur imitou o gesto e dobrou os joelhos.

— Acender a mecha azul! — gritou a mesma voz.

Artur não via exatamente o que se passava no meio do veículo. Percebeu apenas uma súbita erupção, um jato vertical de centelhas que atingiram o piso de vime, mas que, surpreendentemente, não o destruíram.

— Cinco... quatro... três... dois... um... Fogo!

A não ser por um chiado, nada aconteceu.

— Fogo? — insistiu menos firme a voz.

— O que está havendo aí embaixo? — perguntou uma voz feminina fria e muito clara. — Será que vou ter que fazer tudo?

Artur estremeceu.

— Não, senhora — a primeira voz, carregada de humildade, respondeu. — Temos outra bucha. Eu mesmo vou acender.

Passado um minuto, houve outro forte jato de centelhas.

— Cinco... quatro... três... dois... um... Humm...

A violenta sacudidela que se seguiu fez os Habitantes caírem de joelhos. Artur foi jogado de um lado para o outro e acabou machucando as costelas e as pernas nos cabos dos guarda-chuvas.

Enormes nuvens de fumaça subiram e o veículo partiu da plataforma, alcançando uma velocidade incrível.

Passados apenas quatro segundos, Artur ouviu o primeiro e terrível estalo de uma série provocada pelo tentáculo.

Crack! Crack! Crack!

Com o choque, as barras de metal vibraram como sinos, e o foguete sacudiu, mas não se desviou do alvo: as entranhas dos Jardins Incomparáveis.

— Preparar! Preparar para o impacto!

Para a maioria dos Habitantes, o aviso chegou tarde demais. Poucos restaram de pé, lembrando a Artur as vezes em que brincou de Twister, um jogo de habilidade física.

No momento do impacto, todos bateram no teto e caíram de novo. Artur foi massacrado pelo que lhe pareceu uma louca combinação de cotovelos e joelhos, além de pontas e cabos de guarda—chuvas. Se ele ainda fosse humano, estaria cheio de hematomas e teria quebrado todos os ossos do corpo. Naquela situação era melhor, para o corpo e para a mente, que ele não fosse humano.

Quando o veículo atravessou o solo dos Jardins Incomparáveis, tudo escureceu. Então, enquanto um Habitante com um mínimo de iniciativa acendia a luz colorida de seu guarda-chuva para iluminar o ambiente, uma terra escura começou a escorrer por entre as barras como se fosse água, ameaçando cobrir e sufocar todo mundo.

— Protejam os flancos! — gritou alguém.

Guarda-chuvas foram abertos e os Habitantes começaram a dizer palavras mágicas, que pareciam perfurar a testa de Artur, embora ele não sentisse exatamente dor.

Os guarda-chuvas abertos e as palavras mágicas estancaram a enxurrada de terra. Quando o foguete começou a reduzir a velocidade, ouviram-se gritos de

alegria vindos da parte de cima. O veículo parou, afinal. Em volta, só se via terra.

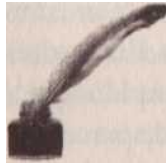
— Pronto! — gritou de cima um Habitante. — Rompemos o solo!

— Vamos! — gritou outro. — Às escadas e à vitória!

Sem largar o guarda-chuva, Artur estava começando a se levantar, quando foi derrubado novamente por uma Habitante que gritava desesperadamente, agarrada a uma enorme minhoca dentuça que tinha passado pelas grades. Pela boca aberta do bicho, via-se a escuridão do Nada, em vez da garganta.

Portanto, tratava-se de um Nadica, pelo menos em parte.

Artur espetou a criatura com a ponta do guarda-chuva, enquanto pensava: “Morra! Brasa incandescente ou chama de vela... Seja lá o que for... Morra! ”





Capítulo 21

Uma chama quentíssima, de quase 2 metros de comprimento, atingiu a minhoca, queimando o corpo todo dela, sem, no entanto, tocar a Habitante que estava sendo atacada. Por um instante, ela olhou para as cinzas que restaram em suas mãos, mas logo bateu palmas, dizendo:

— Morreu!

— Pelo menos não foi reprovado no curso avançado sobre explosões — alguém comentou. — A situação de emergência fez você agir como nós. Epa! Outra!

Chamas, faíscas, rajadas saltaram dos guarda-chuvas, tentando conter a invasão das enormes minhocas dentuças, que se esgueiravam por entre as grades. Os Habitantes gritavam e lutavam, mas muitos sucumbiam às mordidas envenenadas pelo Nada, ao estrangulamento e aos feitiços lançados pelos próprios companheiros.

— Para cima! Para cima! — gritou um Habitante. — A batalha não é aqui! Vamos!

— Você poderia ter me enganado — alguém sussurrou na orelha de Artur, ao vê-lo empurrar outra minhoca de volta para a terra.

— Para cima!

Artur obedeceu, recuando em direção à escada interna. Apesar do esforço de Habitantes e Feiticeiros Excedentes, as minhocas continuavam a entrar. Restaram para contê-las apenas a feitiçaria e um círculo cada vez mais reduzido de Habitantes.

A certa altura, somente Artur e quatro Habitantes rodeavam a base da escada, lançando desesperadamente chamas sobre o verdadeiro caldeirão de minhocas que se retorciam, avançando em direção a eles.

— Não podemos subir! Se um sair daqui, os outros ficam desprotegidos! — disse um Habitante. — Eu sabia que isso ia acabar assim...

— Cale a boca! — gritou Artur.

A quantidade de minhocas era assustadora e as chamas eliminavam poucas de cada vez.

“Há tanta magia no ar que, se eu usar um pouco, talvez ninguém note”, ele pensou.

Enquanto batia em uma minhoca com o guarda-chuva, reduzido a um amontoado de metal e tecido, Artur apalpou o bolso do casaco com a mão esquerda. Lá, encontrou e abriu a sacolinha que guardava a Quinta Chave e, com apenas dois dedos, tocou o vidro frio e liso do espelho. Então, falando tão baixo que nem ele mesmo ouvia, em meio ao chiado das minhocas sendo consumidas pelo fogo, falou:

— Pelo poder da Quinta Chave, destruam-se todas as minhocas que me cercam. Que seja como se elas jamais tivessem existido!

Com um intenso clarão e uma nota da mais bela música, as minhocas desapareceram. Não sobraram nem as cinzas ou pedaços de carne queimada.

— Agora, sim — disse Artur.

Ele ouvia gritos, explosões, o estalar do fogo e palavras mágicas destinadas a provocar destruição.

— Para cima! — comandou.

Assim que ouviram a ordem, os outros Habitantes subiram a escada com uma rapidez digna da aprovação de Alice.

— Eles têm mais medo de você do que das minhocas — falou o Testamento, rindo.

Em seguida, ele saiu da manga do casaco de Artur sob a forma de um corvo de menos de 10 centímetros. Ao chegar ao ombro dele, porém, voltou ao tamanho normal e continuou:

— Eu esperaria um pouco. Ela já sabe que você está aqui.

— O quê? — estranhou Artur. — Eu pensei que, com tanta feitiçaria no ambiente...

— É diferente da feitiçaria da Chave. Mas o momento é favorável. Os aliados de Domingo estão atacando. Vamos agir depois deles. Melhor esperar.

— Esperar aqui?

Como que em resposta à pergunta de Artur, o veículo tremeu, enquanto o piso despencava por vários metros, inclinando-se para um lado.

— Talvez não — admitiu o corvo. — Para cima, depressa!

Artur subiu três lances de escada tão rapidamente que teve a impressão de ser um foguete. Precisou reduzir a velocidade, porém, ao encontrar a fila de Habitantes que tentavam correr, mas não tinham tanta agilidade. O veículo sacudia e mudava de direção constantemente. Olhando para os andares

inferiores, ainda iluminados pelos guarda-chuvas dos Habitantes mortos, Artur notou que em todos faltavam pedaços.

— Depressa! — gritou a Habitante que ia na frente de Artur. — Está tudo desmoronando!

Depois de olhar para baixo, ela acrescentou:

— E caindo lá embaixo!

Artur olhou. Os andares inferiores tinham desaparecido. Ele viu apenas um buraco mais ou menos do tamanho do foguete e, ao fundo, pequenas nuvens. Muito mais abaixo, surgia uma forma verde indistinta: o topo da torre.

— Depressa! — repetiu a Habitante.

Todos se apressaram, enquanto outros pedaços do veículo despencavam, atravessando o buraco, para cair sobre a torre ou fazer uma jornada ainda mais longa: vários quilômetros, até a base da Casa Superior.

Artur chegou ao último andar se sentindo uma bolha de ar que atravessasse a água da banheira. Não encontrou o projétil de Nada, destruído durante a tentativa de invasão dos Jardins Incomparáveis.

A travessia do solo não tinha sido completa, porém. Artur olhou em volta, piscando os olhos, até acostumá-los à suave luz do sol. Faltavam uns 5 metros para a ponta do veículo chegar à borda do buraco feito pelo projétil. Algumas das escadas internas, arrancadas, estavam enfiadas na terra. Pela gritaria e pelo tumulto generalizado, ele concluiu onde estava todo mundo.

O chão começou a ceder sob os pés de Artur, obrigando-o a saltar sobre o restante da escada, cujos degraus subiu de quatro em quatro. Faltavam três quando, com a energia e a concentração de um atleta olímpico, ele se lançou sobre a borda do buraco. O Testamento grudado na cabeça do Herdeiro ajudou batendo as asas.

Com as pernas penduradas no abismo, Artur conseguiu agarrar um torrão de grama que parecia prestes a se soltar. Enquanto ele se arrastava, alcançando a segurança, o último andar do veículo e uma dúzia de infelizes Habitantes despencaram.

Antes de conseguir se levantar, Artur quase foi cortado ao meio por um bocão comprido. Desesperado, rolou pelo chão, investindo com o guarda-chuva sobre o besouro verde com quase 4 metros de comprimento que avançava sobre ele.

O besouro imediatamente fez o guarda-chuva em pedaços, o que seria uma boa tática contra um Feiticeiro normal. Artur, porém, usou esses poucos

segundos para pegar a Quinta Chave na sacola. Então, bastou se concentrar para o besouro se transformar na própria imagem refletida no espelho e, como uma estrela que se apagasse, virar um simples pontinho de luz.

Havia outros besouros, mas nenhum tão próximo a ponto de representar uma ameaça. Artur aproveitou para avaliar a situação.

Ele se encontrava em um gramado oval maravilhoso, perfeito, com 1, 5 quilômetro de largura mais ou menos. Em volta, uma cerca viva de urzes e flores silvestres era complementada por grandes árvores de folhas vermelhas e douradas, como no outono, o que impedia a visão de quem estivesse de fora.

A uma distância de apenas cem metros, em um círculo prateado, Sábado e seus colaboradores restantes se defendiam dos besouros bicudos. O caminho entre o local onde Artur se mantinha de pé e o círculo estava coalhado de corpos de Habitantes, a maioria sem cabeça. Prevendo um possível ataque dos besouros, ele se escondeu atrás de uma pilha de corpos que havia por perto, mas os grandes insetos não se aproximaram.

— É, você se deu bem — disse uma voz vinda de baixo, da altura dos joelhos de Artur.

Ele recuou assustado ao descobrir que quem falava era uma cabeça de Habitante.

— Normal. A sorte, as promoções, sempre ficam com os outros. Tomara que a gente vença. Quem está vencendo?

— Não sei — respondeu Artur.

Difícil dizer o que estava acontecendo. Além de Sábado, restavam pelo menos mil Feiticeiros, que tinham criado uma espécie de anel protetor composto de guarda-chuvas abertos. De lá, gritavam palavras mágicas ligadas a fogo e destruição, explosão e implosão, desenlace e transformação. Mas também havia pelo menos mil besouros, que ultrapassavam a barreira de guarda-chuvas e, com as bocas de alicate, rasgavam os Feiticeiros.

— Ela está vencendo esta batalha — informou o Testamento. — Além de feitiçaria comum, está usando a Chave. Veja.

No meio dos combatentes, Sábado se destacava, tendo ao lado dois Habitantes quase da mesma altura. Ela segurava a Sexta Chave com naturalidade, como um maestro segura a batuta. Artur viu quando ela cuidadosamente escreveu alguma coisa no ar. Letras brilhantes foram se juntando até formar uma fita, que saiu voando sobre as cabeças dos Feiticeiros, para atravessar os corpos dos besouros, um a um, como se

estivesse presa a uma agulha manejada por uma costureira habilidosa. Os besouros atingidos, fosse na cabeça, nas patas ou na carapaça, caíam no chão imóveis.

— Acho que a hora é esta — disse o Testamento. — Reclame a Chave. Se você a chamar, ela virá.

— Mas ainda há muitos Feiticeiros... E os besouros estão caindo como... como moscas.

— Sim, mas o que mais se pode fazer? Já disse que não sou bom em planejamento. Além disso, ela logo vai reparar em nós.

— Pensar... Preciso pensar... — resmungou Artur.

Ele olhou em volta. Para onde iria, depois de pegar a Chave? As árvores ficavam longe e provavelmente abrigavam outros insetos horríveis. Não tinha como saber o que havia adiante. Também não sabia se Domingo iria interferir. E, caso interferisse, de que lado ficaria.

O uso que Sábado fez da Sexta Chave foi decisivo. Em segundos, pelo menos a metade dos besouros de Domingo estava morta ou imóvel em volta do círculo de guarda-chuvas. E os insetos continuavam a cair, em meio aos gritos de vitória dos Feiticeiros.

— Ela reparou em nós — avisou o Testamento. — Desculpe. Acho que bati demais as asas.

Sábado e seus dois colaboradores, Meio-Dia e Crepúsculo, olhavam diretamente para Artur.

Depois de uma olhada para trás, ele tomou uma decisão. Com um movimento rápido, passou a Quinta Chave para a mão esquerda e levantou a direita, falando o mais alto que pôde:

— Eu, Artur, consagrado Herdeiro do Reino, reclamo a Sexta Chave...

Um raio saiu da mão de Sábado, dividiu-se em dois e foi na direção de Meio-Dia e Crepúsculo. Em seguida, os dois raios foram tocando os Feiticeiros e se dividindo em vários. Em questão de segundos, havia uma centena de raios e, logo depois, eram mil. O feitiço de Sábado se multiplicava. Depois de passar por todos os Feiticeiros, os raios se uniram em um relâmpago mais intenso do que os relâmpagos produzidos por tempestades naturais.

O relâmpago mágico foi direto em Artur. Ele ergueu o espelho, tentando desviá-lo ou mandá-lo de volta, mas não teve força suficiente. Derrubado, foi parar a quase dez metros de distância. Ao seu lado, o Testamento gemia.

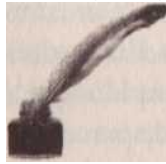
Artur caiu na beirinha do buraco e por alguns instantes balançou, quase despencando lá dentro. Acabou perdendo o chapéu.

O Testamento cravou as garras em seu braço com tanta força, batendo as asas, que fez jorrar sangue dourado.

— ... e com a autoridade da Casa Superior — continuou Artur ao recuperar o equilíbrio — eu a reclamo, por sangue e ossos...

Ele caiu, mas não interrompeu o que dizia. Suas palavras ecoaram, chegando até Sábado e seus Feiticeiros.

— ... conforme o Testamento e contra qualquer contestação!





Capítulo 22

Folha só tinha transportado vinte pessoas, quando Martine voltou. Não deu explicações. Nem falou. Apareceu no momento em que Folha tentava penosamente transferir uma das pessoas adormecidas e começou a ajudar a menina, segurando os adormecidos por baixo dos braços.

Em uma hora, cinquenta pessoas estavam acomodadas no centro cirúrgico, e Folha começou a acreditar que seria possível levar todas para lá. Não passava de um fiapo de esperança, mas era melhor do que o pessimismo que antes lhe oprimia e congelava o peito.

Elas recolhiam a 51^a, a 52^a e a 53^a, quando o relógio voltou a funcionar.

— Oh, não! — fez Martine ao ver o relógio digital mudar lentamente, muito lentamente, de 23h58 para 23h59.

— Ainda está lento — disse Folha. — O tempo. Está mais devagar. Temos mais de um minuto. Talvez dê tempo para voltarmos...

Martine empurrou a cama para o corredor com súbita energia, com mais força do que seria seguro, provocando um choque nada suave com a parede contrária. Folha hesitava, pensando na possibilidade de subir outra vez e salvar mais algumas pessoas, mas também levou um empurrão.

O relógio marcava 24 horas.

Folha e Martine correram para a cama.

— Artur, você tem que voltar e acabar com isso, agora! — gritou Folha, olhando para cima. — Não pode deixar que isso aconteça!

Martine agarrou a cama, voltando-a para o centro cirúrgico. Folha suspirou, conteve o choro e começou a empurrar.

Estavam na metade do corredor, quando o chão tremeu e as luzes apagaram. O abalo durou pelo menos um minuto, seguido por um chacoalhar terrível e pelo ruído de coisas caindo. Placas de isolamento despencaram do teto e Folha foi atingida por algumas.

De repente, tudo sossegou. Folha se agachou ao lado da cama, no escuro, de mãos dadas com Martine. Com a mente paralisada pelos últimos acontecimentos, não sabia o que fazer.

— Não posso acreditar que eles fizeram mesmo. E Artur que não volta. Só salvamos... Salvamos tão poucos... Foram salvos de Sexta-Feira, para morrerem antes de acordar...

— Não sabemos o que aconteceu. Precisamos descobrir.

A voz de Martine soou rouca e estranha.

O medo e a ansiedade provocaram em Folha um riso histérico que ela custou a dominar. As luzes verdes de emergência finalmente se acenderam, iluminando o rosto de Martine, que se curvava sobre Folha.

— Desculpe ter fugido — disse Martine. — Você é mais corajosa do que eu.

— Eu?

Folha sufocou um soluço que teimava em sair e acrescentou:

— Mas você voltou.

— É. E acredito que Artur também vai voltar.

— Acho bom!

Dizendo isso, Folha foi verificar como estavam os três adormecidos. A não ser por uma fina camada de poeira e alguns fragmentos das placas do teto, pareciam bem. Ela olhou para cima, embora só houvesse lá a fiação exposta, e completou:

— Você me ouviu, Artur! Você precisa voltar e consertar as coisas! Precisa voltar!



E no primeiro dia, havia mistério.

No segundo dia, havia escuridão.

No terceiro dia, havia piratas.

No quarto dia, havia guerra.

No quinto dia, havia medo.

No sexto dia, havia magia.